

# **A SOCIEDADE INDUSTRIAL E SEU FUTURO**

## **MANIFESTO DE “UNABOMBER”**

### **INTRODUÇÃO**

1. A Revolução Industrial e suas consequências foram um desastre para a raça humana. Elas aumentaram muito a expectativa de vida daqueles que vivem em países “avançados”, mas desestabilizaram a sociedade, tornaram a vida insatisfatória, sujeitaram os seres humanos a indignidades, levaram a um sofrimento psicológico generalizado (no Terceiro Mundo, ao sofrimento físico também) e infligiram danos severos ao mundo natural. O contínuo desenvolvimento da tecnologia piorará a situação. Certamente sujeitará os seres humanos a maiores indignidades e infligirá maiores danos ao mundo natural, provavelmente levará a uma maior ruptura social e sofrimento psicológico, e pode levar a um aumento do sofrimento físico mesmo em países “avançados”.
2. O sistema industrial-tecnológico pode sobreviver ou pode entrar em colapso. Se sobreviver, pode eventualmente atingir um baixo nível de sofrimento físico e psicológico, mas somente após passar por um longo e muito doloroso período de ajuste e somente ao custo de reduzir permanentemente seres humanos e muitos outros organismos vivos a produtos de engenharia e meras engrenagens na máquina social. Além disso, se o sistema sobreviver, as consequências serão inevitáveis: não há maneira de reformar ou modificar o sistema para evitar que ele prive as pessoas de dignidade e autonomia.
3. Se o sistema entrar em colapso, as consequências ainda serão muito dolorosas. Mas quanto maior o sistema crescer, mais desastrosos serão os resultados de seu colapso, então, se ele for entrar em colapso, é melhor quebrar mais cedo do que tarde.

4. Portanto, defendemos uma revolução contra o sistema industrial. Essa revolução pode ou não fazer uso da violência; pode ser repentina ou pode ser um processo relativamente gradual que abrange algumas décadas. Não podemos prever nada disso. Mas delineamos de forma muito geral as medidas que aqueles que odeiam o sistema industrial devem tomar para preparar o caminho para uma revolução contra essa forma de sociedade. Esta não deve ser uma revolução política. Seu objetivo será derrubar não governos, mas a base econômica e tecnológica da sociedade atual.

5. Neste artigo, damos atenção apenas a alguns dos desenvolvimentos negativos que surgiram do sistema industrial-tecnológico. Outros desenvolvimentos semelhantes mencionamos apenas brevemente ou ignoramos completamente. Isso não significa que consideramos esses outros desenvolvimentos como 2 sem importância. Por razões práticas, temos que limitar nossa discussão a áreas que receberam atenção pública insuficiente ou nas quais temos algo novo a dizer. Por exemplo, como há movimentos ambientais e de vida selvagem bem desenvolvidos, escrevemos muito pouco sobre degradação ambiental ou destruição da natureza selvagem, embora consideremos isso muito importante.

## **A PSICOLOGIA DO ESQUERDISMO MODERNO**

6. Quase todos concordarão que vivemos em uma sociedade profundamente problemática. Uma das manifestações mais disseminadas da loucura do nosso mundo é o esquerdismo, então uma discussão sobre a psicologia do esquerdismo pode servir como uma introdução à discussão dos problemas da sociedade moderna em geral.

7. Mas o que é esquerdismo? Durante a primeira metade do século XX, o esquerdismo poderia ter sido praticamente identificado com o socialismo. Hoje, o movimento é fragmentado e não está claro quem pode ser chamado adequadamente de esquerdista. Quando falamos de esquerdistas neste artigo, temos em mente principalmente socialistas, coletivistas, tipos “politicamente corretos”, feministas, ativistas gays e de deficiência, ativistas dos direitos dos animais e semelhantes. Mas nem todos os que estão associados a um desses movimentos são esquerdistas. O que estamos tentando dizer ao discutir o esquerdismo não é tanto um movimento ou uma ideologia, mas um tipo psicológico, ou melhor, uma coleção de tipos relacionados. Assim, o que queremos dizer com “esquerdismo” surgirá mais claramente no curso de nossa discussão sobre psicologia esquerdista. (Veja também os parágrafos 227-230.)

8. Mesmo assim, nossa concepção de esquerdismo permanecerá bem menos clara do que gostaríamos, mas não parece haver remédio para isso. Tudo o que estamos tentando fazer aqui é indicar de forma grosseira e aproximada as duas tendências psicológicas que acreditamos serem a principal força motriz do esquerdismo moderno. Não afirmamos de forma alguma dizer toda a verdade sobre a psicologia esquerdista. Além disso, nossa discussão deve ser aplicada apenas ao esquerdismo moderno. Deixamos em aberto a questão de até que ponto nossa discussão poderia ser aplicada aos esquerdistas do século XIX e início do século XX.

9. As duas tendências psicológicas que fundamentam o esquerdismo moderno nós chamamos de “sentimentos de inferioridade” e “supersocialização”. Sentimentos de inferioridade são característicos do esquerdismo moderno como um todo, enquanto a supersocialização é característica apenas de um certo segmento do esquerdismo moderno; mas esse segmento é altamente influente.

## **SENTIMENTOS DE INFERIORIDADE**

10. Por “sentimentos de inferioridade” queremos dizer não apenas sentimentos de inferioridade no sentido estrito, mas todo um espectro de características relacionadas; baixa autoestima, sentimentos de impotência, tendências depressivas, derrotismo, culpa, ódio a si mesmo, etc. Argumentamos que os esquerdistas modernos tendem a ter alguns desses sentimentos (possivelmente mais ou menos reprimidos) e que esses sentimentos são decisivos para determinar a direção do esquerdismo moderno.

11. Quando alguém interpreta como depreciativo quase tudo o que se diz dele (ou a respeito de grupos com os quais se identifica), concluimos que tem sentimentos de inferioridade ou baixa autoestima. Esta tendência é evidente entre os defensores dos direitos das minorias, independente de pertencerem ou não à minoria cujos direitos defendem. São hipersensíveis diante das palavras usadas para designá-los. Os termos “negro”, “oriental”, “deficiente”, “índia” “para um africano, um asiático, uma pessoa impossibilitada, uma mulher originária não tinham uma conotação depreciativa.”Rapariga” era simplesmente o equivalente feminino para moça. As conotações negativas foram agregadas a estes termos pelos próprios ativistas. Alguns defensores dos direitos dos animais foram tão longe ao ponto de recusar a palavra “mascote” e fazer questão de sua substituição por “animal de companhia”. Antropólogos esquerdistas exageram ao ponto de evitar falar qualquer coisa a respeito de pessoas primitivas que possa ser interpretado como negativo: querem substituir a palavra “primitivo” por “iletrado”. Parecem quase paranoicos sobre qualquer coisa que lhes sugira que alguma cultura primitiva seja inferior à nossa. (Não queremos dizer que as culturas primitivas SÃO Inferiores à nossa. Somente apontamos a hipersensibilidade destes antropólogos).

12. Aqueles que são mais sensíveis sobre a terminologia “politicamente incorreta” não são os moradores de guetos negros, imigrantes asiáticos, mulheres abusadas ou pessoas com deficiência, mas uma minoria de ativistas, muitos dos quais nem sequer pertencem a nenhum grupo “oprimido”, mas vêm de estratos privilegiados da sociedade. A correção política tem sua fortaleza entre professores universitários, que têm empregos seguros com salários confortáveis, e a maioria dos quais são homens brancos heterossexuais de famílias de classe média a média alta.

13. Muitos esquerdistas têm uma intensa identificação com os problemas de grupos que têm um esteriótipo de débeis (mulheres), derrotados (índios americanos), repelentes (homossexuais), ou aparentemente inferiores. Nunca admitirão em seu foro interno que têm tais sentimentos, mas é precisamente por sua visão destes grupos como inferiores que se identificam com seus problemas. (Não sugerimos que mulheres, índios, etc., SÃO inferiores; só estamos fazendo uma anotação sobre a psicologia esquerdista).

14. As feministas estão ansiosamente desesperadas por demonstrar que as mulheres são tão fortes e capazes quanto os homens. Elas estão claramente esmagadas pelo medo de que as mulheres possam NÃO ser tão fortes e capazes quanto os homens.

15. Os esquerdistas odeiam todo esteriótipo do forte, bom e exitoso. Eles odeiam os Estados Unidos, odeiam a civilização ocidental, odeiam aos varões brancos, odeiam a racionalidade. As razões que dão para odiar o ocidente, etc. claramente não coincidem com seus motivos reais. DIZEM que odeiam o ocidente porque é guerreiro, imperialista, sexista, etnocêntrico, mas quando as mesmas faltas aparecem em países socialistas ou culturas primitivas, encontram desculpas para eles ou, quando muito, admitem-no RESMUNGANDO, enquanto destacam (muitas vezes exagerando muito) estas faltas quando aparecem em civilizações ocidentais. Assim, está claro que estas faltas não são os motivos reais para odiar os Estados Unidos e ocidente: odeiam os Estados Unidos e o ocidente porque são fortes e exitosos.

16. Palavras como “autoconfiança”, “segurança”, “iniciativa”, “empreendimento”, “otimismo”, etc. jogam um papel muito pequeno no vocabulário liberal e esquerdista. O esquerdismo é anti-individualista, é pro-coletivista. Querem a sociedade para que ela resolva as necessidades de todo mundo, por eles e para cuidar deles. Não é o tipo de gente que tem um sentido interior de confiança em suas próprias habilidades para resolver seus próprios problemas e satisfazer suas próprias necessidades. O esquerdista opõe-se ao conceito de competição porque, interiormente, sente-se perdedor.

17. As formas de arte que apelam aos intelectuais do esquerdismo moderno tendem a enfocar-se na sordidez, na derrota e no desespero ou, por outro lado, tomam um tom orgiástico, renunciando ao controle racional, como se não tivesse esperança de conseguir

nada através do cálculo racional e tudo o que ficou de fora deve submergir na sensação do momento.

18. Os filósofos esquerdistas modernos tendem a recusar coisas como razão, ciência e realidade objetiva e fazem questão de que tudo é culturalmente relativo. É justo formular perguntas sérias sobre os fundamentos do saber científico, sobretudo quando o conceito de realidade objetiva pode ser definido. Mas é óbvio que estes filósofos não são simplesmente coerentes de cabeça fria que sistematicamente analisam os fundamentos do conhecimento. Estão profundamente envolvidos emocionalmente em seu ataque à verdade e à realidade. Atacam estes conceitos por suas necessidades psicológicas. Seu ataque é uma saída para a hostilidade, e ao ser exitoso, satisfaz o impulso pelo poder. Mais importante, os esquerdistas odeiam a ciência e a racionalidade porque classificam certas crenças como verdadeiras (isto é, sucesso, superior) e outras crenças como falsas (isto é, fracasso, inferior). Os sentimentos esquerdistas de inferioridade estão tão profundamente arraigados que não podem tolerar nenhuma classificação de algo como exitoso ou superior e outra coisa como fracassada ou inferior. Isto também sublinha a rejeição de muitos com relação à doença mental e a utilidade das provas de inteligência. São antagonistas das explicações genéticas das habilidades ou condutas humanas porque estas explicações tendem a fazer aparecer algumas pessoas como superiores ou inferiores a outras. Preferem dar à sociedade o mérito ou a culpa para uma habilidade ou carência individual. Assim, se uma pessoa é “inferior” não é sua culpa, mas da sociedade, porque não foi educada corretamente.

19. O esquerdista não é a classe de pessoa cujos sentimentos de inferioridade fazem dela um bravo, um egoísta, um valentão, um promotor de si mesmo, um competidor cruel. Esta classe de pessoa não perdeu totalmente sua confiança. Tem um deficit em seu sentido de poder e em seu valor, mas ainda se pode conceber tendo a capacidade para ser forte, e seus esforços por fortalecer-se produzem seu comportamento desagradável. Alegamos que TODOS, ou quase todos, os fanfarrões e os competidores cruéis sofrem sentimentos de inferioridade. Mas o esquerdista vai bem além disso. Seus sentimentos de inferioridade estão tão arraigados que não pode se conceber como um indivíduo forte e valioso. Daí o coletivismo do esquerdista: só pode se sentir forte como membro de uma organização grande ou de um movimento de massas com o qual possa identificar-se.

20. Atendimento à tendência masoquista das táticas esquerdistas: protestam deitando na frente dos veículos, provocam intencionalmente à polícia ou aos racistas para que os maltratem, etc. Estas táticas com frequência podem ser efetivas, mas muitos as usam não como meios para um fim, mas porque PREFEREM táticas masoquistas. O ódio pelo ódio é característica esquerdista.

21. Podem reivindicar que seu ativismo é motivado pela compaixão ou por princípios morais, e os princípios morais exercem um papel nos esquerdistas do tipo sobressocializado, mas a compaixão e os princípios morais não podem ser os principais motivos para seu ativismo. A

hostilidade é um componente que salta aos olhos no comportamento esquerdista, do mesmo modo que o impulso pelo poder. Além disso, muitos dos comportamentos esquerdistas não são racionalmente calculados para servir de benefício àqueles a quem clamam tentar ajudar. Por exemplo, se alguém crê que ações afirmativas são boas para o povo negro, faz sentido demandar ações afirmativas em termos hostis ou dogmáticos? Obviamente, programar uma aproximação diplomática e conciliadora é mais produtivo do que fazer concessões verbais e simbólicas e implementar ações afirmativas que os discriminem. Mas os ativistas esquerdistas não tomarão tais atitudes porque não satisfarão suas necessidades emocionais. Ajudar negros não é sua verdadeira finalidade. Em vez disso, os problemas raciais servem a eles como desculpa para expressar sua própria hostilidade e frustração diante de sua necessidade de afirmação. Fazendo isto eles realmente provocam dano ao povo negro, porque a atitude hostil dos ativistas para com a maioria branca tende a intensificar o ódio racial.

22. Se nossa sociedade não tivesse nenhum problema social, teriam que INVENTAR problemas com objetivo de mostrar uma desculpa para organizar um alvoroço.

23. Enfatizamos que o precedente não pretende ser uma descrição exata de todo mundo que possa se considerar um esquerdista. É só uma indicação tosca de uma tendência geral.

## **SOBRESSOCIALIZAÇÃO**

24. Os psicólogos usam o termo «socialização» para designar o processo pelo qual os meninos são treinados para pensar e atuar como manda a sociedade. Diz-se que uma pessoa está bem socializada se ela obedece e crê no código moral de sua sociedade e se encaixa bem como parte do funcionamento desta. Pode parecer com pouco sentido dizer que muitos esquerdistas estão sobre socializados, desde que o esquerdista é percebido como um rebelde. No entanto, a posição pode ser defendida: muitos não são tão rebeldes como parecem.

25. O código moral de nossa sociedade é tão exigente que ninguém pode pensar, sentir e atuar de uma forma completamente moral. Por exemplo, supõe-se que não podemos odiar a ninguém, no entanto quase todo mundo odeia ou odiou alguém alguma vez, quer admita ou não. Algumas pessoas estão tão altamente socializadas que tentam pensar, sentir e atuar moralmente, impondo um severo ônus a si mesmas. Com objeto de eludir sentimentos de culpa, continuamente têm que se enganar sobre seus próprios motivos e encontrar explicações morais para sentimentos e ações que na realidade não têm origem moral. Usamos o termo sobre socializado para descrever tais pessoas. Durante o período vitoriano muita gente sobre socializada sofreu sérios problemas psicológicos como resultado de reprimir ou tentar reprimir seus sentimentos sexuais. Freud aparentemente baseia suas teorias em gente deste tipo. Hoje em dia o foco da socialização se transladou do sexo para a agressão.

26. A sobre socialização pode conduzir a uma baixa autoestima, sentimentos de impotência, derrotismo, culpa, etc. Um dos mais importantes recursos pelos quais nossa sociedade socializa os meninos é fazendo-os sentir envergonhados do comportamento ou da fala que é contrária às expectativas da sociedade. Se isto é excessivo ou se um garoto em particular é especialmente sensível a tais sentimentos, acaba por sentir-se envergonhado de SI MESMO. Além disso, o pensamento e o comportamento da pessoa sobre socializada são mais restringidos pelas expectativas da sociedade do que da pessoa levemente socializada. A maioria das pessoas adota uma quantidade significativa de comportamento travesso. Mente, comete roubos desprezíveis, viola normas de tráfego, gazeteia o trabalho, odeia alguém, diz coisas rancorosas ou usa truques para levar vantagem sobre outros. A pessoa sobre socializada não pode fazer tais coisas, se faz origina um sentimento de vergonha e auto-aborrecimento. A pessoa sobre socializada inclusive não pode experimentar, sem culpabilidade, pensamentos ou sentimentos que são contrários à moralidade aceita; não pode ter ideias “impuras”. E a socialização não é só um problema de moralidade; estamos socializados para confirmar muitas normas de comportamento que não estão sob o encabeçamento da moralidade. Assim a pessoa sobre socializada está retida por uma correia psicológica e passa sua vida correndo pelas trilhas que a sociedade abriu para ele. Em muita gente sobre socializada isto resulta num sentido de coação e impotência que pode ser uma severa pena. Sugerimos que a sobre socialização está entre as crueldades mais sérias que os seres humanos infligem uns a outros.

27. Deduzimos que um segmento muito importante e influente da esquerda moderna está sobre socializado e que sua sobre socialização é de grande importância na determinação da direção do esquerdismo moderno. Os esquerdistas do tipo sobres socializado tendem a ser intelectuais ou membros da classe média alta. Note-se que os intelectuais universitários, sem incluir necessariamente os especialistas em engenharia ou ciência “hard”, constituem o segmento mais altamente socializado de nossa sociedade e a ala mais esquerdista.

28. O esquerdista do tipo sobre socializado trata de fugir de sua correia psicológica e reafirmar sua autonomia rebelando-se. Mas normalmente não é suficientemente forte ao ponto de rebelar-se contra os valores mais básicos da sociedade. Em termos gerais, as finalidades dos esquerdistas de hoje NÃO estão em conflito com a moral estabelecida. Quer dizer, a esquerda toma um princípio da moral estabelecida, adota-o a sua maneira e então acusa a corrente majoritária da sociedade de violar esse princípio. Exemplos: igualdade racial, igualdade dos sexos, ajuda ao pobre, paz opondo-se à guerra, pacifismo generalizado, liberdade de expressão, amabilidade aos animais. Ainda mais fundamental, a obrigação da pessoa de servir à sociedade e a obrigação da sociedade de estar a serviço da pessoa. Todos estes foram valores profundamente arraigados em nossa sociedade (ou ao menos por muito tempo em sua classe média e alta). Há bastante gente na classe média e alta que resiste a alguns destes valores, mas normalmente sua resistência está mais ou menos encoberta. Tal resistência aparece nos meios de comunicação de massa de uma forma bem limitada. O principal impulso

da propaganda em nossa sociedade é a favor dos valores declarados. A principal razão para que tais valores prevaleçam, por assim dizer, como valores oficiais de nossa sociedade é que eles são úteis ao sistema industrial. A violência é reprovada porque transtorna o funcionamento do sistema. O racismo é reprovado porque os conflitos étnicos também o transtornam. A discriminação desperdiça o talento dos membros de um grupo minoritário que pode ser útil para o sistema. A pobreza deve ser «curada» porque a classe baixa causa problemas ao sistema e o contato com este abate a moral das outras classes. As mulheres são animadas a ter carreiras porque seu talento é valioso para o sistema e, ainda mais importante, por meio do trabalho regular as mulheres estão mais bem integradas ao sistema e se atam diretamente a ele mais do que com suas famílias. Isto ajuda a debilitar a solidariedade familiar. (Os líderes do sistema dizem que querem fortalecer a família, mas o que realmente querem dizer é que almejam que a família sirva como ferramenta eficaz para socializar aos filhos de acordo com suas necessidades. Raciocinamos nos parágrafos 51, 52 que o sistema não pode permitir à família ou qualquer outro grupo social de pequena escala ser forte e autônomo). Estes valores são explicitamente ou implicitamente expressos ou orçados em muitos dos materiais apresentado pelos meios de comunicação de corrente de opinião majoritária e pelo sistema educativo. Os esquerdistas especialmente do tipo sobre socializado, normalmente não se rebelam contra estes princípios, exceto quando justificam sua hostilidade à sociedade afirmando (com algum grau para valer) que esta não está vivendo de acordo com eles.

29. Tenho aqui uma ilustração da maneira como o esquerdista sobre socializado ao mesmo tempo em que adota uma afeição real às atitudes convencionais de nossa sociedade pretende estar em rebelião contra elas. Muitos promovem ações afirmativas, para inserir negros em trabalhos prestigiosos, melhorar a educação nos colégios negros e investir mais dinheiro em tais colégios; enquanto que a forma de vida da “classe baixa” negra é conservada como uma desgraça social. Querem integrar o homem negro dentro do sistema, fazer dele um executivo de negócios, um juiz, um cientista, simplesmente como gente branca de classe média alta. Em última análise querem mesmo é fazer do homem negro uma cópia do homem branco; dizem também querer preservar a cultura afro-americana. Mas em que consiste esta preservação? Pode consistir simplesmente em comer o estilo de comida negra, escutar música negra, vestir roupa ao estilo negro e ir a uma igreja ou mesquita negra. Em outras palavras, só podem se expressar nos problemas superficiais. Em todos os aspectos ESSENCIAIS os esquerdistas do tipo sobre socializado querem mesmo é harmonizar o homem negro aos ideais de classe média do homem branco. Querem fazer o pai negro “responsável”, querem que gangues negras se tornem não violentas, etc. Mas estes são exatamente os valores do sistema tecnológico industrial. O sistema não quer saber que tipo de música o homem escuta, que tipo de roupa veste ou em que religião crê desde que estude no colégio, tenha um trabalho respeitável, ascenda à escala social, seja um pai «responsável», seja não violento e assim sucessivamente. Efetivamente, embora muitos possam negá-lo, o esquerdista sobre socializado quer integrar o homem negro no sistema para que ele adote os valores do sistema.



30. Certamente não postulamos que os esquerdistas, inclusive do tipo sobressocializado, NUNCA se rebelam contra os valores fundamentais de nossa sociedade. Claramente algumas vezes o fazem. Alguns esquerdistas sobre socializados chegaram ao ponto de rebelar-se contra um dos princípios mais importantes da sociedade moderna pelo uso da violência física. Por sua própria conta, a violência é para eles uma forma de «libertação». Em outras palavras, cometendo violência atravessam as restrições psicológicas que foram experimentadas em seu interior. Porque estão sobre socializados estas restrições foram mais limitantes para eles do que para outros; portanto precisam liberar-se delas. Mas normalmente justificam sua rebelião em termos de valores da corrente de opinião principal. Se se comprometem na violência postulam lutar contra o racismo ou algo parecido.

31. Compreendemos que pode haver objeções ao pequeno esboço precedente. A situação real é complexa, e algo como uma descrição completa ocuparia vários volumes, mesmo que os dados necessários estivessem disponíveis. Apenas chamamos a atenção para as duas tendências mais importantes na psicologia do esquerdismo moderno.

32. Os problemas do esquerdismo remetem aos problemas de nossa sociedade como um todo. Baixa autoestima, tendências depressivas e derrotismo não se restringem à esquerda. Embora sejam especialmente notáveis nesta, se estendem a toda nossa sociedade. E a sociedade de hoje trata de socializar-nos a um grau maior do que qualquer sociedade prévia. Os especialistas nos dizem como comer, como fazer amor, como educar os nossos filhos e assim sucessivamente.

## **O PROCESSO DE AFIRMAÇÃO PESSOAL**

33. Os seres humanos têm uma necessidade (provavelmente baseada na biologia) de algo que chamaremos de processo de poder. Isso está intimamente relacionado à necessidade de poder (que é amplamente reconhecida), mas não é exatamente a mesma coisa. O processo de poder tem quatro elementos. Os três mais claros deles chamamos de meta, esforço e obtenção da meta. (Todos precisam ter metas cuja obtenção exija esforço, e precisam ter sucesso em atingir pelo menos algumas de suas metas.) O quarto elemento é mais difícil de definir e pode não ser necessário para todos. Nós o chamamos de autonomia e o discutiremos mais tarde (parágrafos 42-44).

34. Considere o caso hipotético de um homem que pode ter tudo o que quiser apenas desejando. Tal homem tem poder, mas desenvolverá sérios problemas psicológicos. No início, ele se divertirá muito, mas aos poucos ficará extremamente entediado e desmoralizado. Eventualmente, ele pode ficar clinicamente deprimido. A história mostra que aristocracias ociosas tendem a se tornar decadentes. Isso não é verdade para aristocracias lutadoras que têm que lutar para manter seu poder. Mas aristocracias ociosas e seguras que não precisam se esforçar geralmente ficam entediadas, hedonistas e desmoralizadas, mesmo tendo poder. Isso mostra que poder não é suficiente. É preciso ter objetivos para exercer seu poder.

35. Todos têm objetivos; se nada mais, obter as necessidades físicas da vida: comida, água e qualquer roupa e abrigo que sejam necessários pelo clima. Mas o aristocrata ocioso obtém essas coisas sem esforço. Daí seu tédio e desmoralização.

36. A não-realização de objetivos importantes resulta na morte se os objetivos forem necessidades vitais, e em frustração se a não-realização dos objetivos é compatível com a sobrevivência. A falha em realizar objetivos ao longo da vida resulta neste caso em derrotismo, fraca autoestima ou depressão.

37. Assim, para evitar problemas psicológicos graves, os seres humanos precisam ter objetivos cuja realização exija empenho, e certa taxa de sucesso nessa realização.

## **ATIVIDADES SUBSTITUTAS**

38. Mas nem todo aristocrata ocioso fica entediado e desmoralizado. Por exemplo, o imperador Hirohito, em vez de afundar no hedonismo decadente, dedicou-se à biologia marinha, um campo no qual se destacou. Quando as pessoas não precisam se esforçar para satisfazer suas necessidades físicas, elas frequentemente estabelecem metas artificiais para si mesmas. Em muitos casos, elas então perseguem essas metas com a mesma energia e envolvimento emocional que de outra forma teriam colocado na busca por necessidades físicas. Assim, os aristocratas do Império Romano tinham suas pretensões literárias; muitos aristocratas europeus, alguns séculos atrás, investiram tempo e energia tremendos na caça, embora certamente não precisassem da carne; outras aristocracias competiram por status por meio de elaboradas exibições de riqueza; e alguns aristocratas, como Hirohito, se voltaram para a ciência.

39. Usamos o termo “atividade substituta” para designar uma atividade que é direcionada a uma meta artificial que as pessoas estabelecem para si mesmas meramente para ter alguma meta para trabalhar, ou digamos, meramente para o bem da “realização” que elas obtêm ao perseguir a meta. Aqui está uma regra prática para a identificação de atividades substitutas. Dada uma pessoa que dedica muito tempo e energia à busca da meta X, pergunte a si mesmo: se ela tivesse que dedicar a maior parte de seu tempo e energia para satisfazer suas necessidades biológicas, e se esse esforço exigisse que ela usasse suas faculdades físicas e mentais de uma forma variada e interessante, ela se sentiria seriamente privada porque não atingiu a meta X? Se a resposta for não, então a busca da pessoa pela meta X é uma atividade substituta. Os estudos de Hirohito em biologia marinha constituíram claramente uma atividade substituta, uma vez que é bem certo que se Hirohito tivesse que gastar seu tempo trabalhando em tarefas interessantes não científicas para obter as necessidades da vida, ele não teria se sentido privado porque não sabia tudo sobre a anatomia e os ciclos de vida dos animais marinhos. Por outro lado, a busca por sexo e amor (por exemplo) não é uma atividade substituta, porque a maioria das pessoas, mesmo que sua existência fosse satisfatória, se sentiria privada se passasse suas vidas sem nunca ter um relacionamento com um membro do sexo oposto. (Mas a busca por uma quantidade excessiva de sexo, mais do que realmente se precisa, pode ser uma atividade substituta.)

40. Na sociedade industrial moderna, apenas um esforço mínimo é necessário para satisfazer as necessidades físicas de alguém. É suficiente passar por um programa de treinamento para adquirir alguma habilidade técnica mesquinha, então chegar ao trabalho no horário e exercer o esforço muito modesto necessário para manter um emprego. Os únicos requisitos são uma quantidade moderada de inteligência e, acima de tudo, obediência simples. Se alguém tem isso, a sociedade cuida dele do berço ao túmulo. (Sim, há uma subclasse que não pode tomar as necessidades físicas como garantidas, mas estamos falando aqui da sociedade dominante.) Portanto, não é surpreendente que a sociedade moderna esteja cheia de atividades substitutas. Isso inclui trabalho científico, conquistas atléticas, trabalho humanitário, criação artística e literária, ascensão na carreira, aquisição de dinheiro e bens materiais muito além do ponto em que eles deixam de dar qualquer satisfação física adicional e ativismo social quando aborda questões que não são importantes para o ativista pessoalmente, como no caso de ativistas brancos que trabalham pelos direitos de minorias não brancas. Essas nem sempre são atividades puramente substitutas, já que para muitas pessoas elas podem ser motivadas em parte por necessidades diferentes da necessidade de ter algum objetivo a perseguir. O trabalho científico pode ser motivado em parte por um impulso por prestígio, a criação artística por uma necessidade de expressar sentimentos, o ativismo social militante por hostilidade. Mas para a maioria das pessoas que as perseguem, essas atividades são em grande parte atividades substitutas. Por exemplo, a maioria dos cientistas provavelmente concordará que a “realização” que eles obtêm com seu trabalho é mais importante do que o dinheiro e o prestígio que eles ganham.

41. Para muitas, se não a maioria das pessoas, as atividades substitutas são menos satisfatórias do que a busca de objetivos reais (isto é, objetivos que as pessoas gostariam de atingir mesmo que sua necessidade pelo processo de poder já estivesse satisfeita). Uma indicação disso é o fato de que, em muitos ou na maioria dos casos, as pessoas que estão profundamente envolvidas em atividades substitutas nunca estão satisfeitas, nunca descansam. Assim, o fazedor de dinheiro constantemente se esforça para obter mais e mais riqueza. O cientista mal resolve um problema e passa para o próximo. O corredor de longa distância se esforça para correr sempre mais longe e mais rápido. Muitas pessoas que buscam atividades substitutas dirão que obtêm muito mais satisfação com essas atividades do que com o negócio “mundano” de satisfazer suas necessidades biológicas, mas isso ocorre porque em nossa sociedade o esforço necessário para satisfazer as necessidades biológicas foi reduzido à trivialidade. Mais importante, em nossa sociedade as pessoas não satisfazem suas necessidades biológicas de forma autônoma, mas funcionando como partes de uma imensa máquina social. Em contraste, as pessoas geralmente têm uma grande autonomia na busca por suas atividades substitutas.

## **AUTONOMIA**

42. A autonomia, como parte do processo de afirmação pessoal, pode não ser necessária para todos os indivíduos. Mas a maior parte, a trabalhar para os seus objetivos, precisa de autonomia em maior ou menor grau. Os seus esforços têm de ser empreendidos por sua própria iniciativa e têm de manter-se sob o seu comando e controle. No entanto, a maior parte das pessoas não precisam de exercer esta iniciativa, comando e controle como indivíduos, cada um por seu lado. Basta que o façam como membros de um grupo PEQUENO. Assim, se meia dúzia de pessoas discutem um objetivo entre si e o realizam com sucesso através de um esforço conjunto, isto serve para a sua necessidade do processo de afirmação pessoal. Se pelo contrário trabalharem sob ordens rígidas vindas de cima, que não lhes deixem espaço para decisões e iniciativas autônomas, então não serve para a sua necessidade do processo de afirmação pessoal. O mesmo se aplica quando as decisões são tomadas colectivamente por um grupo tão grande que o papel de cada indivíduo é insignificante [nota 5].

43. É verdade que alguns indivíduos parecem ter pouca necessidade de autonomia. Ou seu desejo por poder é fraco ou eles o satisfazem identificando-se com alguma organização poderosa à qual pertencem. E então há tipos animais irracionais que parecem estar satisfeitos com um senso de poder puramente físico (o bom soldado de combate, que obtém seu senso de poder desenvolvendo habilidades de luta que ele fica bastante contente em usar em obediência cega a seus superiores).

44. Mas para a maior parte das pessoas é através do processo de afirmação pessoal – ter um objetivo, fazer um esforço AUTÔNOMO e atingir esse objetivo – que se adquirem a autoestima, a autoconfiança e uma sensação de poder. Quando não tenham a oportunidade de atravessarem o processo de afirmação pessoal as consequências são (dependendo do indivíduo e da maneira pela qual o processo de afirmação pessoal lhe é bloqueado): aborrecimento, desmoralização, fraca autoestima, sentimentos de inferioridade, derrotismo, depressão, ansiedade, culpa, frustração, hostilidade, opressão/ agressão dos companheiros ou dos filhos, hedonismo insaciável, comportamento sexual fora do normal, perturbações do sono, problemas alimentares, etc. [nota 6]

## **DIAGRAMA DA ORIGEM DOS PROBLEMAS SOCIAIS**

45. Qualquer um desses sintomas precedentes pode ocorrer em qualquer sociedade, mas na sociedade industrial moderna estão presentes massivamente. Não somos os primeiros a mencionar que hoje o mundo parece enlouquecer. Isso não é normal nas sociedades humanas. Há boas razões para crer que o homem primitivo sofria menos tensão e frustração e estava mais satisfeito com sua forma de vida do que o homem moderno. É verdade que nas sociedades primitivas nem tudo era um caminho de rosas. O abuso às mulheres era comum entre os aborígenes australianos, assim como a transexualidade entre algumas tribos indígenas americanas. Mas parece que EM TERMOS GERAIS os problemas relacionados no parágrafo precedente eram muito menos comuns entre os povos primitivos do que na sociedade moderna.

46. Atribuímos os problemas sociais e psicológicos das sociedades modernas à exigência imposta aos indivíduos de viverem em condições radicalmente diferentes daquelas em que a espécie humana evoluiu e de comportarem-se em conflito com os padrões de comportamento que foram desenvolvidos nessas condições ancestrais. Ficou claro pelo exposto anteriormente que consideramos a falta de oportunidade de viver plenamente o processo de afirmação pessoal, entre as condições anormais a que as sociedades modernas sujeitam as pessoas, como a mais importante de todas. Mas não é a única. Antes de se analisar o bloqueamento do processo de afirmação pessoal como causa de problemas sociais é necessário discutir algumas das outras causas.

47. Entre as condições anormais que caracterizam as sociedades industriais modernas contam-se a excessiva densidade populacional, o isolamento do Homem da natureza, o excesso de rapidez nas mutações sociais e o desaparecimento das pequenas comunidades naturais como o clã, a aldeia ou a tribo.

48. É bem sabido que a aglomeração aumenta o estresse e a agressão. O grau de aglomeração que existe hoje e o isolamento do homem da natureza são consequências do progresso tecnológico. Todas as sociedades pré- industriais eram predominantemente rurais. A Revolução Industrial aumentou enormemente o tamanho das cidades e a proporção da população que vive nelas, e a tecnologia agrícola moderna tornou possível para a Terra sustentar uma população muito mais densa do que nunca. (Além disso, a tecnologia exacerba os efeitos da aglomeração porque coloca maiores poderes disruptivos nas mãos das pessoas. Por exemplo, uma variedade de dispositivos que produzem ruído: cortadores de grama, rádios, motocicletas, etc. Se o uso desses dispositivos for irrestrito, as pessoas que querem paz e sossego ficam frustradas com o barulho. Se seu uso for restrito, as pessoas que usam os dispositivos ficam frustradas com os regulamentos. Mas se essas máquinas nunca tivessem sido inventadas, não haveria conflito e nenhuma frustração gerada por elas.)

49. Para as sociedades primitivas o mundo natural (que em geral só muda lentamente) constituía uma referência estável e por isso inspirava um sentimento de segurança. No mundo moderno é a atividade humana que domina a natureza e não o contrário, e as sociedades modernas mudam muito rapidamente devido às mudanças tecnológicas. Não existe uma referência estável.

50. Os conservadores iludem-se: enquanto se queixam da perda progressiva dos valores tradicionais, apoiam entusiasticamente o progresso e o crescimento da economia. Aparentemente nunca lhes ocorreu que não se pode mudar rápida e drasticamente a tecnologia e a economia da sociedade sem também causar mudanças rápidas em todos os outros aspectos da sociedade, e que tais mudanças acabam inevitavelmente por sacrificar os valores tradicionais.

51. A perda dos valores tradicionais implica de certa maneira a quebra dos elos que unem os pequenos agrupamentos tradicionais. A desintegração destes grupos também é promovida pelo fato de as pessoas, nas condições modernas, terem frequentemente de mudar-se (por exigência ou tentação) para outras terras, separando-se das suas comunidades. Além disso, uma sociedade tecnológica TEM DE enfraquecer os laços familiares e as comunidades locais para poder funcionar eficientemente. Nas sociedades modernas a lealdade de cada indivíduo tem de ser primeiro ao sistema e só secundariamente à pequena comunidade, porque se as lealdades internas das pequenas comunidades fossem mais fortes do que a lealdade ao sistema, essas comunidades atuariam para se favorecerem à custa do sistema.

52. Suponhamos que um servidor público ou um executivo de uma corporação prefira nomear seu primo, melhor amigo ou correligionário para um cargo do que uma pessoa melhor qualificada para o trabalho. Permitir que a fidelidade pessoal substitua a fidelidade pelo sistema é “nepotismo” ou “discriminação”, pecados terríveis na sociedade moderna. Será que as sociedades industriais fizeram um precário trabalho na subordinação da fidelidade pessoal ou local à fidelidade ao sistema, já que são normalmente muito ineficientes? (Vide América Latina). Assim, uma sociedade industrial avançada só pode tolerar comunidades de pequena escala que estejam castradas, domesticadas e convertidas em ferramentas do sistema. Uma exceção parcial se pode fazer com uns poucos grupos fechados e passivos, tais como os Amish, os quais têm poucas conseqüências na sociedade longínqua. Aparte destes, hoje em dia existe nos Estados Unidos algumas outras comunidades de pequena escala genuínas. Por exemplo, ligas de jovens e “cultos”. Todo mundo os considera perigosos, e são, porque os membros destes grupos são mais leais uns aos outros do que ao sistema, portanto este não os pode controlar. Consideremos aos ciganos. Estes comumente escapam no roubo e na fraude porque suas lealdades são tais que sempre podem conseguir outros ciganos a depor «provando» sua inocência. Obviamente o sistema estaria num sério problema se muita gente pertencesse a tais grupos. Alguns pensadores chineses do início do século XX interessados na modernização da China reconheceram a necessidade de acabar com grupos sociais de pequena escala como a família: «(Segundo Sun Yat-sen) O povo chinês precisava uma nova onda de patriotismo, na qual transferiria sua lealdade à família para o Estado... (Segundo Li Huang) “os apegos tradicionais, particularmente à família, tinham que ser abandonados para que o nacionalismo pudesse se desenvolver na China.” (Chester C. Tão, “Pensamento Político Chinês no Século Vinte”, página 125, página 297).

53. As aglomerações, a mudança rápida e a decomposição das comunidades foram amplamente reconhecidas como origens dos problemas sociais, mas não cremos que sejam suficientes para explicar a amplitude dos problemas que hoje vemos.

54. Algumas cidades pré-industriais foram grandes e densamente povoadas, no entanto os seus habitantes não parecem ter sofrido de problemas psicológicos como se verifica nas sociedades modernas. Hoje nos EUA ainda se encontram áreas rurais pouco povoadas, nas quais se vêem os mesmos problemas que nas áreas urbanas – embora menos agudamente nas áreas rurais. Isto para dizer que o sobrepovoamento não parece ser um fator decisivo.

55. Enquanto a fronteira dos EUA ia avançando durante o século XIX, é provável que a mobilidade da população tenha feito desaparecer as pequenas comunidades de então pelo menos tanto como hoje acontece. Na realidade, até houve famílias que escolheram viver em isolamento, sem vizinhos num raio de várias milhas, nem pertencendo a comunidade alguma, e não consta que tenham desenvolvido problemas em resultado disso.

56. Além disso, a mudança na sociedade de fronteira americana foi muito rápida e profunda. Um homem pode nascer e ser criado em uma cabana de madeira, fora do alcance da lei e da ordem e alimentado principalmente com carne selvagem; e quando chegasse à velhice, ele poderia trabalhar em um emprego regular e vivendo em uma comunidade organizada com aplicação eficaz da lei. Esta foi uma mudança mais profunda do que aquela que normalmente ocorre na vida de um indivíduo moderno, mas não parece ter levado a mudanças psicológicas. problemas. Na verdade, a sociedade americana do século XIX tinha um tom otimista e autoconfiante, bem diferente do da sociedade atual.<sup>8</sup>

57. A diferença, argumentamos, é que o homem moderno tem a sensação (amplamente justificada) de que a mudança lhe é imposta, enquanto o pioneiro do século XIX tinha a sensação (também amplamente justificada) de que ele próprio criou a mudança, por sua própria escolha. Assim, um pioneiro se estabeleceu em um pedaço de terra de sua própria escolha e o transformou em uma fazenda por seu próprio esforço. Naquela época, um condado inteiro podia ter apenas algumas centenas de habitantes e era uma entidade muito mais isolada e autônoma do que um condado moderno. Portanto, o fazendeiro pioneiro participou como membro de um grupo relativamente pequeno na criação de uma comunidade nova e ordenada. Pode-se questionar se a criação dessa comunidade foi uma melhoria, mas de qualquer forma ela satisfaz a necessidade do pioneiro pelo processo de poder.

58. Seria possível dar outros exemplos de sociedades nas quais houve rápida mudança e/ou falta de laços comunitários próximos sem o tipo de aberração comportamental massiva que é vista na sociedade industrial de hoje. Afirmamos que a causa mais importante dos problemas sociais e psicológicos na sociedade moderna é o fato de que as pessoas não têm oportunidade suficiente para passar pelo processo de poder de forma normal. Não queremos dizer que a sociedade moderna é a única na qual o processo de poder foi interrompido. Provavelmente a maioria, se não todas as sociedades civilizadas, interferiram no processo de poder em maior ou menor grau. Mas na sociedade industrial moderna o problema se tornou particularmente agudo. O esquerdismo, pelo menos em sua forma recente (meados do século XX), é em parte um sintoma de privação com relação ao processo de poder.

## **RUPTURA DO PROCESSO DE PODER NA SOCIEDADE MODERNA**



59. Dividimos as aspirações humanas em três grupos: (um) as que podem ser satisfeitas com esforço mínimo; (dois) as que podem ser satisfeitas, mas só à custa de esforço considerável; (três) as que não podem ser satisfeitas adequadamente, seja qual for o esforço que se faça para consegui-lo. O processo de afirmação pessoal é um processo de satisfação de necessidades do segundo grupo. Quanto mais as houver no terceiro grupo, maior será a frustração, a raiva, e por fim o derrotismo, a depressão, etc..

60. Nas sociedades industrializadas modernas as aspirações humanas naturais confinam-se aos primeiro e terceiro grupos, enquanto o segundo grupo tende cada vez mais a consistir de aspirações criadas artificialmente.

61. Em sociedades primitivas, as necessidades físicas geralmente caem no grupo 2: Elas podem ser obtidas, mas apenas ao custo de esforço sério. Mas a sociedade moderna tende a garantir as necessidades físicas a todos em troca de apenas esforço mínimo, portanto as necessidades físicas são empurradas para o grupo 1.

62. São frequentes as necessidades sociais, como o sexo, o amor e o status, ficarem no grupo dois em sociedades modernas, dependendo da situação do indivíduo. [nota 10] Mas, à exceção dos indivíduos que têm uma particularmente forte aspiração ao status, o esforço requerido para satisfazer as aspirações sociais é insuficiente para satisfazer a necessidade do processo de afirmação pessoal.

63. Então, certas necessidades artificiais foram criadas que se enquadram no grupo 2, portanto, atendem à necessidade do processo de poder. Técnicas de propaganda e marketing foram desenvolvidas que fazem muitas pessoas sentirem que precisam de coisas que seus avós nunca desejaram ou sequer sonharam. É preciso um esforço sério para ganhar dinheiro suficiente para satisfazer essas necessidades artificiais, portanto, elas se enquadram no grupo. (Mas veja os parágrafos 80-82.) O homem moderno deve satisfazer sua necessidade pelo processo de poder em grande parte por meio da busca das necessidades artificiais criadas pela indústria de publicidade e marketing, e por meio de atividades substitutas.

64. Parece que para muitas pessoas, talvez a maioria, essas formas artificiais do processo de poder são insuficientes. Um tema que aparece repetidamente nos escritos dos críticos sociais da segunda metade do século XX é a sensação de falta de propósito que aflige muitas pessoas na sociedade moderna. (Essa falta de propósito é frequentemente chamada por outros nomes, como “anômica” ou “vacuidade de classe média”.) Sugerimos que a chamada “crise de identidade” é, na verdade, uma busca por um senso de propósito, frequentemente por comprometimento com uma atividade substituta adequada. Pode ser que o existencialismo seja em grande parte uma resposta à falta de propósito da vida moderna.<sup>12</sup> Muito difundida na sociedade moderna é a busca por “realização”. Mas achamos que para a maioria das pessoas uma atividade cujo objetivo principal é a realização (isto é, uma atividade substituta) não traz realização completamente satisfatória. Em outras palavras, ela não satisfaz

completamente a necessidade do processo de poder. (Ver parágrafo 41.) Essa necessidade pode ser plenamente satisfeita somente por meio de atividades que tenham algum objetivo externo, como necessidades físicas, sexo, amor, status, vingança, etc.

65. Além disso, onde os objetivos são perseguidos por meio de ganhar dinheiro, subir na escada de status ou funcionar como parte do sistema de alguma outra forma, a maioria das pessoas não está em posição de perseguir seus objetivos de forma autônoma. A maioria dos trabalhadores é funcionária de outra pessoa e, como apontamos no parágrafo 61, deve passar os dias fazendo o que lhes é dito para fazer da maneira que lhes é dito para fazer. Mesmo a maioria das pessoas que estão no negócio por conta própria tem apenas autonomia limitada. É uma reclamação crônica de pequenos empresários e empreendedores que suas mãos estão atadas por regulamentação governamental excessiva. Algumas dessas regulamentações são, sem dúvida, desnecessárias, mas, na maioria das vezes, as regulamentações governamentais são partes essenciais e inevitáveis de nossa sociedade extremamente complexa. Uma grande parte das pequenas empresas hoje opera no sistema de franquias. Foi relatado no Wall Street Journal alguns anos atrás que muitas das empresas que concedem franquias exigem que os candidatos a franquias façam um teste de personalidade que é projetado para excluir aqueles que têm criatividade e iniciativa, porque essas pessoas não são suficientemente dóceis para seguir obedientemente o sistema de franquias. Isso exclui das pequenas empresas muitas pessoas que mais precisam de autonomia.

66. Hoje em dia as pessoas vivem mais em função do que o sistema faz PARA elas, ou do que o sistema LHES faz, do que em função do que fazem por si próprias. E o que fazem por si próprias é cada vez mais condicionado às vias estabelecidas pelo sistema. As oportunidades tendem a ser aquelas que o sistema abre, e têm de ser aproveitadas de acordo com regras e regulamentos [nota 13], e têm de se seguir métodos prescritos por peritos para ter-se alguma hipótese de sucesso.

67. Portanto, o processo de afirmação pessoal é impedido na nossa sociedade por uma falta de reais objetivos assim como uma falta de autonomia na dedicação aos objetivos. Mas também o é por causa das aspirações humanas que pertencem ao grupo três: aquelas que não se podem satisfazer adequadamente independentemente dos esforços que se façam nesse sentido. Uma delas refere-se à necessidade de segurança. As nossas vidas dependem de decisões feitas por outras pessoas; não podemos controlar essas decisões e geralmente nem sequer conhecemos as pessoas que as tomam. [...] As nossas vidas dependem da manutenção dos padrões de segurança de uma central nuclear; de quanto pesticida chega à nossa alimentação ou quanta poluição ao ar que respiramos; ou da competência do nosso médico; se perdemos um emprego ou o conseguimos pode depender de decisões feitas por economistas a trabalharem para o governo ou por gestores de empresas; e por aí fora. A maior parte dos indivíduos consegue proteger-se destas ameaças só muito limitadamente. A procura de segurança pelo indivíduo é por isso frustrada, do que resulta uma sensação de impotência.

68. Pode-se objetar que o homem primitivo é fisicamente menos seguro do que o homem moderno, como é demonstrado por sua menor expectativa de vida; portanto, o homem moderno sofre de menos, não mais do que a quantidade de insegurança que é normal para os seres humanos. Mas a segurança psicológica não corresponde de perto à segurança física. O que nos faz sentir seguros não é tanto a segurança objetiva, mas um senso de confiança em nossa capacidade de cuidar de nós mesmos. O homem primitivo, ameaçado por um animal feroz ou pela fome, pode lutar em autodefesa ou viajar em busca de comida. Ele não tem certeza de sucesso nesses esforços, mas não é de forma alguma indefeso contra as coisas que o ameaçam. O indivíduo moderno, por outro lado, é ameaçado por muitas coisas contra as quais é indefeso: acidentes nucleares, carcinógenos em alimentos, poluição ambiental, guerra, aumento de impostos, invasão de sua privacidade por grandes organizações, fenômenos sociais ou econômicos nacionais que podem perturbar seu modo de vida.

69. É verdade que o homem primitivo é impotente contra algumas das coisas que o ameaçam; doenças, por exemplo. Mas ele pode aceitar o risco da doença estoicamente. Faz parte da natureza das coisas, não é culpa de ninguém, a menos que seja culpa de algum demônio imaginário e impessoal. Mas as ameaças ao indivíduo moderno tendem a ser feitas pelo homem. Elas não são resultados do acaso, mas são impostas a ele por outras pessoas cujas decisões ele, como indivíduo, é incapaz de influenciar. Consequentemente, ele se sente frustrado, humilhado e com raiva.

70. Portanto, o homem primitivo tem uma grande parte da sua segurança nas mãos (como indivíduo ou como membro de um grupo PEQUENO) enquanto a segurança do homem moderno está nas mãos de pessoas ou organizações que são demasiados remotas ou demasiado grandes para que possa influenciá-las pessoalmente. Assim a aspiração do homem moderno à segurança tende a recair nos grupos 1 e 3; nalgumas áreas (comida, abrigo, etc.) a sua segurança é garantida meramente à custa de um esforço trivial, enquanto noutras áreas NÃO PODE alcançar segurança. (Embora simplifique grandemente as situações reais, esta comparação indica grosseira e globalmente como as condições de vida do homem moderno diferem das do homem primitivo.)

71. A gente tem muitos impulsos transitórios que são necessariamente frustrados na vida moderna, assim que correspondem ao grupo três. Um pode enfadar-se, mas a sociedade moderna não pode permitir o confronto físico. Inclusive em muitas situações não permite a agressão verbal. Indo a algum lugar um pode ter pressa, ou pode estar de humor para viajar devagar, mas geralmente não há eleição e tem de se mover com o tráfico e obedecer aos sinais. Um pode querer fazer seu trabalho de um modo diferente, mas normalmente só se pode trabalhar de acordo às regras impostas por seu chefe. De outras muitas maneiras também, o homem moderno está subordinado à rede de regras e regulações (explícitas ou implícitas) que frustram muitos destes impulsos e desta maneira interferem no processo de afirmação pessoal. A maioria destas regulações não pode ser eliminada, porque são necessárias para o funcionamento da sociedade industrial.

72. A sociedade moderna é, em certos aspectos, extremamente permissiva. Em questões que são irrelevantes para o funcionamento do sistema, geralmente podemos fazer o que quisermos. Podemos acreditar em qualquer religião (desde que ela não incentive comportamentos perigosos para o sistema). Podemos ir para a cama com quem quisermos (desde que pratiquemos “sexo seguro”). Podemos fazer qualquer coisa que quisermos, desde que não seja importante. Mas em todas as questões importantes, o sistema tende cada vez mais a regular nosso comportamento.

73. O comportamento é regulado não apenas por regras explícitas e não apenas pelo governo. O controle é frequentemente exercido por meio de coerção indireta ou por pressão psicológica ou manipulação, e por organizações que não o governo, ou pelo sistema como um todo. A maioria das grandes organizações usa alguma forma de propaganda<sup>14</sup> para manipular atitudes ou comportamentos públicos. A propaganda não se limita a “comerciais” e anúncios, e às vezes nem é conscientemente pretendida como propaganda pelas pessoas que a fazem. Por exemplo, o conteúdo da programação de entretenimento é uma forma poderosa de propaganda. Um exemplo de coerção indireta: Não há lei que diga que temos que ir trabalhar todos os dias e seguir as ordens do nosso empregador. Legalmente, não há nada que nos impeça de viver na natureza como os povos primitivos ou de abrir nossos próprios negócios. Mas, na prática, resta muito pouco território selvagem, e há espaço na economia para apenas um número limitado de proprietários de pequenos negócios. Portanto, a maioria de nós pode sobreviver apenas como funcionário de outra pessoa.

74. Sugerimos que a obsessão do homem moderno pela longevidade, e com a manutenção do vigor físico e o atrativo sexual até uma idade avançada, é um sintoma da irrealização resultante da privação com respeito ao processo de afirmação pessoal. A “crise dos cinquenta” também é um sintoma semelhante. Tal é a falta de interesse por ter filhos que é bastante comum na sociedade moderna, mas quase inacreditável na sociedade primitiva.

75. Nas sociedades primitivas, a vida é uma sucessão de estágios. As necessidades e propósitos de um estágio tendo sido cumpridos, não há nenhuma relutância particular em passar para o próximo estágio. Um jovem passa pelo processo de poder tornando-se um caçador, caçando não por esporte ou por realização, mas para obter carne necessária para alimentação. (Em mulheres jovens, o processo é mais complexo, com maior ênfase no poder social; não discutiremos isso aqui.) Esta fase tendo sido passada com sucesso, o jovem não tem relutância em se estabelecer nas responsabilidades de criar uma família. (Em contraste, algumas pessoas modernas adiam indefinidamente ter filhos porque estão muito ocupadas buscando algum tipo de “realização”. Sugerimos que a realização de que precisam é uma experiência adequada do processo de poder — com objetivos reais em vez dos objetivos artificiais de atividades substitutas.) Novamente, tendo criado seus filhos com sucesso, passando pelo processo de poder fornecendo-lhes as necessidades físicas, o homem primitivo sente que seu trabalho está feito e ele está preparado para aceitar a velhice (se sobreviver tanto tempo) e a morte. Muitas pessoas modernas, por outro lado, ficam perturbadas com a

perspectiva de deterioração física e morte, como é demonstrado pela quantidade de esforço que despendem tentando manter sua condição física, aparência e saúde. Argumentamos que isso se deve à insatisfação resultante do fato de que eles nunca colocaram seus poderes físicos em qualquer uso prático, nunca passaram pelo processo de poder usando seus corpos de forma séria. Não é o homem primitivo, que usou seu corpo diariamente para fins práticos, que teme a deterioração da idade, mas o homem moderno, que nunca teve um uso prático para seu corpo além de andar do carro até sua casa. É o homem cuja necessidade pelo processo de poder foi satisfeita durante sua vida que está mais bem preparado para aceitar o fim dessa vida.

76. Em resposta aos argumentos desta seção, alguém dirá: “A sociedade deve encontrar uma maneira de dar às pessoas a oportunidade de passar pelo processo de poder”. Isso não funcionará para aqueles que precisam de autonomia no processo de poder. Para essas pessoas, o valor da oportunidade é destruído pelo próprio fato de que a sociedade a dá a elas. O que elas precisam é encontrar ou criar suas próprias oportunidades. Enquanto o sistema lhes der suas oportunidades, ele ainda as mantém presas. Para obter autonomia, elas devem se soltar dessa coleira.

## **COMO AS PESSOAS SÃO MOLDADAS**

77. Nem todos na sociedade industrial-tecnológica sofrem de problemas psicológicos. Algumas pessoas até professam estar bastante satisfeitas com a sociedade como ela é. Agora discutimos algumas das razões pelas quais as pessoas diferem tanto em sua resposta à sociedade moderna.

78. Primeiro, sem dúvida há diferenças na intensidade do impulso por afirmação. Pessoas com um impulso débil podem ter relativamente pouca necessidade de atravessar o processo de afirmação pessoal, ou ao menos relativamente pouca necessidade de autonomia nesse processo. Por exemplo, escravos negros do tipo dócil e feliz trabalhando antigamente nas fazendas escravocratas no Sul dos Estados Unidos. (Não queremos dizer com isso que todos aqueles «escravos negros» eram dóceis e felizes. A maioria dos escravos NÃO estava contente com sua servidão. Referimo-nos aos que ESTAVAM contentes com a servidão).

79. Há pessoas que podem ter alguma aspiração excepcional cuja obtenção lhes satisfaça a sua necessidade para o processo de afirmação pessoal. Por exemplo, aqueles que têm uma ânsia invulgar de status social podem passar as suas vidas a escalarem os degraus sociais sem que alguma vez se aborreçam com esse jogo.

80. As pessoas variam no grau de suscetibilidade diante dos anúncios e técnicas de mercado. Alguns são tão susceptíveis que mesmo tendo grande quantidade de dinheiro, são insaciáveis mesmo diante dos novos e reluzentes brinquedos que a indústria de mercado põe diante seus olhos. Sempre se sentem financeiramente oprimidos, mesmo sendo portadores de grandes rendimentos. E seus desejos se vêem frustrados.

81. Os que têm baixa suscetibilidade aos anúncios e técnicas de mercado são pessoas não muito interessadas em dinheiro. Necessidades materiais não satisfazem sua necessidade de afirmação pessoal.

82. Os que têm uma suscetibilidade média aos anúncios e às técnicas de mercado são capazes de ganhar dinheiro suficiente para satisfazer seus desejos de bens e serviços, mas apenas ao custo de muito suor (fazendo horas extras, tendo um segundo trabalho, adquirindo promoções, etc). Assim, as aquisições materiais cumprem em parte sua necessidade de afirmação pessoal. Pode ser que não tenham suficiente autonomia no processo de afirmação (seu trabalho pode consistir em seguir ordens) e alguns de seus impulsos podem ser frustrados (exemplo, segurança, agressão). (Somos culpados de simplificar demasiado nos parágrafos 80-82 porque assumimos que o desejo de aquisições materiais é inteiramente uma criação dos anúncios e das técnicas de mercado. As coisas não são assim tão simples). (Ver parágrafo 63).

83. Algumas pessoas satisfazem parcialmente sua necessidade de poder identificando-se com uma organização poderosa ou movimento de massa. Um indivíduo sem objetivos ou poder se junta a um movimento ou organização, adota seus objetivos como seus e trabalha para atingir esses objetivos. Quando alguns dos objetivos são alcançados, o indivíduo, mesmo que seus esforços pessoais tenham desempenhado apenas um papel insignificante na obtenção dos objetivos, sente (por meio de sua identificação com o movimento ou organização) como se tivesse passado pelo processo de poder. Esse fenômeno foi explorado pelos fascistas, nazistas e comunistas. Nossa sociedade também o usa, embora de forma menos crua. Exemplo: Manuel Noriega era um irritante para os EUA (objetivo: punir Noriega). Os EUA invadiram o Panamá (esforço) e puniram Noriega (obtenção do objetivo). Assim, os EUA passaram pelo processo de poder e muitos americanos, por causa de sua identificação com os EUA, experimentaram o processo de poder indiretamente. Daí a ampla aprovação pública da invasão do Panamá; deu às pessoas uma sensação de poder.<sup>15</sup> Vemos o mesmo fenômeno em exércitos, corporações, partidos políticos, organizações humanitárias, movimentos religiosos ou ideológicos. Em particular, os movimentos de esquerda tendem a atrair pessoas que estão buscando satisfazer sua necessidade de poder. Mas para a maioria das pessoas a identificação com uma grande organização ou um movimento de massa não satisfaz totalmente a necessidade de poder.

84. Outra maneira pela qual as pessoas satisfazem sua necessidade pelo processo de poder é por meio de atividades substitutas. Como explicamos nos parágrafos 38-40, uma atividade substituta é uma atividade que é direcionada para uma meta artificial que o indivíduo persegue em prol da “realização” que ele obtém ao perseguir a meta, não porque ele precisa atingir a meta em si. Por exemplo, não há motivo prático para construir músculos enormes, acertar uma bolinha em um buraco ou adquirir uma série completa de selos postais. No entanto, muitas pessoas em nossa sociedade se dedicam com paixão ao fisiculturismo, golfe ou coleção de selos. Algumas pessoas são mais “orientadas para os outros” do que outras e, portanto, darão mais importância a uma atividade substituta simplesmente porque as pessoas ao redor delas a tratam como importante ou porque a sociedade lhes diz que é importante. É por isso que algumas pessoas levam muito a sério atividades essencialmente triviais, como esportes, bridge, xadrez ou atividades acadêmicas arcanas, enquanto outras que são mais perspicazes nunca veem essas coisas como nada além das atividades substitutas que são e, conseqüentemente, nunca atribuem importância suficiente a elas para satisfazer sua necessidade pelo processo de poder dessa forma. Resta apenas salientar que em muitos casos a maneira de uma pessoa ganhar a vida também é uma atividade substituta. Não uma atividade substituta pura, já que parte do motivo da atividade é obter as necessidades físicas e (para algumas pessoas) status social e os luxos que a publicidade as faz desejar. Mas muitas pessoas colocam em seu trabalho muito mais esforço do que o necessário para ganhar qualquer dinheiro e status que exijam, e esse esforço extra constitui uma atividade substituta. Este esforço extra, junto ao investimento emocional que o acompanha, é uma das forças mais potentes atuando em direção ao desenvolvimento e aperfeiçoamento contínuos do sistema, com conseqüências negativas para a liberdade individual (ver parágrafo 131). Especialmente, para os cientistas e engenheiros mais criativos, o trabalho tende a ser em grande parte uma atividade substituta. Este ponto é tão importante que merece uma discussão separada, que daremos em um momento (parágrafos 87-92).

85. Nesta seção, explicamos quantas pessoas na sociedade moderna satisfazem sua necessidade pelo processo de poder em maior ou menor grau. Mas achamos que para a maioria das pessoas a 18 necessidades pelo processo de poder não é totalmente satisfeita. Em primeiro lugar, aqueles que têm um impulso insaciável por status, ou que ficam firmemente “fisgados” em uma atividade substituta, ou que se identificam fortemente o suficiente com um movimento ou organização para satisfazer sua necessidade de poder dessa forma, são personalidades excepcionais. Outros não estão totalmente satisfeitos com atividades substitutas ou por identificação com uma organização (ver parágrafos 41, 64). Em segundo lugar, muito controle é imposto pelo sistema por meio de regulamentação explícita ou por meio da socialização, o que resulta em uma deficiência de autonomia e em frustração devido à impossibilidade de atingir certos objetivos e a necessidade de restringir muitos impulsos.

86. Mesmo que a maior parte das pessoas na sociedade tecnológico-industrial estivesse satisfeita, nós (FC) ainda nos oporíamos a esta forma de sociedade, porque (entre outras razões) consideramos insuficiente realizar a própria necessidade de afirmação pessoal através de atividades substitutivas ou através da identificação com uma organização. A afirmação pessoal deve ser obtida através da perseguição de finalidades reais.

## Os MOTIVOS DOS CIENTISTAS

87. Ciência e tecnologia fornecem os exemplos mais importantes de atividades substitutas. Alguns cientistas afirmam que são motivados por “curiosidade” ou por um desejo de “beneficiar a humanidade”. Mas é fácil ver que nenhum desses pode ser o principal motivo da maioria dos cientistas. Quanto à “curiosidade”, essa noção é simplesmente absurda. A maioria dos cientistas trabalha em problemas altamente especializados que não são objeto de nenhuma curiosidade normal. Por exemplo, um astrônomo, um matemático ou um entomologista está curioso sobre as propriedades do isopropiltrimetilmetano? Claro que não. Apenas um químico é curioso sobre tal coisa, e ele é curioso sobre isso apenas porque a química é sua atividade substituta. O químico é curioso sobre a classificação apropriada de uma nova espécie de besouro? Não. Essa questão é de interesse apenas para o entomologista, e ele está interessado nela apenas porque a entomologia é sua atividade substituta. Se o químico e o entomologista tivessem que se esforçar seriamente para obter as necessidades físicas, e se esse esforço exercitasse suas habilidades de uma maneira interessante, mas em alguma busca não científica, então eles não dariam a mínima para isopropiltrimetilmetano ou a classificação de besouros. Suponha que a falta de fundos para educação de pós-graduação tivesse levado o químico a se tornar um corretor de seguros em vez de um químico. Nesse caso, ele teria se interessado muito em questões de seguros, mas não se importaria com isopropiltrimetilmetano. Em qualquer caso, não é normal colocar na satisfação da mera curiosidade a quantidade de tempo e esforço que os cientistas colocam em seu trabalho. A explicação da “curiosidade” para o motivo dos cientistas simplesmente não se sustenta.

88. A explicação do “benefício da humanidade” não funciona melhor. Alguns trabalhos científicos não têm relação concebível com o bem-estar da raça humana — a maior parte da arqueologia ou da linguística comparativa, por exemplo. Algumas outras áreas da ciência apresentam possibilidades obviamente perigosas. No entanto, os cientistas nessas áreas são tão entusiasmados com seu trabalho quanto aqueles que desenvolvem vacinas ou estudam a poluição do ar. Considere o caso do Dr. Edward Teller, que teve um envolvimento emocional óbvio na promoção de usinas nucleares. Esse envolvimento surgiu de um desejo de beneficiar a humanidade? Se sim, então por que o Dr. Teller não se emocionou com outras causas “humanitárias”? Se ele era tão humanitário, então por que ajudou a desenvolver a bomba H? Como acontece com muitas outras conquistas científicas, é muito questionável se as usinas nucleares realmente beneficiam a humanidade. A eletricidade barata supera o desperdício



acumulado e o risco de acidentes? O Dr. Teller viu apenas um lado da questão. Claramente, seu envolvimento emocional com a energia nuclear não surgiu de um desejo de “beneficiar a humanidade”, mas de uma realização pessoal que ele obteve com seu trabalho e ao vê-lo colocado em uso prático.

89. O mesmo se aplica aos cientistas em geral. Com raras exceções sempre possíveis, a sua motivação não é nem curiosidade nem um desejo de beneficiar a humanidade, mas uma necessidade de atravessar um processo de afirmação pessoal: ter um objetivo (um problema científico por resolver), desenvolver um esforço (investigação) e alcançar o objetivo (solução do problema). A ciência é uma atividade de substituição porque os cientistas trabalham principalmente para a realização que retiram do próprio trabalho. 90. É claro que não é assim tão simples. Há outras motivações com importância para muitos cientistas. Por exemplo, dinheiro e status. Alguns cientistas serão pessoas do tipo com um apetite insaciável pelo status (ver parágrafo 79) e isso pode assegurar-lhes muita da motivação para o trabalho. Nem há dúvidas acerca da maior ou menor suscetibilidade da maioria dos cientistas, como da maior parte da população em geral, à publicidade e às técnicas de marketing, por isso precisam de dinheiro para satisfazer a sua ânsia de mercadorias e serviços. Assim, a ciência não é PURAMENTE uma atividade de substituição. Mas é-o em grande medida.

91. A ciência e a tecnologia constituem, além disso, um movimento de massas, e muitos cientistas preenchem a sua necessidade de poder pela identificação com este movimento de massas (ver parágrafo 83).

92. Assim, a ciência avança cegamente, sem levar em conta o bem-estar real da raça humana ou qualquer outro padrão, obediente apenas às necessidades psicológicas dos cientistas e dos funcionários do governo e executivos das corporações que fornecem os fundos para a pesquisa.

## **A NATUREZA DA LIBERDADE**

93. Nenhuma reforma da sociedade tecnológico-industrial evitará o progressivo estreitamento da esfera da liberdade humana. «Liberdade» é uma palavra que pode ser interpretada de muitas maneiras, devemos antes de qualquer coisa esclarecer a que liberdade nos referimos.

94. Por “liberdade” nos referimos à oportunidade de atravessar o processo de afirmação pessoal, com finalidades reais e não com as finalidades artificiais das atividades substitutivas, sem interferências, manipulações ou supervisão de ninguém, especialmente de nenhuma grande organização. Liberdade significa ter controle (tanto como pessoa como membro de um grupo PEQUENO) dos problemas que afetam nossa existência, nossa vida e nossa morte; comida, roupa, refúgio e defesa contra qualquer temor que possa ter em nosso meio.

Liberdade significa ter poder, não poder de controlar outras pessoas, mas poder de controlar a própria vida. Estarás desprovido de liberdade se qualquer outro homem (especialmente uma grande organização) tiver poder sobre ti, não importa a benevolência, a tolerância e a permissividade com que o poder possa ser exercido. É importante não confundir liberdade com a mera permissividade (ver parágrafo 72).

95. É comum ouvirmos que vivemos numa sociedade livre porque temos determinado número de direitos constitucionalmente garantidos. Mas isto não é tão importante como parece. O grau de liberdade pessoal que existe numa sociedade está mais determinado pela estrutura econômica e tecnológica da sociedade do que por suas leis ou por sua forma de governo. [16] Muitas das nações índias de Nova Inglaterra eram monárquicas, e muitas das cidades da Itália renascentista eram controladas por ditadores. Mas lendo sobre essas sociedades fica a impressão de que permitiam mais liberdade pessoal do que a nossa. Em parte era porque faltavam mecanismos eficientes para executar a vontade do governante: não tinha forças policiais modernas bem organizadas, comunicações rápidas de longa distância, câmaras de vigilância, dossiês de informação sobre a vida dos cidadãos médios. Portanto era relativamente fácil escapar do controle.

96. Quanto a nossos direitos constitucionais, consideremos, por exemplo, o concernente à liberdade de imprensa. Certamente não queremos acabar com esse direito: é uma ferramenta muito útil para limitar a concentração de poder político e manter aqueles que o detem sob controle para expor publicamente qualquer má conduta de sua parte. Mas a liberdade de imprensa é de muito pouca utilidade para o cidadão médio enquanto indivíduo. Os meios de comunicação de massa estão em sua maior parte sob o controle de grandes organizações que estão integradas ao sistema. Qualquer um que tenha um pouco de dinheiro pode imprimir algo, pode distribuí-lo na Internet ou de alguma outra maneira, mas seja lá o que diga estará submerso pelo vasto volume de material lançado pelos meios, portanto não terá um efeito prático. É por isso quase impossível para muitas pessoas e grupos pequenos provocar um efeito na sociedade com palavras. Tomemos o (FC) como exemplo. Se não tivéssemos feito nada violento e tivéssemos apresentado os presentes escritos a um editor, provavelmente não seriam aceitos. Mesmo se fossem aceitos e publicados, provavelmente não atrairiam muitos leitores, porque é mais divertido ver o entretenimento lançado pelos meios do que ler um ensaio sóbrio. Mesmo se estes escritos tivessem muitos leitores, a maioria logo esqueceria o que tinha lido porque suas mentes estão atoladas na massa de material exposta pelos meios. A fim de apresentar nossa mensagem ante o público com alguma oportunidade de criar uma impressão duradoura, tivemos que matar gente.

97. Os direitos constitucionais são úteis até certo ponto, mas não servem para garantir nada além daquilo que pode ser chamado de concepção burguesa da liberdade. Segundo a concepção burguesa, um homem “livre” é essencialmente um elemento da maquinaria social e tem apenas uma determinada série de liberdades prescritas e delimitadas; liberdades que são designadas para servir mais as necessidades do maquinário social do que da pessoa.

Assim o homem «livre» burguês tem liberdade econômica porque isso promove o crescimento e o progresso; tem liberdade de imprensa porque a crítica do público se restringe à má conduta por parte dos líderes políticos; tem direito a um juízo imparcial porque a prisão ao desejo do poderoso seria má para o sistema. Esta era claramente a atitude de Simón Bolívar. Para ele, as pessoas merecem liberdade desde que a use para promover o progresso (progresso como o concebe o burguês). Outros pensadores burgueses adotaram um ponto de vista similar da liberdade, como mero meio para finalidades coletivas. Chester C. Tan, «Pensamento Político Chinês no Século XX», página 202, explica a filosofia do líder do Kuomitang, Hu Han-min: «Uma pessoa tem garantia de direitos porque é membro da sociedade e a vida de sua comunidade requer tais direitos. Por comunidade Hu quer dizer «a totalidade da sociedade da nação». E na página 259, Tan declara que, de acordo com Carsum Chang (Chang Chung-mai, cabeça do Partido Socialista Estatal em China), a liberdade deve ser usada em interesse do Estado e das pessoas como conjunto. Mas que espécie de liberdade é essa que só pode ser usada na forma como outro a prescreve? A concepção de liberdade do FC não é como a de Bolívar, Hu, Chang ou outros teóricos burgueses. O problema com tais teóricos é que fizeram do desenvolvimento e da aplicação de teorias sociais sua atividade substitutiva. Consequentemente, as teorias são criadas para servir mais às necessidades dos teóricos do que às necessidades de qualquer pessoa que não teve sorte suficiente para viver numa sociedade onde teorias são impostas.

98. Devemos levar em conta mais um ponto nesta seção: o simples fato de alguém DIZER que tem liberdade suficiente não significa que seja suficientemente livre. A liberdade é em parte restringida por controle psicológico do qual as pessoas não têm consciência, além disso, muitas idéias acerca do que constitui a liberdade são determinadas mais pela convenção social do que por suas necessidades reais. Por exemplo, é provável que muitos esquerdistas do tipo sobressocializado digam que muitas pessoas, inclusive eles mesmos, são menos socializadas do que deveriam, no entanto os esquerdistas sobressocializados pagam um forte preço psicológico por seu alto nível de socialização.

## **ALGUNS PRINCÍPIOS DA HISTÓRIA**

99. Pense a história como a somatória de dois componentes: um errático que consiste em eventos imprevisíveis que seguem uma norma incompreensível e outro regular que consiste em tendências históricas de períodos longos. Aqui nos interessa a segunda tendência.

100. PRIMEIRO PRINCÍPIO. Se uma PEQUENA mudança afeta uma tendência histórica de longo período, então o efeito da mudança será quase sempre transitório - a tendência logo retrocederá a seu estado original. (Exemplo: Um movimento de reforma no sentido de limpar a corrupção política numa sociedade raramente terá mais do que um curto efeito de duração, cedo ou tarde os reformistas relaxam e a corrupção se instala novamente. O nível de

corrupção política numa determinada sociedade tende a permanecer constante ou muda paulatinamente apenas com a evolução da sociedade. Normalmente, uma limpeza política só será permanente se for acompanhada de mudanças sociais gerais, uma PEQUENA mudança na sociedade não será suficiente). Se uma pequena mudança numa tendência histórica de período longo se apresenta como permanente, é apenas porque a mudança atua na direção em que a tendência estava se movendo, assim a tendência não se altera, é apenas empurrada socialmente um passo adiante.

101. O primeiro princípio é quase uma tautologia. Se uma tendência não se mantém estável com relação a pequenas mudanças, vagaria a esmo antes de seguir uma direção definida; em outras palavras, não seria uma tendência de longo período.

102. SEGUNDO PRINCÍPIO. Se uma mudança suficientemente grande altera permanentemente uma tendência histórica de longo período, isso alterará a sociedade em seu conjunto. Em outras palavras, uma sociedade é um sistema em que todas suas partes estão inter-relacionadas, e não dá para mudar permanentemente uma parte importante sem mudar também todas as outras.

103. TERCEIRO PRINCÍPIO. Se uma mudança suficientemente grande altera permanentemente uma tendência de longo período, então as consequências para a sociedade como um todo não podem ser preditas. (A não ser que várias sociedades tenham passado pela mesma mudança e tenham experimentado as mesmas consequências, em tal caso único, pode-se predizer no terreno empírico que qualquer outra sociedade que passe pela mesma mudança provavelmente experimentará consequências similares).

104. QUARTO PRINCÍPIO. Um novo tipo de sociedade não pode ser desenhado no papel. Isto é, não dá para planejar um novo tipo de sociedade a priori. Podemos construí-la e esperar que funcione a contento.

105. O terceiro e o quarto princípio resultam da complexidade das sociedades humanas. Uma mudança no comportamento humano afetará a economia de uma sociedade e seu meio físico; a economia afetará o meio ambiente e vice-versa, e as mudanças na economia e no meio ambiente afetarão o comportamento humano de uma maneira complexa e imprevisível. A rede de causas e efeitos é demasiado complexa para ser desmaranhada e entendida.

106. QUINTO PRINCÍPIO. Ninguém elege consciente e racionalmente a forma de sua sociedade. As sociedades se desenvolvem através de um processo de evolução social que não está sob o controle racional humano.

107. O quinto princípio é uma consequência dos outros quatro.

108. Como ilustração: pelo primeiro princípio, em termos gerais, uma tentativa de reforma social ou funciona no sentido que a sociedade já desenvolve (simplesmente acelerando a mudança que cedo ou tarde ocorrerá) ou apenas terá um efeito transitório, de maneira que a sociedade logo voltará a sua velha rotina. Se a reforma é insuficiente para uma mudança duradoura no sentido do desenvolvimento de qualquer aspecto importante de uma sociedade, a revolução torna-se necessária. (A qual não envolve necessariamente um levante armado ou a derrubada de um governo). Pelo segundo princípio, uma revolução nunca muda apenas um aspecto da sociedade; e pelo terceiro princípio ocorrem mudanças que os revolucionários não esperavam nem desejavam. Pelo quarto princípio, quando os revolucionários ou utópicos organizam um novo tipo de sociedade, ela nunca funciona conforme planejaram.

109. A Revolução dos Estados Unidos não proporciona um contraponto. A “Revolução” dos Estados Unidos não foi uma revolução no sentido estrito da palavra, foi uma guerra de independência seguida de, digamos, uma extensa reforma política. Os Pais Fundadores não mudaram a direção do desenvolvimento da sociedade estadunidense, nem aspiraram fazê-lo. Apenas libertaram o desenvolvimento da sociedade estadunidense do efeito retardante do governo britânico. Sua reforma política não mudou nenhuma tendência básica, apenas impulsionou a cultura política americana ao longo de sua direção natural de desenvolvimento. A sociedade britânica, da qual a sociedade estadunidense era um replique, moveu-se bastante tempo no sentido de uma democracia representativa. Antes da Guerra de Independência os estadunidenses já a praticavam num grau significativo nas assembleias da colônia. O sistema político estabelecido pela Constituição foi modelado no sistema britânico e nas assembleias coloniais. Mas não há dúvida que os Pais Fundadores subiram um degrau importante. Mas foi um degrau ao longo do caminho que o mundo de fala inglesa estava já fazendo. A prova é que a Grã-Bretanha e suas colônias povoadas predominantemente por gente de descendência britânica acabaram adotando um sistema de democracia representativa essencialmente similar aos Estados Unidos. Se os Pais Fundadores se acovardassem e recusassem assinar a Declaração de Independência, nossa forma de vida hoje não teria sido significativamente diferente. O mesmo ocorreria se estreitássemos os laços com a Grã-Bretanha adotando Parlamento e Primeiro Ministro em vez de Congresso e Presidente. Nenhuma grande mudança ocorreria. Assim a Revolução americana não nos proporciona um contraponto para nossos princípios mas sim uma boa ilustração deles.

110. Não obstante, é necessário usar o sentido comum na aplicação dos princípios. São expressos numa linguagem imprecisa que permite as mais variadas interpretações e admitem exceções a eles. Assim, os apresentamos não como normas invioláveis, mas como regras singelas, ou guias para se pensar, que podem proporcionar um antídoto parcial às ideias ingênuas acerca do futuro da sociedade. Devemos ter em mente constantemente tais princípios, e sempre que alguma conclusão entrar em conflito com algum deles, deve-se reexaminar cuidadosamente o pensamento e reter a conclusão apenas se tiver boas e sólidas razões para fazê-lo.

## **A SOCIEDADE TECNOLÓGICO-INDUSTRIAL NÃO PODE SER REFORMADA**

111. Os princípios precedentes ajudam a ver que reformar o sistema industrial é tão desesperadamente difícil quanto impedi-lo em seu progressivo estreitamento de nossa esfera de liberdade. Houve uma tendência consistente, anterior à Revolução Industrial, no fortalecimento do sistema com ajuda da tecnologia e com alto ônus à liberdade individual e local. Portanto qualquer mudança desenhada para proteger a liberdade da tecnologia contraria a tendência fundamental no desenvolvimento de nossa sociedade.

Consequentemente, tais mudanças seriam transitórias -- logo seriam submersas pela corrente da história -- ou, se fossem suficientemente grandes permaneceriam e alterariam a natureza de toda nossa sociedade. Isto pelo primeiro e pelo segundo princípio. Além disso, na medida em que a sociedade desenvolve vertentes imprevisíveis (terceiro princípio) não haveria grande risco. Mudanças suficientemente grandes ao ponto de fazer uma diferença duradoura em favor da liberdade não seriam iniciadas, uma vez que seriam fatais ao sistema. Portanto, quaisquer tentativas de reforma seriam demasiadas tímidas para serem eficazes. Mesmo se mudanças suficientemente grandes para fazer uma diferença duradoura fossem iniciadas, elas seriam estancadas quando seus efeitos perturbadores se tornasse evidente. Assim, mudanças permanentes em favor da liberdade poderiam ser alcançadas apenas por pessoas preparadas para aceitar as radicais, perigosas e imprevisíveis alterações de todo o sistema. Em outras palavras, por revolucionários, não por reformadores.

112. Pessoas ansiosas por resgatar a liberdade sem sacrificar supostos benefícios da tecnologia sugerirão ingênuos esquemas para algum novo tipo de sociedade que reconcilie liberdade com tecnologia. Aparte do fato de que aquele que faz sugestões raramente propõe algum meio-termo prático para que a nova forma de sociedade possa prevalecer, deduz-se do quarto princípio que mesmo prevalecendo a nova forma de sociedade pode entrar em colapso ou resultar bem diferente do esperado.

113. Portanto, em termos bem gerais, parece improvável que se encontre alguma forma de mudança social que concilie liberdade com moderna tecnologia. Nas próximas seções daremos razões mais específicas no sentido de que liberdade e progresso tecnológico são incompatíveis.

## **A RESTRIÇÃO DA LIBERDADE É INEVITÁVEL NA SOCIEDADE INDUSTRIAL**

114. Como explicamos nos parágrafos 65-67, 70-73, o homem moderno está preso a uma rede de normas e regulamentos, e seu destino depende de ações de pessoas distantes em cujas decisões não pode influir. Isto não é acidental nem resultante de arbitrariedades de burocratas arrogantes. É necessário e inevitável em qualquer sociedade tecnologicamente avançada. O sistema para funcionar TEM QUE regular necessariamente o comportamento humano. No trabalho, a gente tem que fazer o que nos mandam, de outra maneira a produção entraria no caos. As burocracias TÊM QUE estar organizadas de acordo com regras rígidas. A permissão de qualquer ponderação pessoal substantiva a burocratas de nível baixo desorganizaria o sistema criando uma série de problemas relacionados às diferenças na maneira individual no exercício do talento. É verdade que poderiam ser eliminadas algumas restrições à nossa liberdade, mas EM TERMOS GERAIS a regulação de nossas vidas por parte das grandes organizações é necessária para o funcionamento da sociedade tecnológico-industrial. O resultado é um sentimento de impotência por parte das pessoas comuns. Pode ocorrer, no entanto, que as regulações formais tendam a ser substituídas por ferramentas psicológicas que nos façam atender àquilo que o sistema requer de nós (propaganda, técnicas educacionais, programas de “saúde mental”, etc.). (Ver parágrafo 73).

115. O sistema TEM QUE forçar pessoas a comportar-se de maneira cada vez mais distante do modelo natural de comportamento humano. Por exemplo, o sistema precisa de cientistas, matemáticos e engenheiros. Não pode funcionar sem eles. Pressiona-se muito aos jovens para que se destaquem nestes campos. Não é natural para um ser humano adolescente passar a maior parte de seu tempo sentado diante de uma mesa absorvido pelo estudo. Um adolescente normal quer passar seu tempo em contato ativo com o mundo real. Entre as pessoas primitivas as coisas para as quais eram treinados estavam em harmonia com os impulsos humanos naturais. Entre os índios americanos, por exemplo, os garotos eram treinados em exercícios ao ar livre -- simplesmente o tipo de coisas que lhes agrada fazer. Mas em nossa sociedade os meninos são empurrados a estudar matérias técnicas, que a maioria faz resmungando.

116. Devido à constante pressão que o sistema exerce para modificar o comportamento humano, há um incremento gradual no número de pessoas que não pode ou não poderão ajustar-se às exigências da sociedade: usuários de programas sociais, gangues juvenis, cultistas, rebeldes antigovernamentais, sabotadores, radicais defensores do meio ambiente, avessos à escola e os mais variados tipos de rebeldes.

117. Em qualquer sociedade tecnologicamente avançada o destino das pessoas depende de decisões que elas não podem influir pessoalmente em nenhum grande grau. Uma sociedade tecnológica não pode ser dividida em comunidades pequenas e autônomas, porque a produção depende da cooperação de um grande número de pessoas e máquinas. Tal sociedade tem que ser altamente organizada e as decisões TÊM que ser tomadas para afetar a

um grande número de gente. Quando uma decisão afeta, digamos, a um milhão de pessoas, então a cada uma das pessoas participa, em média, com apenas uma milionésima parte na tomada de decisão. O que normalmente ocorre na prática é que a decisão é tomada por servidores públicos, executivos de corporações, ou por especialistas técnicos, mas mesmo quando o público vota uma decisão o número de votantes comumente é demasiado grande para que o voto de qualquer pessoa resulte significativo. Encontramos defensores do sistema que citam casos em que as eleições foram decididas por um ou dois votos, mas tais casos são raros. Assim muitas pessoas são incapazes de influenciar mensuravelmente a decisão majoritária que afeta suas vidas. Não há maneira concebível de remediar isto numa sociedade tecnologicamente avançada. O sistema trata de “resolver” este problema mediante o uso de propaganda para fazer pessoas QUERER as decisões que foram tomadas para elas, mas mesmo se esta “solução” fosse completamente exitosa fazendo à gente sentir-se melhor, seria aviltante.

118. Os conservadores e alguns outros advogam uma maior “autonomia local”. Comunidades locais podem até conseguir autonomia, mas isso se torna cada vez menos possível porque se tornaram mais complicadas e dependentes de sistemas de grande escala como serviços públicos, redes de computadores, sistemas de auto-estradas, meios de comunicação de massa e sistemas modernos de saúde. Também opera na contramão da autonomia o fato de que a tecnologia aplicada numa localidade muitas vezes afeta gente de outras comunidades longínquas. Assim, pesticidas ou produtos químicos usados perto de um riacho podem contaminar o fornecimento de água a centenas de quilômetros rio abaixo, e o efeito estufa afeta todo o planeta.

119. O sistema não existe e não pode existir para satisfazer necessidades humanas. Ao contrário, é o comportamento humano que tem que ser modificado para satisfazer as necessidades do sistema. Isto não tem nada que ver com qualquer ideologia política ou social que pretenda guiar o sistema tecnológico. É culpa da tecnologia, porque o sistema não é guiado por ideologia, mas por necessidades técnicas. [18] É claro que o sistema satisfaz muitas necessidades humanas, mas geralmente faz isto apenas na medida em que lhe é útil fazê-lo. São as necessidades do sistema que são supremas, não as dos seres humanos. Por exemplo, o sistema provê a gente com comida porque não pode funcionar se todo mundo morrer de fome; atende as necessidades psicológicas da gente sempre que é CONVENIENTE fazê-lo, porque não pode funcionar se muita gente se torna depressiva ou rebelde. Mas o sistema por boas razões, sólidas e práticas, têm que exercer pressão constante sobre o povo para moldar nosso comportamento para atender suas necessidades. Demasiado lixo acumulado? Governo, meios de comunicação, sistema educacional, ambientalistas, todo mundo nos inunda com propaganda massiva sobre reciclagem. Precisa mais pessoal técnico? Um coro de vozes exorta os jovens para que estudem ciências. Ninguém pára para perguntar se é desumano forçar adolescentes a gastar grande parte de seu tempo estudando matérias que a maioria odeia. Quando trabalhadores especializados são desqualificados por técnicas avançadas, tendo que passar por «reciclagens», ninguém pergunta o quanto é humilhante para eles serem



manipulados dessa maneira. Dá-se como ponto pacífico que todo mundo tem que reverenciar a necessidade técnica e por boas razões: se as necessidades humanas fossem colocadas antes da necessidade técnica haveria problemas econômicos, desemprego, escassez ou coisa ainda pior. O conceito de “saúde mental” em nossa sociedade é definido na medida em que o comportamento do indivíduo se ajusta às necessidades do sistema e sem mostrar sinais de tensão.

120. Os esforços por dar lugar sentimentos de propósito e autonomia no interior do sistema parecem uma piada. Por exemplo: uma companhia em vez de determinar que cada um de seus empregados montasse apenas uma seção do catálogo ordenou que cada um montasse o catálogo inteiro, e isto para supostamente dar-lhes uma sensação de propósito e realização. Algumas companhias tentaram dar a seus empregados mais autonomia em seu trabalho, mas por razões práticas isto normalmente só pode ser feito num grau bem limitado e, em qualquer caso, ninguém adota como finalidade proporcionar autonomia a empregados – seus esforços “autônomos” não podem nunca funcionar de acordo com finalidades que elegem pessoalmente, mas apenas de acordo com as finalidades do chefe, tais como a manutenção e o crescimento da companhia. Qualquer companhia logo sairia dos negócios se permitisse agir com seus empregados de outra maneira. Do mesmo modo, em qualquer empresa no interior de um sistema socialista, os trabalhadores têm que dirigir seus esforços de acordo com as finalidades da empresa, de outra maneira esta não cumprirá seu propósito como parte do sistema. Uma vez mais, por razões puramente técnicas não é possível para muitas pessoas ou grupos pequenos ter muita autonomia na sociedade industrial. Inclusive o pequeno proprietário de um negócio normalmente tem apenas uma autonomia limitada. Além da necessidade de atender as regulações do governo, é restringido pelo fato de que tem que se ajustar dentro do sistema econômico e submeter-se a suas exigências. Por exemplo, quando alguém desenvolve uma nova tecnologia, o pequeno empresário muitas vezes é forçado a utilizar determinada tecnologia quer queira quer não, para que continue competitivo.

## **AS PARTES “RUINS” DA TECNOLOGIA NÃO PODEM SEPARAR-SE DAS PARTES “BOAS”**

121. Além disso, uma razão pela qual a sociedade industrial não pode se reformar em favor da liberdade é que a tecnologia moderna é um sistema unificado no qual todas as partes dependem umas das outras. Não dá para descartar as partes “más” da tecnologia e conservar apenas as partes “boas”. Consideremos por exemplo a medicina moderna. O progresso na ciência médica depende do progresso na química, física, biologia, ciência de computadores e outros campos. O tratamento médico avançado requer equipamentos caros e de alta tecnologia que só uma sociedade avançada tecnologicamente e economicamente rica pode

disponibilizar. Claramente não dá para ter muito progresso em medicina sem a totalidade do sistema tecnológico e todas suas implicações.

122. Mesmo se o progresso médico pudesse ser mantido sem o resto do sistema tecnológico, isso traria em si certos males. Suponhamos por exemplo que se descobrisse uma cura para a diabete. Aqueles com tendência genética à diabetes seriam capazes de sobreviver e reproduzir-se tão bem como qualquer outro. A seleção natural contra os genes da diabete pararia e se dispersariam pela população. (Em certo grau isto já pode estar ocorrendo, na medida em que a diabete, enquanto doença incurável, pode ser controlada mediante o uso de insulina). O mesmo ocorrerá com muitas outras doenças, cuja sensibilidade é afetada pela degradação genética da população. A única solução seria algum programa de eugenia ou de engenharia genética extensiva a seres humanos, pelo qual o homem no futuro não seria mais uma criação da natureza, da casualidade, ou de deus (dependendo das opiniões religiosas ou filosóficas), mas um produto manufaturado.

123. Se acreditar que um grande governo AGORA interfere demasiado em tua vida, simplesmente espera até que comece a regular a constituição genética de teus filhos. Tal regulação inevitavelmente será o próximo passo depois da introdução da engenharia genética de seres humanos, porque as consequências de uma engenharia genética não regulada seriam desastrosas. Simplesmente imagine um engenheiro genético irresponsável criando um monte de terroristas.

124. A resposta habitual a tais assuntos é falar de uma “ética médica”. Mas um código ético não serviria para proteger a liberdade no aspecto do progresso médico; só pioraria o problema. Um código ético aplicável à engenharia genética teria como resultado uma tentativa de regulação da constituição genética dos seres humanos. Alguém (provavelmente a classe alta e media, majoritariamente), decidiria que tais ou quais aplicações seriam “éticas” e outras não pelo que em consequência, estariam impondo seus próprios valores na constituição genética da população em liberdade. Inclusive se um código ético fosse eleito em bases completamente democráticas, a maioria estaria impondo seus próprios valores a uma minoria que poderia ter uma ideia diferente do que constitui um uso ético da engenharia genética. O único código ético que verdadeiramente protegesse a liberdade seria aquele que proibisse QUALQUER engenharia genética em seres humanos, e você pode estar seguro que tal código nunca será aplicado numa sociedade tecnológica. Nenhum código que reduza a engenharia genética a um papel menor poderia manter-se erguido por muito tempo, porque a tentação apresentada ao imenso poder da biotecnologia seria irresistível, especialmente porque para a maioria das pessoas muitas de suas aplicações lhes parecerão óbvia e inequivocamente boas (eliminando doenças mentais e físicas, dando às pessoas habilidades que precisam para prosperar no mundo de hoje). Inevitavelmente, a engenharia genética será usada extensivamente, mas apenas de maneira consequente com as necessidades do sistema tecnológico-industrial. [20].

## **A TECNOLOGIA É UMA FORÇA SOCIAL MAIS PODEROSA DO QUE A ASPIRAÇÃO DE LIBERDADE**

125. Não é possível fazer um acordo DURADOURO entre tecnologia e liberdade, porque a tecnologia é de longe a força social mais poderosa e invade continuamente a liberdade através de REPETIDOS acordos. Imagine o caso de dois vizinhos, cada um dos quais inicialmente possui a mesma quantidade de terra, mas um deles é mais poderoso do que o outro. O poderoso exige um bocado de terra do outro. O débil se nega. O poderoso diz, “Muito bem, cheguemos a um acordo, dá-me a metade do que te pedi”. Débil não tem alternativa a não ser ceder. Algum tempo depois o vizinho poderoso exige outro bocado de terra, outra vez há um acordo, e assim sucessivamente. Forçando uma longa série de acordos com o homem débil, o poderoso finalmente consegue toda sua terra. Assim funciona o conflito entre tecnologia e liberdade.

126. Deixe-nos explicar por que a tecnologia é uma força social mais poderosa do que a aspiração de liberdade.

127. Normalmente, o progresso tecnológico parece não ameaçar a liberdade, mas com o tempo a afeta seriamente. O pedestre antigamente podia ir onde quisesse e caminhar tranquilamente sem prestar atenção a placas de trânsito, nem dependia de sistemas de base tecnológica. Quando os veículos a motor apareceram para incrementar a liberdade do homem, não tiraram a liberdade do pedestre, ninguém era obrigado a ter um automóvel, e quem resolvesse comprar um não podia se mover muito mais rápido do que o pedestre. Mas a introdução de transporte motorizado rapidamente transformou a sociedade, e de tal maneira que passou a restringir gravemente a liberdade de locomoção do homem. O incremento no número de automóveis tornou necessário regular seu uso extensivo. Um carro, especialmente em áreas densamente povoadas, simplesmente não pode ser conduzido de qualquer maneira; seus movimentos são governados pelo fluir do tráfico e por diferentes normas. Seu uso é regulado por várias normas: carteira de motorista, exame de direção, registo, contrato de seguro, manutenção do veículo, multas. Além disso, usar transporte motorizado não é mais uma opção. Desde a introdução do transporte motorizado a logística de nossas cidades mudou de tal maneira que a maioria das pessoas já não vive no entorno de seu lugar de trabalho, das áreas de compra, de recreio, para onde podia ir andando. Hoje as pessoas DEPENDEM do automóvel para transporte. Se não, tem que usar o transporte público, nesse caso tem ainda menos controle de seu próprio movimento do que conduzindo um carro. A liberdade do pedestre foi amplamente restringida, na cidade ele é obrigado a parar continuamente e esperar nos semáforos, que são desenhados principalmente para servir ao tráfego dos veículos. No campo, o tráfego motorizado torna perigoso e desagradável andar ao longo da estrada. (Importante assinalar o ponto que ilustramos com o caso do transporte motorizado: quando uma nova tecnologia é introduzida como opção que se pode ou não aceitar, isso não quer dizer necessariamente que PERMANEÇA opcional. Em muitos casos a nova tecnologia muda a sociedade de tal maneira que a gente se vê FORÇADO a utilizá-la).

128. Enquanto o progresso tecnológico IN TOTUM continuamente estreita nossa esfera de liberdade, cada novo avanço técnico considerado EM SI MESMO parece desejável. Eletricidade, canalização, comunicações rápidas de longa distância... Como alguém poderia argumentar contra qualquer destas coisas, ou contra qualquer outro dos inumeráveis avanços técnicos que fez a sociedade moderna? Seria absurdo resistir a introdução do telefone, por exemplo. Oferece muitas vantagens e nenhuma desvantagem. No entanto, tal e como explicamos nos parágrafos 59-76, todos estes avanços técnicos tomados juntos criaram um mundo no qual o destino do homem comum já não está em suas próprias mãos ou de seus vizinhos e amigos. Seu destino está nas mãos de políticos, executivos de corporações e de distantes e anônimos técnicos e burocratas nos quais como indivíduo não tem poder de influência. [21] O mesmo processo continuará no futuro. Tomemos a engenharia genética, por exemplo. Pouca gente resistirá à introdução de uma técnica genética que elimine doenças hereditárias. Aparentemente é inócua e previne muito sofrimento. Assim, esse grande número de melhoras genéticas conjuntas tornará os seres humanos mais parecidos com um produto de engenharia do que com uma livre criação da casualidade (de Deus, ou do que quer que seja, dependendo de tuas crenças religiosas).

129. Outra razão da tecnologia ser uma força social poderosa é que no contexto de determinada sociedade, o progresso tecnológico caminha numa única direção; nunca pode ser revertido. Quando se introduz uma inovação técnica, a gente normalmente se torna dependente dela, a não ser que seja substituída por alguma inovação ainda mais avançada. A gente não apenas se torna pessoalmente dependente de um novo produto tecnológico, como também, e em maior grau, o sistema em seu conjunto se torna dependente dele. (Imagine o que ocorreria ao sistema atual se os computadores, por exemplo, fossem eliminados). Assim o sistema se move em uma única direção, empurrado por uma crescente tecnologia. A tecnologia repetidamente obriga a liberdade a dar um passo atrás, mas a tecnologia nunca pode dar um passo atrás sem derrubar todo sistema tecnológico.

130. A tecnologia avança com grande rapidez e ameaça a liberdade em muitos pontos ao mesmo tempo (aglomerados humanos, normas e regulações, as pessoas ficam cada vez mais dependentes de grandes organizações, bombardeadas por propaganda e outras técnicas psicológicas, engenharia genética, invasão da intimidade por meio de dispositivos de vigilância e computadores, etc.). Reter qualquer UMA dessas ameaças à liberdade requer uma luta social diferente. Aqueles que querem proteger a liberdade estão estupefatos pelo surpreendente número de novos ataques e a rapidez com que se desenvolvem, como consequência, tornam-se apáticos e desanimam. Lutar contra cada uma das ameaças separadamente seria inútil. O sucesso só virá pela luta contra o sistema tecnológico como um todo; mas isto é revolucionário, não reformista.

131. Os técnicos (usamos este termo para descrever todos aqueles que realizam uma tarefa especializada que requer treinamento) tendem a estar tão comprometidos com seu trabalho (sua atividade substitutiva) que quando surge um conflito entre este e a liberdade, quase

sempre optam pelo seu trabalho técnico. Isto é óbvio no caso dos cientistas, mas também ocorre em outras partes: educadores, grupos humanitários, organizações de preservação, não vacilam em usar propaganda ou outras técnicas psicológicas para ajudar a conseguir suas louváveis finalidades. As corporações e agências governamentais, quando acham proveitoso, não vacilam em reunir informação sobre pessoas sem respeitar sua intimidade. As agências de execução das leis estão frequentemente em dificuldades com os direitos constitucionais dos suspeitos e muitas vezes de pessoas completamente inocentes, e fazem o que podem legalmente (ou algumas vezes ilegalmente) para restringir ou burlar esses direitos. Muitos destes educadores, servidores públicos governamentais e funcionários do executivo acreditam na liberdade, na preservação da intimidade e nos direitos constitucionais, mas quando estes entram em conflito com seu trabalho, normalmente sentem que seu trabalho é mais importante.

132. É bem-sabido que geralmente as pessoas trabalham melhor e com mais gana quando lutam por um prêmio do que quando tentam evitar um castigo ou um resultado negativo. Os cientistas e outros técnicos são motivados principalmente pelos prêmios que conseguem através de seu trabalho. Mas aqueles que se opõem à invasão técnica da liberdade estão trabalhando para evitar um resultado negativo, conseqüentemente são poucos aqueles que trabalham com persistência e competência nesta tarefa desalentadora. Se alguma vez os reformistas alcançarem uma vitória notável que pareça levantar uma barreira sólida contra futuras erosões da liberdade através do progresso técnico, muitos tenderão a relaxar e desviar sua atenção para empenhos mais agradáveis. Mas os cientistas permanecerão atarefados em seus laboratórios e a tecnologia em seu avanço encontrará caminhos, a despeito de qualquer barreira, para exercer mais e mais controle sobre as pessoas e fazê-las mais dependentes do sistema.

133. Nenhum acordo social - sejam leis, instituições, costumes ou códigos éticos - pode proporcionar uma proteção permanente contra a tecnologia. A história ensina que todos os acordos sociais são transitórios; todos mudam ou eventualmente fracassam. Mas os avanços tecnológicos são permanentes dentro do contexto de uma determinada civilização. Suponhamos por exemplo ser possível chegar a algum acordo social que previna a aplicação da engenharia genética em seres humanos, ou previna de tal maneira que não ameace a liberdade e a dignidade. Não obstante, a tecnologia permanecerá esperando. Cedo ou tarde o acordo social fracassará. Provavelmente cedo, apressando a mudança em nossa sociedade. Então a engenharia genética começará a invadir nossa esfera de liberdade, e esta invasão será irreversível (exceto por um fracasso da própria civilização tecnológica). Qualquer ilusão acerca de conseguir algo permanente através de acordos sociais deveria dissipar-se diante do que atualmente ocorre com a legislação ambiental. Há poucos anos parecia haver barreiras legais seguras prevenindo pelo menos ALGUMAS das piores formas de degradação ambiental. Basta uma mudança no vento político para que essas barreiras desmoronem.

134. Por todas as razões anteriores, a tecnologia é uma força social mais poderosa do que a aspiração de liberdade, mas esta declaração requer uma importante qualificação. Parece que durante as próximas décadas o sistema tecnológico-industrial experimentará uma severa quota de tensão em problemas econômicos e ambientais e, especialmente, em problemas de comportamento humano (alienação, rebelião, hostilidade, uma variedade de dificuldades sociais e psicológicas). Esperamos que a tensão que o sistema provavelmente atravessará lhe cause um colapso, ou ao menos o debilite o suficiente para que ocorra uma revolução e que esta tenha sucesso. Então, nesse momento particular, a aspiração pela liberdade se revelará mais poderosa do que a tecnologia.

135. No parágrafo 125 usamos a analogia do vizinho débil deixado desvalido pelo vizinho forte que lhe tira toda sua terra forçando-o a uma série de compromissos. Mas suponhamos agora que o vizinho forte caia enfermo, tornando-se incapaz de defender-se. O vizinho débil pode tanto obrigar o forte a devolver sua terra como matá-lo. Se deixar o homem forte vivo e apenas forçá-lo a devolver sua terra, é um mentecapto, porque quando o homem forte se recuperar voltará a ficar com toda a terra para ele. A única alternativa sensata para o homem débil é matar o forte enquanto tem uma oportunidade. Da mesma maneira, no momento em que o sistema industrial cai enfermo devemos destruí-lo. Se transigirmos e o deixamos recuperar-se de sua doença, logo destruirá toda nossa liberdade.

## **OS PROBLEMAS SOCIAIS MAIS SIMPLES SE REVELAM INSOLÚVEIS**

136. Se alguém ainda imagina ser possível reformar o sistema de forma a proteger a liberdade da tecnologia, consideremos a maneira desajeitada e quase sempre desafortunada com que nossa sociedade trata outros problemas sociais bem mais simples e globais. Entre outras coisas, o sistema não conseguiu parar o aumento da degradação ambiental, da corrupção política, do tráfico de drogas ou do abuso doméstico.

137. Tomemos nossos problemas ambientais, por exemplo. Aqui o conflito de valores é completo: atualmente o expediente econômico opera contra a salvação de alguns de nossos recursos naturais para nossos netos [22]. Mas sobre esse tema obtemos apenas um monte de tolices e dissimulação por parte daqueles que detêm o poder, enquanto eles não fazem nada no sentido de uma ação clara e consequente, os problemas ambientais com os quais nossos netos terão que conviver vão se acumulando. As tentativas de resolver o problema ambiental consistem em lutas e compromissos entre diferentes facções, algumas ascendem num momento, outras em outro momento. A linha de luta muda ao sabor da opinião pública. Este não é um processo racional, nem tampouco apto para conduzir a uma solução conveniente e definitiva ao problema. Os principais problemas sociais, se alguma vez são “resolvidos”, raramente ou nunca o são através de um plano racional e compreensível. Simplesmente se resolvem por si mesmos através de um processo em que vários grupos antagônicos

perseguindo seus próprios interesses [23] (normalmente em curto prazo) chegam (principalmente por acaso) a algum modus vivendi mais ou menos estável. De fato, os princípios que formulamos nos parágrafos 100-106 fazem parecer duvidoso que os planos sociais racionais de longo prazo tenham a mínima chance de obter ALGUM sucesso.

138. Assim fica claro que a raça humana tem, na melhor das hipóteses, uma capacidade muito limitada para resolver problemas sociais, até mesmo aqueles que são relativamente globais. Então como resolverá o problema bem mais difícil e sutil da conciliação entre liberdade e tecnologia? A tecnologia apresenta avanços materiais bem delimitados, enquanto que a liberdade é uma abstração que significa coisas diferentes para pessoas diferentes, e sua perda é facilmente ocultada pela propaganda e pela conversa fiada.

139. É importante anotar essa diferença: é possível que nossos problemas ambientais (por exemplo) possam algum dia se estabilizar através de um plano claro e racional, mas se isto ocorrer será porque a resolução destes problemas se enquadra nos interesses de longo prazo do sistema. NÃO interessa ao sistema preservar a liberdade ou a autonomia de pequenos grupos. Pelo contrário, faz questão de controlar o comportamento humano o mais amplamente possível. [24] Assim, enquanto considerações práticas podem eventualmente forçar o sistema a assumir uma abordagem racional e prudente diante dos problemas ambientais, considerações igualmente práticas lhe forçarão a regular cada vez mais o comportamento humano (provavelmente através de meios indiretos que disfarçarão a supressão de liberdade). Isto não é simplesmente nossa opinião. Eminentíssimos cientistas sociais (por exemplo, James Q. Wilson) enfatizaram a importância de «socializar» as pessoas mais efetivamente.

## **REVOLUÇÃO É MAIS FÁCIL QUE REFORMA**

140. Esperamos ter convencido ao leitor de que o sistema não pode ser reformado de forma a conciliar liberdade e tecnologia. A única saída é livrar-nos do sistema tecnológico industrial como um todo. Isto implica revolução, não necessariamente um levante armado, mas certamente uma mudança radical e fundamental na natureza da sociedade.

141. Ao contrário do que muitos pensam é mais fácil implementar mudanças por uma revolução do que por uma reforma. Realmente, sob determinadas circunstâncias, a revolução é mais simples que a reforma. A razão é que um movimento revolucionário pode inspirar um grau de compromisso que jamais seria alcançado em um movimento reformista. Um movimento reformista meramente tenta resolver um problema social em particular. Um movimento revolucionário tenta resolver todos os problemas com um só golpe e criar um novo mundo. Proporciona um tipo de ideal que leva as pessoas a correr riscos e fazer grandes sacrifícios voluntariamente. Por esta razão é mais fácil derrubar todo o sistema tecnológico do

que impor restrições efetivas e permanentes ao desenvolvimento de aplicações de qualquer segmento tecnológico, tal como ocorre com a engenharia genética; sob condições adequadas um grande número de gente pode dedicar-se apaixonadamente a uma revolução contra o sistema tecnológico-industrial. Conforme assinalamos no parágrafo 132, os reformistas que pretendem limitar certos aspectos da tecnologia no intuito de minimizar alguns males. Mas os revolucionários labutam por uma poderosa recompensa – realizar sua visão revolucionária – e de uma forma mais persistente do que os reformistas.

142. A reforma é sempre limitada pelo temor de consequências dolorosas se as mudanças forem além do previsto. Mas na medida em que a febre revolucionária se espalha pela sociedade, as pessoas voluntariamente dedicam um trabalho árduo e ilimitado esforço em prol de sua revolução. Isto se viu claramente nas Revoluções Francesa e Russa. Pode ser que em tais casos apenas uma minoria da população realmente se comprometa, mas esta minoria é suficientemente grande e ativa para converter-se em força dominante na sociedade. Escreveremos mais sobre revolução nos parágrafos 180-205.

## **CONTROLE DO COMPORTAMENTO HUMANO**

143. Desde o começo da civilização, as sociedades organizadas vêm oprimindo seres humanos em favor do funcionamento do organismo social. O tipo de pressão variou muito de uma sociedade para outra. Algumas foram físicas (parca alimentação, trabalho excessivo, poluição ambiental), outras psicológicas (ruído, promiscuidade, ajustar o comportamento humano à sociedade). No passado, a natureza humana manteve-se constante, ou variou apenas em certos aspectos. Consequentemente, as sociedades foram capazes de controlar as pessoas até certos limites. Quando se ultrapassa o limite da resistência humana, as coisas começam a sair das engrenagens: há o incremento de rebeliões, crimes, corrupção, evasão do trabalho, taxa decrescente de nascimentos e daí em diante, de forma que a sociedade também colapsa, seu funcionamento se torna demasiado ineficiente ou é (rápida ou gradualmente) substituída por alguma outra forma mais eficiente de sociedade.

144. Assim, antigamente, a natureza humana pôs certos limites ao desenvolvimento das sociedades. A gente podia ser empurrada a um ponto e não além. Mas hoje isto pode estar mudando, porque a tecnologia moderna está desenvolvendo formas de modificar seres humanos.

145. Imagine uma sociedade submetendo pessoas a condições que as tornam terrivelmente infelizes e que depois lhes dá drogas para retirar esta infelicidade. Ficção científica? Em certo grau isso já está ocorrendo em nossa sociedade. É bem sabido que a taxa de pessoas clinicamente deprimidas aumentou muito nas últimas décadas. Isso se deve ao colapso no processo de afirmação pessoal, como explicamos nos parágrafos 59-76. Salvo engano, o



incremento da taxa de pessoas que sofrem de depressão é certamente o resultado de ALGUMAS condições existentes na sociedade de hoje. Em vez de extirpar as condições que geram depressão, a sociedade moderna disponibiliza drogas antidepressivas. Na realidade, os antidepressivos são um meio de modificar o estado interno de um indivíduo de tal maneira que lhe permita suportar condições sociais intoleráveis. (Sim, sabemos que a depressão é com frequência de origem puramente genética. Mas aqui nos referimos a casos em que o meio exerce um papel predominante).

146. As drogas que afetam à mente são apenas um exemplo dos métodos de controle do comportamento humano que a sociedade moderna está desenvolvendo. Vejamos alguns outros.

147. Vamos começar pelas técnicas de vigilância. Videocâmeras ocultas são atualmente usadas na maioria dos supermercados e em outros muitos lugares. Computadores são usados para recolher e processar uma enorme quantidade de informações sobre pessoas. A informação assim obtida aumenta enormemente a efetividade da coação física (ou seja, imposição da lei). [26] Também há os métodos de propaganda que encontram nos meios de comunicação de massas seus veículos efetivos. Desenvolveram-se técnicas eficientes para ganhar eleições, vender produtos, influir na opinião pública. A indústria do entretenimento serve como importante ferramenta psicológica do sistema, inclusive quando distribui grande quantidade de sexo e violência. O entretenimento proporciona ao homem atual um meio de escape. Enquanto está absorvido pela televisão, vídeos, etc. pode esquecer a tensão, a ansiedade, a frustração, a insatisfação. Os povos antigos, quando não tinham nenhum trabalho a fazer, se contentavam em sentar-se durante horas sem fazer nada, porque estavam em paz consigo mesmos e com seu mundo. Atualmente, a maior parte das pessoas está constantemente ocupada ou entretida, de outro modo se “aborreceria”, isto é, estaria inquieta, incômoda, irritada.

148. Outras técnicas atacam mais profundamente do que as precedentes. A educação já não é coisa tão simples como dar uma bronca na criança quando não sabe a lição e uma palmadita nas costas quando sabe. Está-se convertendo numa técnica científica de controle do desenvolvimento da criança. O Sylvan Learning Centers [Centros de Aprendizagem Sylvan], por exemplo, que tiveram muito sucesso motivando crianças ao estudo, também usaram técnicas psicológicas mais ou menos bem-sucedidas em muitos colégios convencionais. As técnicas de “paternidade” ensinadas aos pais são desenhadas para fazer com que as crianças aceitem os valores fundamentais do sistema e se comportem da maneira que este considera desejável. Programas de “saúde mental”, técnicas de “intervenção”, psicoterapia e daí por diante são ostensivelmente desenhadas para beneficiar indivíduos, mas normalmente na prática servem como métodos de indução de pensamento e comportamento de acordo com as necessidades do sistema. (Não há nenhuma contradição aqui; um indivíduo cujos atos ou comportamento conduz a um conflito com o sistema vai na contramão de uma força demasiado poderosa

para ser conquistada ou evitada, portanto é provável que sofra tensão, frustração, derrota. Seu caminho será bem mais fácil se pensar e se comportar como deseja o sistema. Neste sentido se atua em benefício do indivíduo quando lhe fazem uma lavagem cerebral para que se adéque). Na maioria das culturas o abuso infantil é condenável em suas formas mais indecorosas e óbvias, senão em todas. Atormentar uma criança por qualquer motivo ou por algum motivo torpe é algo que horroriza quase todo mundo. Mas muitos psicólogos interpretam o conceito de abuso bem mais profundamente. Seriam as broncas usadas como parte do sistema de disciplina racional e conseqüente uma forma de abuso? Em última instância a resposta será positiva pelo grau de eficácia na produção de comportamentos que façam uma pessoa se enquadrar no sistema existente da sociedade. Na prática a palavra “abuso” tende a ser interpretada no sentido de incluir qualquer método de criação infantil que produza comportamentos inconvenientes ao sistema. Assim, quando vão além da prevenção da crueldade óbvia e privada de sentido, os programas para prevenção contra o «abuso infantil» são dirigidos para o controle do comportamento humano por parte do sistema.

149. Provavelmente, as investigações continuarão a incrementar a efetividade das técnicas psicológicas de controle do comportamento humano. É improvável que apenas técnicas psicológicas sejam suficientes para adaptar seres humanos ao tipo de sociedade que a tecnologia está criando. Provavelmente terão que usar métodos biológicos. Já mencionamos o uso de drogas em relação com isto. A neurologia pode proporcionar outros caminhos de modificação da mente humana. A engenharia genética em seres humanos já está tomando a forma de “terapia genética”, e não há razão para acreditar que tais métodos não sejam usados para modificar aspectos do corpo que afetam ao funcionamento mental.

150. Como mencionamos no parágrafo 134, a sociedade industrial parece entrar num período de grave tensão, em parte por causa dos problemas do comportamento humano e em parte devido a problemas econômicos e ambientais. Uma proporção considerável destes dois últimos resulta da maneira como que se comportam os seres humanos. Alienação, baixa autoestima, depressão, hostilidade, rebelião; crianças que não estudam, gangues juvenis, uso de drogas ilegais, roubo, pedofilia, outros crimes, sexo inseguro, gravidez precoce, crescimento da população, corrupção política, ódio racial, rivalidade étnica, conflito ideológico (por exemplo, pró-eleição, contra aborto), extremismo político, terrorismo, sabotagem, grupos antigovernamentais, grupos de ódio. Tudo isto ameaça gravemente a sobrevivência do sistema. Por tanto se verá FORÇADO a usar todos os meios práticos de controle do comportamento humano.

151. O colapso social que vemos hoje certamente não é resultado de mera casualidade. Só pode ser o resultado das condições de vida que o sistema impõe à gente. (Argumentamos que a condição mais importante é o colapso do processo de afirmação pessoal). Se o sistema tem sucesso impondo suficiente controle sobre o comportamento humano para assegurar sua própria sobrevivência, estamos diante de um novo divisor de águas na história da

humanidade. Enquanto antigamente os limites da resistência humana impunham limites ao desenvolvimento das sociedades (tal como explicamos nos parágrafos 143, 144) a sociedade tecnológico-industrial será capaz de traspasar esses limites apenas modificando os seres humanos, seja por métodos psicológicos, biológicos ou por ambos. No futuro, os sistemas sociais não serão adaptados para ajustar-se às necessidades dos seres humanos. Pelo contrário, os seres humanos serão adaptados para ajustar-se às necessidades do sistema. Para ser exato, as sociedades passadas usaram meios de influenciar o comportamento humano, mas estes foram primitivos e de baixa efetividade comparada com os meios tecnológicos que estão se desenvolvendo agora.

152. Em termos gerais, o controle tecnológico sobre os seres humanos provavelmente não será introduzido com uma intenção totalitária e nem mesmo através de um desejo consciente de restringir a liberdade humana. No entanto, alguns psicólogos expressaram publicamente opiniões indicando seu desprezo pela liberdade humana. O matemático Claude Shannon foi citado em Omni (agosto de 1987) dizendo “visualizo um tempo no que seremos para os robôs o que os cachorros são para os humanos, e eu apoio às máquinas”. Cada novo degrau na afirmação do controle sobre a mente humana será considerado como uma resposta racional a um problema enfrentado pela sociedade, tal como curar alcoolismo, reduzir taxa de crime ou induzir jovens ao estudo de ciências e engenharia. Em muitos casos, haverá uma justificativa humanitária. Por exemplo, quando um psiquiatra prescreve um antidepressivo a um paciente deprimido, faz um favor a essa pessoa, claro. Seria desumano negar remédio a alguém que precisa. Quando os pais mandam a seus filhos ao Centro de Aprendizagem Sylvan para que sejam condicionados a ter entusiasmo pelos estudos, fazem isso preocupados pelo bem-estar de seus filhos. Talvez alguns destes pais preferissem não haver necessidade de seu filho passar por um treinamento especializado para conseguir trabalho e que seu filho não precisasse passar por uma lavagem cerebral para converter-se num especialista em computadores. Mas, o que fazer? Não podem mudar a sociedade, e seu filho pode ficar desempregado se não tiver certas habilidades. Assim, o mandam para o Sylvan.

153. Assim, o controle sobre o comportamento humano é introduzido não por uma decisão fria de autoridades, mas por um processo de evolução social (evolução RÁPIDA, digamos). É impossível resistir a esse processo porque cada avanço, considerado em si mesmo, parecerá benéfico, ou coisa parecida, o mal embutido no avanço parece menor que o recuo. (Ver parágrafo 127). A propaganda, por exemplo, é usada para muitos propósitos bons, tais como desestimular o abuso infantil ou o ódio racial. A educação sexual é obviamente útil, apesar de sempre resultar (quando tem sucesso) na transferência dessa responsabilidade da família para o Estado, representado pela escola pública.

154. Suponhamos que se descubra uma tendência biológica que incremente a probabilidade de uma criança tornar-se criminosa, e suponhamos algum tipo de terapia genética possa extirpar essa tendência. É de se esperar que a maioria dos pais cujos filhos possuam essa tendência os submetam à terapia. Seria desumano agir de outra maneira, já que a criança

provavelmente teria uma vida miserável se crescesse para ser um criminoso. Contudo, muitas ou a maioria das sociedades primitivas tiveram uma taxa baixa de crimes em comparação com a nossa, sem métodos de alta tecnologia para criar crianças ou sistemas cruéis de castigo. Já que não há razão para supor que mais homens modernos do que primitivos iniciaram tendências depredadoras, a alta taxa de crimes em nossa sociedade é certamente resultante das pressões que as condições modernas submetem as pessoas, às quais muitos não podem ou não poderão se ajustar. Assim, um tratamento concebido para extirpar tendências criminosas potenciais é, ao menos em parte, uma maneira de redesenhar as pessoas que se ajustem aos requisitos do sistema.

155. Nossa sociedade tende a considerar como «doença» qualquer forma de pensamento ou comportamento inconveniente, e isto é plausível porque aquele que não se ajusta ao sistema, sofre e causa problemas ao sistema. Desta maneira, manipular um indivíduo para ajustá-lo é visto como “cura” de uma “doença”, portanto, coisa boa.

156. No parágrafo 127 assinalamos que se o uso de um novo artigo tecnológico é INICIALMENTE opcional, ele não SE MANTÊM necessariamente opcional, porque a nova tecnologia tende a mudar de tal maneira a sociedade que se torna difícil ou impossível a uma pessoa agir sem usar essa tecnologia. Isto também se aplica à tecnologia do comportamento humano. Num mundo em que a maioria das crianças é lançada em programas de incentivo ao estudo, alguns pais serão praticamente forçados a pôr seus filhos em tais programas, porque se não o fizerem, seus filhos crescerão para ser, comparados com os outros, não capacitados, e portanto, desempregados. Suponhamos que se descubra um tratamento biológico que, sem efeitos secundários, gradualmente reduza a tensão psicológica que muita gente sofre em nossa sociedade. Se muita gente resolve experimentar o tratamento, então o nível geral de tensão se reduzirá. O que possibilitará ao sistema incrementar as pressões que produzem a tensão. Isto fará com que mais gente experimente o tratamento e assim sucessivamente, de forma que no futuro a tensão pode ser tão pesada que poucos sobreviverão sem sofrer o tratamento de redução da tensão. Na verdade, alguma coisa assim parece já ocorrer. Trata-se de uma das mais importantes ferramentas psicológicas da nossa sociedade criada para ajudar pessoas a reduzir o estresse (ou, pelo menos temporariamente escapar dele), a saber: o entretenimento de massa (ver parágrafo 147). Nosso uso dele é “opcional”: nenhuma lei nos obriga a ver televisão, ouvir rádio, ler revistas. No entanto, o entretenimento de massa é um meio de escapar e reduzir a tensão, sendo que muitos de nós nos tornamos dependentes. Todo mundo se queixa da má qualidade da televisão, mas quase todo mundo a vê. Poucos deram um pontapé na mania da televisão, mas é raro hoje em dia alguém conseguir viver sem usar NENHUMA forma de entretenimento de massa (no entanto até bem recentemente na história da humanidade a maior parte das pessoas vivia muito bem sem outro entretenimento que aquele que cada comunidade local criava para si mesma). Sem a indústria do entretenimento o sistema provavelmente não teria sido capaz de produzir impunemente tanta tensão na produção, como faz.

157. Se a sociedade industrial sobreviver, provavelmente a tecnologia chegará a algo próximo do controle total do comportamento humano. Não há dúvida alguma de que o pensamento e o comportamento humano têm importantes bases biológicas. Experiências têm demonstrado que sentimentos como desejo, prazer, cólera e medo podem ser conectados e desconectados mediante estímulo elétrico de determinadas partes do cérebro. Pode-se destruir ou resgatar recordações mediante estímulo elétrico de partes do cérebro. Os remédios podem induzir alucinações ou mudanças de humor. Pode haver ou não uma alma humana imaterial, mas, se há, é claramente menos poderosa que os mecanismos biológicos do comportamento humano, senão os pesquisadores não poderiam manipular tão facilmente os sentimentos e o comportamento humano com drogas e correntes elétricas.

158. Provavelmente, não seria prático todas as pessoas andarem com eletrodos inseridos na cabeça para poderem ser controladas pelas autoridades. Mas o fato dos pensamentos e sentimentos humanos estarem tão abertos a intervenções biológicas mostram que esta questão é principalmente um problema técnico; um problema de neurônios, hormônios e moléculas complexas; uma área sujeita ao ataque científico. Diante da característica de nossa sociedade em resolver problemas técnicos, é altamente provável que ocorrerão grandes avanços no controle do comportamento humano.

159. A resistência do público prevenirá a introdução do controle tecnológico do comportamento humano? Seguramente, se fizessem uma tentativa de introduzir tal controle de uma só vez. Mas na medida em que é introduzido através de uma longa sequência de pequenos avanços, não terá resistência racional e efetiva. (Ver parágrafos 127, 132, 153).

160. ÀQUELES que pensam que tudo isto parece ser ficção científica, assinalamos que a ficção científica de ontem é o fato de hoje. A Revolução Industrial alterou radicalmente o meio e o modo de vida do homem. Provavelmente, com a tecnologia avançando cada vez mais no corpo e mente humana, o homem será alterado tão radicalmente quanto seu meio e modo de vida.

## **A RAÇA HUMANA EM UMA ENCRUZILHADA**

161. Mas nos adiantamos em nossa história. Uma coisa é desenvolver no laboratório uma série de técnicas psicológicas ou biológicas para manipular o comportamento humano e outra o integrar estas técnicas ao funcionamento de um sistema social. O segundo problema é o mais difícil dos dois. Por exemplo, se técnicas de educação psicológica funcionam indubitavelmente a contento nos “colégios laboratórios” onde são desenvolvidas, isso não significa necessariamente que será fácil aplicá-las efetivamente em todo nosso sistema educativo. Todos sabemos como são muitos de nossos colégios. Os professores estão demasiado ocupados tomando facas e pistolas das mãos das crianças para ter tempo de

submetê-las às últimas técnicas para convertê-los em especialistas em computadores. Assim, apesar de todos seus avanços técnicos referentes ao comportamento humano, o sistema até agora não foi notavelmente afortunado no controle de seres humanos. Aquele que se adéqua ao controle do sistema pode ser chamado de “burguês”. Mas há um número crescente de pessoas que de uma forma ou de outra são avessos ao sistema: usuários de programas sociais, gangues juvenis, cultistas, satanistas, nazistas, ambientalistas radicais, milicianos, etc.

162. Atualmente, o sistema está envolvido numa luta desesperada para superar certos problemas que ameaçam sua sobrevivência, entre os quais os mais importantes são os relacionados ao comportamento humano. Se prosperar em adquirir rapidamente controle suficiente sobre este, provavelmente sobreviverá. De outra maneira fracassará. Acreditamos que o problema será resolvido, o mais provável, dentro das próximas décadas, entre 40 e 100 anos, digamos.

163. Para que o sistema sobreviva à crise das próximas décadas, esses problemas têm que ser resolvidos ou, pelo menos, colocados sob controle. Os principais problemas que o sistema enfrenta são relacionados à “socialização” dos seres humanos; isto é, tornar as pessoas suficientemente dóceis de forma que seu comportamento não o ameace mais. Conseguindo isso, não parece haver nenhum novo obstáculo ao desenvolvimento da tecnologia, e provavelmente avançaria para sua conclusão lógica: o controle total da Terra, incluindo seres humanos e o restante dos organismos importantes. O sistema pode converter-se numa organização unitária e monolítica ou mais ou menos fragmentada. Pode constituir um número de organizações que coexistam numa relação que inclua elementos tanto de cooperação como de competição, exatamente como ocorre hoje com o governo, as corporações e outras grandes organizações que tanto cooperam como competem entre si. Quase toda liberdade humana terá desaparecido, porque os indivíduos e os grupos pequenos serão impotentes com respeito às grandes organizações armadas com supertecnologia e um arsenal de ferramentas psicológicas e biológicas avançadas para manipular seres humanos, além do instrumental de vigilância e coação física. Pouca gente terá algum poder real e provavelmente até mesmo estes terão uma liberdade muito limitada, porque seu comportamento também será regulado; exatamente como ocorre hoje com nossos políticos e executivos de corporações que podem manter suas posições de poder apenas enquanto seu comportamento permanecer dentro de limites bastante estreitos.

164. Não pense que o sistema interromperá o desenvolvimento de novas técnicas de controle de seres humanos e da natureza, quando terminar a crise das próximas décadas e o incremento do controle não for mais necessário para sua sobrevivência. Pelo contrário, uma vez passado os tempos difíceis, o sistema incrementará o controle mais rapidamente, porque não mais lhe estorvarão as dificuldades do tipo que experimenta atualmente. A sobrevivência não é o motivo principal do controle. Como explicamos nos parágrafos 87-90, os técnicos e os cientistas desenvolvem seu trabalho em grande parte como uma atividade substitutiva, satisfazem sua necessidade de poder resolvendo problemas técnicos. Continuarão fazendo

isto com enorme entusiasmo. Entre os problemas mais interessantes e desafiantes a serem resolvidos estão aqueles relacionados à compreensão do funcionamento do corpo e da mente humana e na intervenção em seu desenvolvimento. Pelo “bem da humanidade”, claro.

165. Mas suponhamos, por outra parte, que a tensão das décadas vindouras possa ser demasiado forte para o sistema. Se este colapsa pode haver um período de caos, um “tempo de problemas” tais como aqueles que a história experimentou em várias épocas no passado. É impossível prever o que surgirá desse tempo de problemas, mas, seja como for, a raça humana terá uma nova oportunidade. O maior perigo está na tragédia da sociedade industrial poder reconstituir-se por si mesma dentro dos primeiros anos depois do colapso. Pois haverá muita gente (especialmente do tipo faminto por poder) que estará ansiosa para voltar a pôr em funcionamento as fábricas.

166. Portanto aqueles que odeiam a servidão à qual o sistema industrial está reduzindo a raça humana enfrentarão duas tarefas. Em primeiro lugar, temos que trabalhar para aumentar a tensão social dentro do sistema bem como incrementar a probabilidade de que entre em colapso, ou seja, debilitado o suficiente para que uma revolução contra ele seja possível. Em segundo lugar, é necessário desenvolver e propagar uma ideologia que se oponha à tecnologia e ao sistema industrial. Tal ideologia pode converter-se na base de uma revolução contra a sociedade industrial desde que o sistema se debilite o suficiente. E tal ideologia ajudará a assegurar que, na medida em que a sociedade industrial entra em colapso, seus restos se tornem pedaços irreparáveis, de forma que não possa mais ser reconstruída. As fábricas devem ser destruídas, os livros técnicos queimados, etc.

## **SOFRIMENTO HUMANO**

167. O sistema industrial não entrará em colapso exclusivamente por causa de uma ação revolucionária. Não será vulnerável ao ataque revolucionário a não ser que seus próprios problemas internos de desenvolvimento o levem a dificuldades muito sérias. O sistema pode entrar em colapso espontaneamente ou através de um processo híbrido, em parte espontâneo, mas auxiliado pelos revolucionários. Se o colapso for repentino, muita gente morrerá, já que a população mundial se tornou tão excessiva que não pode se sustentar por muito tempo sem tecnologia avançada. Se o colapso for gradual o suficiente para que a redução da população ocorra mais por causa da redução da taxa de nascimento do que pelo aumento da taxa de morte, o processo de desindustrialização provavelmente será mais caótico e implicará muito sofrimento. É ingênuo pensar que a tecnologia possa ser reduzida por etapas ajeitando-se suavemente de um modo ordenado. Os tecnófilos lutarão teimosamente a cada etapa contra isso. Seria crueldade trabalhar para o colapso do sistema? Talvez sim, talvez não. Em primeiro lugar, os revolucionários não serão capazes de derrubar o sistema a não ser que este já esteja suficientemente debilitado para que tenha alguma chance de sobreviver;

e quanto mais ele crescer, mais desastrosas serão as consequências do colapso. Pode ser que quanto mais os revolucionários acelerarem o começo do fim do sistema, menor será a extensão do desastre resultante de sua queda.

168. Em segundo lugar, vale a pena lutar e morrer contra a perda da liberdade e da dignidade? Para muitos de nós, liberdade e dignidade são mais importantes que uma vida longa ou fugir do sofrimento físico. De qualquer forma, todos temos que morrer algum dia e pode ser melhor morrer lutando por uma vida plena, ou por uma causa, do que viver uma vida longa mas vazia e carente de sentido.

169. Em terceiro lugar, não é de forma alguma verdadeira que a sobrevivência do sistema levará a um menor sofrimento do que o resultante de seu colapso. O sistema já causou, e continuará causando, um sofrimento intenso em todo mundo. As culturas antigas que proporcionaram relações satisfatórias interpessoais e com o meio ambiente durante centenas ou milhares de anos, foram despedaçadas pelo contato com a sociedade industrial, e o resultado foi um catálogo inteiro de problemas econômicos, ambientais, sociais e psicológicos. Um dos efeitos da intrusão da sociedade industrial foi que muitos dos controles tradicionais da população no mundo se desequilibraram, provocando a explosão demográfica, e todas suas implicações. Além disso, há um sofrimento psicológico que está se espalhando por todos os pretensamente afortunados países de ocidente (ver parágrafos 44-45). Ninguém sabe o que resultará da redução do ozônio, do efeito estufa e de outros problemas ambientais ainda em curso. Como a proliferação nuclear ensinou, a nova tecnologia não pode se manter fora do alcance das mãos de ditadores e das nações irresponsáveis do terceiro mundo. Agradaria-te especular sobre o que Iraque ou Coreia do Norte farão com a engenharia genética?

170. “Oh!” dizem os tecnófilos, “a ciência arrumará tudo isso! Venceremos a fome, eliminaremos o sofrimento psicológico, faremos todo mundo saudável e feliz!” Sim, certamente. Isso é o que disseram há 200 anos. Supunha-se que a Revolução Industrial eliminaria a pobreza, tornaria todo mundo feliz, etc. O resultado atual é completamente diferente. Os tecnófilos são desesperadamente ingênuos (ou enganam a si mesmos) em seu entendimento dos problemas sociais. Não se dão conta (ou preferem ignorar) do fato de que a introdução de grandes mudanças, inclusive as aparentemente benéficas, numa sociedade, leva a uma longa sequência de outras mudanças, muitas das quais são impossíveis de prever (parágrafo 103). O resultado é o colapso da sociedade. Pelo que é muito provável que, em suas tentativas por acabar com a pobreza e a doença, o engenheiro dócil, as personalidades satisfeitas, os tecnófilos criarão sistemas sociais terrivelmente agitados, inclusive mais do que o presente. Por exemplo, os cientistas presumem que acabarão com a fome criando geneticamente novas plantas alimentícias. Mas isto permitirá à população humana continuar expandindo-se indefinidamente, e é bem-sabido que o aglomerado conduz ao aumento da tensão e da agressão. Este é meramente um exemplo dos problemas PREVISÍVEIS que se apresentarão. Enfatizamos que, como mostrou a experiência passada, o progresso técnico



conduzirá a outros novos problemas que NÃO podem ser previstos (parágrafo 103). De fato, depois da Revolução Industrial, a tecnologia tem criado novos problemas à sociedade bem mais rapidamente do que tem resolvido os velhos. Um longo período de tentativa e erro onde os tecnófilos resolvem os bugs de seu Admirável Mundo Novo (se alguma vez o conseguiram). Nesse meio tempo trouxeram um grande sofrimento. Assim, pois, não está claro que a sobrevivência da sociedade industrial traga menos sofrimento do que seu colapso. A tecnologia mantém à raça humana numa situação tal que não é provável que tenha alguma saída fácil.

## O FUTURO

171. Mas suponhamos agora que a sociedade industrial sobreviva às próximas décadas, que os bugs se resolvam, e que funcione a contento. Que tipo de sistema será? Consideremos algumas possibilidades.

172. Suponhamos primeiramente que os cientistas de computadores tenham sucesso desenvolvendo máquinas inteligentes que podem fazer tudo melhor do que os seres humanos. Nesse caso provavelmente todo trabalho será efetuado por um vasto e altamente organizado sistema de máquinas e nenhum esforço humano será necessário. Qualquer dos dois casos pode ocorrer. Pode-se permitir às máquinas tomar suas próprias decisões sem supervisão humana ou o controle humano sobre as máquinas pode se tornar restrito.

173. Se se permite às máquinas tomar suas próprias decisões não podemos fazer nenhuma conjectura sobre os resultados, porque é impossível adivinhar como se comportarão. Só assinalamos que a sorte da raça humana estará a sua mercê. Pode-se argumentar que nunca será tão estúpida a ponto de entregar todo o poder às máquinas. Mas não estamos sugerindo que a raça humana voluntariamente transfira o poder às máquinas nem que estas se apoderem dele deliberadamente. O que sugerimos é que facilmente essa situação pode resultar em uma dependência tal que não haveria alternativa a não ser aceitar todas as decisões. Como vivemos em um tempo em que a sociedade e os problemas que enfrenta se tornam mais e mais complexos e as máquinas mais e mais inteligentes, o homem tende a deixar que as máquinas tomem cada vez mais decisões por ele, simplesmente porque estas conduzem a melhores resultados do que os seres humanos. Eventualmente pode-se chegar ao ponto em que as decisões necessárias para manter o sistema em marcha serão tão complexas que os seres humanos serão incapazes de tomá-las inteligentemente. Nessa etapa as máquinas possuirão o controle efetivo. A gente não poderá simplesmente desligá-las, porque estaríamos tão dependentes que isso seria equivalente ao suicídio.

174. Por outro lado, é possível conservar o controle humano sobre as máquinas. Nesse caso o homem médio pode ter controle sobre certas máquinas, tais como seu carro ou seu computador pessoal, mas o controle sobre grandes sistemas de máquinas estará nas mãos de uma minúscula elite como ocorre hoje, mas com duas diferenças. Devido à melhora das técnicas a elite terá maior controle sobre as massas e, como não será mais necessário o trabalho humano, as massas serão supérfluas, um ônus inútil no sistema. Se a elite for cruel, simplesmente decidirá exterminá-las. Se forem humanos, podem usar propaganda ou outras técnicas psicológicas ou biológicas para reduzir a taxa de nascimento até que se extingam, deixando o mundo à elite. Ou, se esta consiste em liberais bondosos, podem decidir desempenhar o papel de bons pastores do resto da humanidade. Para isto, se encarregarão de que todo mundo satisfaça suas necessidades físicas, que todas as crianças se criem sob condições psicologicamente higiênicas, que todo mundo tenha um gosto são para mantê-lo ocupado e que qualquer que possa estar insatisfeito receba um “tratamento” para curar seu «problema». Por suposto, a vida estará tão vazia de sentido que as pessoas terão que ser desenhadas biológica ou psicologicamente para extirpar sua necessidade de afirmação pessoal ou “sublimá-la” em direção ao poder como um passatempo inofensivo. Estes seres humanos desenhados podem ser felizes em tal sociedade, mas a maioria não será livre. Será reduzida à categoria de animais domésticos.

175. Mas suponhamos agora que os cientistas de computadores não são afortunados desenvolvendo a inteligência artificial, pelo que o trabalho humano seguirá sendo necessário. Mesmo assim, as máquinas cuidarão de cada vez mais tarefas simples pelo que terá um excedente de trabalhadores humanos nos níveis mais baixos de habilidade. (Vemos que isto já está passando. Há muita gente com dificuldade ou impossibilidade em encontrar um trabalho. Por razões intelectuais ou psicológicas não podem adquirir o nível de treinamento necessário para tornarem-se úteis no presente sistema). Para aqueles que estão empregados as exigências será cada vez maior: precisarão mais e mais treinamento, mais e mais habilidade, e terão que ser inclusive mais fiéis, conformistas e dóceis, porque serão cada vez mais como células de um organismo gigante. Suas tarefas serão cada vez mais especializadas, pelo que seu trabalho estará, num sentido, fora de contato com o mundo real, estando concentrados numa minúscula porção de realidade. O sistema terá que usar qualquer meio que possa, seja psicológico ou biológico, para desenhar à gente para ser dócil, para ter as habilidades que requeira o sistema e “sublimar” seu impulso pelo poder em alguma tarefa especializada. Mas a afirmação de que a gente de tal sociedade terá que ser dócil pode requerer reservas. Esta pode encontrar útil a competitividade, sempre que se encontrem maneiras de dirigi-la dentro de canais que sirvam às necessidades do sistema. Imaginamos uma sociedade futura na que há uma competição inacabável pela posição de prestígio e poder. Mas muito pouca gente atingirá a cume, onde está o verdadeiro poder. (Ver o final do parágrafo 163). Uma sociedade na qual uma pessoa pode satisfazer sua afirmação pessoal só empurrando a grande quantidade de outra gente fora do caminho e privando- os de SUA oportunidade pelo poder é muito repugnante.

176. Alguém pode imaginar palcos que incorporem aspectos de outras possibilidades que acabamos de tratar. Por exemplo, pode ser que as máquinas se encarreguem da maioria do trabalho que seja de importância real e prática, mas que se mantenham ocupados os seres humanos dando-lhes trabalhos relativamente triviais. Sugeriu-se, por exemplo, que um grande desenvolvimento das indústrias de serviços pode dar trabalho aos seres humanos. Assim, as pessoas passariam seu tempo limpando os sapatos uns dos outros, conduzindo uns aos outros de táxi, fazendo artesanato, preparando a mesa de outros, etc. Parece-nos uma maneira profundamente desprezível de viver, e duvidamos que muitos encontrem realização se ocupando em labutas desprovidas de sentido. Procurarão outras perigosas saídas (drogas, crime, “cultos”, grupos de ódio) a não ser que estejam desenhados biológica ou psicologicamente para adaptar-se a semelhante tipo de vida.

177. É desnecessário dizer que o cenário acima esboçado não esgota todas as possibilidades. Apenas indicam o tipo de resultados que parecem mais prováveis. Mas podemos imaginar cenários inverosímeis que são mais aceitáveis do que os que acabamos de descrever. É totalmente provável que, se o sistema tecnológico-industrial sobreviver nos próximos 40 a 100 anos terá desenvolvido durante esse tempo certas características gerais: as pessoas (ao menos aquelas do tipo “burguês”, que estão integradas no sistema e o fazem funcionar e que, portanto, têm todo o poder) serão mais dependentes que nunca das grandes organizações, estarão mais “socializados” do que nunca e suas qualidades físicas e mentais a um grau significativo (possivelmente muito grande) serão mais projetadas neles do que resultado da casualidade (ou da vontade de Deus, ou o que quer que seja); e o que restar de natureza selvagem será reduzido a restos preservados para o estudo científico e mantidos sob a supervisão e direção destes (portanto não será nunca mais verdadeiramente selvagem). Em longo prazo (digamos em poucos séculos) é provável que nem a raça humana nem nenhum dos outros organismos importantes existam da forma como os conhecemos hoje, porque uma vez iniciada a modificação de organismos através da engenharia genética não há mais razão para parar em nenhum ponto em particular, de forma que as modificações provavelmente continuarão até que o homem e outros organismos tenham sido transformados completamente.

178. Seja lá como for não há dúvida que a tecnologia está criando um novo ambiente físico e social radicalmente diferente do espectro ambiental que a seleção natural adaptou à raça humana, física e psicologicamente. Se o homem não se adapta a esse novo ambiente será redesenhado artificialmente, a não ser que se adapte através de um longo e doloroso processo de seleção natural. O primeiro caso é bem mais provável que o segundo.

179. Seria melhor se desfazer de todo esse sistema fedorento e aguentar as consequências.

## ESTRATÉGIA

180. Os tecnófilos estão nos conduzindo a uma viagem totalmente imprudente ao desconhecido. Muita gente sabe o que o progresso tecnológico está fazendo conosco, no entanto toma uma atitude passiva porque acha que é inevitável. Mas o FC não acredita que o seja. Cremos que se pode parar, e daremos aqui algumas indicações de como proceder para pará-lo.

181. Como afirmamos no parágrafo 166, as duas tarefas principais para o presente é promover a tensão social e a instabilidade na sociedade industrial e desenvolver e propagar uma ideologia que se oponha à tecnologia e ao sistema industrial. Quando o sistema esteja suficientemente instável e com tensão, pode que seja possível uma revolução contra a tecnologia. O modelo seria similar ao da Revolução Francesa e Russa. A sociedade francesa e a russa, algumas décadas anteriores às suas respectivas revoluções, mostraram um incremento dos sinais de tensão e debilidade. Enquanto, desenvolveram-se ideologias que ofereciam uma nova visão do mundo que eram bastante diferentes à velha. No caso russo, os revolucionários trabalhavam ativamente para minar a velha ordem. Então, quando o velho sistema foi posto sob suficiente tensão adicional (por meio de uma crise financeira em França e em Rússia por uma derrota militar) foi varrido pelos revolucionários. O que propomos é algo na mesma linha.

182. Objetar-se-á que as revoluções francesa e russa fracassaram. Mas a maior parte das revoluções tem duas finalidades. Uma é destruir a forma velha de sociedade e a outra é estabelecer a nova forma concebida pelos revolucionários. As revoluções francesa e russa fracassaram (felizmente) em criar o novo tipo de sociedade que sonhavam, mas foram bastante afortunadas destruindo a velha sociedade. Não temos ilusões acerca da facilidade de criar uma forma de sociedade ideal. Nossa finalidade é apenas destruir a forma existente.

183. Uma ideologia com objeto de ganhar apoio entusiasta tem que ter um ideal positivo bem como um negativo; tem que estar A FAVOR de algo bem como CONTRA algo. O ideal positivo que propomos é a Natureza. Isto é, natureza SELVAGEM: aqueles aspectos do funcionamento da Terra e suas coisas viventes que são independentes da administração humana e livres de sua interferência e controle. E como natureza selvagem incluímos a natureza humana, ou seja, aqueles aspectos do funcionamento da pessoa que não estão sujeitos a regulações pela organização social mas que são produtos da casualidade, ou do livre arbítrio, ou Deus (dependendo das opiniões religiosas ou filosóficas).

184. A natureza constitui uma contraposição perfeita à tecnologia por várias razões. A natureza (aquela que está fora do poder do sistema) é o oposto da tecnologia (que procura expandir infinitamente o poder deste). Muita gente concordará que a natureza é bela e tem um tremendo apelo popular. Os ambientalistas radicais JÁ sustentam uma ideologia que exalta a natureza e se opõe à tecnologia. [30] Não é necessário estabelecer qualquer utopia quimérica ou algum novo tipo de ordem social com base na natureza. Ela cuida de si mesma;

foi uma criação espontânea existente muito antes de qualquer sociedade humana, e por incontáveis séculos muitas sociedades humanas diferentes coexistiram com ela sem fazer-lhe excessivo dano. Apenas com o advento da Revolução Industrial o efeito foi realmente devastador. Para aliviar o ataque contra a natureza não é necessário criar um tipo especial de sistema social, basta desfazer-se da sociedade industrial. Sabemos que isto não resolverá todos os problemas. A sociedade industrial já provocou um dano tremendo e as feridas demorarão muito tempo até serem curadas. Além disso, mesmo sociedades pré-industrial podem danificar significativamente natureza. Não entanto, desfazer-se da sociedade industrial seria um grande passo. Aliviaria o pior ataque de forma que feridas poderiam começar a curar-se. Tiraria a capacidade da sociedade organizada de continuar incrementando seu controle sobre a natureza (incluindo a humana). Qualquer tipo de sociedade pode existir depois do desaparecimento do sistema industrial, a verdade é que muita gente viverá próximo da natureza, porque na ausência de tecnologia avançada não há alternativa em que a gente POSSA viver. Para alimentar-se temos que ser camponeses, pastores, pescadores ou caçadores etc. Em termos gerais, a autonomia local tenderia a aumentar, porque a falta de tecnologia avançada e de comunicações rápidas limitará a capacidade dos governos ou outras grandes organizações para controlá-las.

185. E quanto às consequências negativas da eliminação da sociedade industrial bom, não dá para comer o doce e guardá-lo ao mesmo tempo. Para ganhar uma coisa é necessário que sacrificar outra.

186. Muita gente odeia o conflito psicológico. Por esta razão odeia qualquer pensamento sério sobre questões sociais difíceis, e lhes agrada que tais assuntos lhes sejam apresentados em termos simples: ISTO é tudo bom e AQUILO é tudo mau. Portanto, a ideologia revolucionária deve desenvolver-se nos dois níveis.

187. No nível mais sofisticado deve se dirigir a pessoas que sejam inteligentes, pensativas e racionais. O objetivo deve ser criar um núcleo de pessoas avessas ao sistema industrial, mas com bases racionais e sensatas, com total apreciação dos problemas e ambiguidades implicadas, e o preço a pagar para desfazer-se do sistema. É particularmente importante atrair gente deste tipo, já que são capazes e contribuirão para influenciar outros. Essas pessoas devem ser o mais racional possível. Fatos nunca devem ser intencionalmente distorcidos e a linguagem destemperada deve ser evitada. Isto não quer dizer que não se possa apelar às emoções, mas se deve ter cuidado para evitar falsificar a verdade ou fazer alguma outra coisa que destrua a respeitabilidade intelectual da ideologia.

188. No segundo nível, deve se propagar de uma forma simplificada que permita à maioria pouco pensante ver o conflito da tecnologia contra a natureza em termos que não sejam ambíguos. Mas, inclusive neste segundo nível, a ideologia não deve se expressar numa linguagem demasiado pejorativa, imoderada ou irracional que aliene às pessoas do tipo pensativo e racional. Algumas vezes a má e imoderada propaganda atingem avanços de

período curto impressionantes, mas será mais vantajoso a longo prazo manter a lealdade de um pequeno número de pessoas inteligentes e comprometidas do que acordar as paixões de uma multidão pouco pensante e inconstante que muda sua atitude ao sabor de um truque de melhor propaganda. De qualquer maneira, pode ser necessária propaganda do tipo entusiasta quando o sistema estiver perto do ponto de colapsar-se e tenha uma luta final entre ideologias rivais para determinar qual se converterá em dominante quando a velha visão do mundo acabar.

189. Antes dessa luta final, os revolucionários não devem esperar ter uma maioria de pessoas a seu lado. A história está feita por minorias ativas e determinadas, não pela maioria, que raramente tem uma ideia clara e consistente do que realmente quer. Até que chegue o momento do empurrão final para a revolução, a tarefa será menos ganhar o apoio superficial da maioria do que construir um núcleo pequeno de gente profundamente comprometida. No que tange à maioria, será suficiente a conscientização sobre a existência de uma nova ideologia e lembrá-la disso frequentemente. Naturalmente é preferível ter apoio da maioria desde que este apoio não debilite o núcleo seriamente comprometido.

190. Qualquer tipo de conflito social ajuda a desestabilizar o sistema, mas deve-se tomar cuidado sobre quais conflitos devemos estimular. O conflito deve ser travado entre as massas populares e a elite que sustenta o poder na sociedade industrial (políticos, cientistas, executivos de negócios de alto nível, servidores públicos governamentais, etc.). NÃO deve ser travado entre os revolucionários e as massas populares. Por exemplo, seria má estratégia condenar os estadunidenses por seus hábitos de consumo. Em vez disso, o estadunidense médio deve ser retratado como vítima dos anúncios da indústria de mercado, que o absorveram para comprar muito lixo que não precisa e que é uma parca vantagem diante de sua liberdade perdida. Qualquer abordagem das duas é consequente com os fatos. É meramente uma questão de atitude culpar a indústria publicitária de manipular ao público ou condenar o público por permitir ser manipulado. Por uma questão de estratégia o público nunca deve ser culpado.

191. Deve-se pensar duas vezes antes de estimular qualquer outro conflito social entre a elite que sustenta o poder (e que maneja a tecnologia) e o público em geral (sobre os quais a tecnologia exerce seu poder). Por um lado, outros conflitos tendem a distrair a atenção do conflito mais importante (entre o poder da elite e o público em geral, entre a tecnologia e a natureza); por outro lado, outros conflitos podem tender a estimular a tecnologização, porque cada lado do conflito quer usar o poder tecnológico para vencer seu adversário. Isto se vê claramente na rivalidade entre as nações. Também aparece nos conflitos étnicos dentro destas. Por exemplo, nos Estados Unidos muitos líderes negros estão ansiosos por ganhar poder para os afro americanos situando pessoas negras na elite tecnológica. QUEREM COLOCÁ-LOS ali para que tenham muitos servidores públicos governamentais, cientistas e executivos de corporações negras, e assim sucessivamente. Nesse sentido, estão fazendo com que a subcultura afro americana seja absorvida pelo sistema tecnológico. Em termos gerais,

devem ser estimulados apenas aqueles conflitos sociais que possam se encaixar no marco do conflito do poder da elite contra as pessoas comuns, da tecnologia contra a natureza.

192. Não se deve desencorajar conflitos étnicos pela via da militância partidária e dos direitos das minorias (ver parágrafos 21, 29). Os revolucionários devem enfatizar que mesmo sofrendo maior ou menor desvantagens, tais desvantagens têm um significado periférico. Nosso inimigo real é o sistema tecnológico-industrial e na luta contra ele as distinções étnicas não têm importância.

193. O tipo de revolução que temos em mente não implica necessariamente em levante armado contra algum governo. Pode ou não conter violência física, mas não será uma revolução POLÍTICA. Seu foco estará na tecnologia e na economia, não na política. Pode-se conceber (remotamente) que a revolução se restrinja apenas numa mudança massiva de atitudes para com a tecnologia resultando numa desintegração relativamente gradual e sem dor. Mas, se isto ocorrer, seremos muito afortunados. É bem mais provável que a transição a uma sociedade não tecnológica seja muito difícil e esteja cheia de conflitos e desastres.

194. Os revolucionários devem inclusive EVITAR assumir poder político, seja por meios legais ou ilegais, até que o sistema industrial esteja estruturalmente deteriorado e tenha provado seu um fracasso aos olhos de muita gente. Suponhamos por exemplo que algum partido “verde” ganhe o controle do congresso dos Estados Unidos numa eleição. Para evitar trair ou minar sua própria ideologia deveriam tomar medidas vigorosas para voltar o decrescimento econômico. Ao homem comum os resultados pareceriam desastrosos: haveria desemprego em massa, falta de comodidade, etc. Mesmo se os piores efeitos pudessem ser evitados através de uma administração sobre-humanamente hábil, mesmo assim a gente teria que começar a renunciar aos luxos. Cresceria a insatisfação, o partido “verde” seria descartado e os revolucionários sofreriam um sério revés. Por esta razão não devem tentar adquirir poder político até que o sistema se encontre convertido em tal confusão que qualquer apuro será visto como resultado do fracasso do sistema industrial e não da política dos revolucionários. A revolução contra a tecnologia provavelmente terá que ser uma revolução desde abaixo não desde acima.

195. A revolução tem que ser internacional e mundial. Não pode ser levada a cabo na base de nação a nação. Quando se sugere que os Estados Unidos, por exemplo, deve reduzir o progresso tecnológico ou o crescimento econômico as pessoas ficam histéricas e começam a gritar que se ficarmos atrás em tecnologia os japoneses tomarão a dianteira. Santos robôs! O mundo sairá de sua órbita se os japoneses chegarem a vender mais carros do que nós! (O nacionalismo é um grande promotor da tecnologia). Mais razoavelmente se discute que se as nações relativamente democráticas ficarem atrás em tecnologia enquanto perigosas nações ditatoriais como a China, Vietnã e Coreia do Norte continuam progredindo, eventualmente os ditadores podem dominar o mundo. É por isso que o sistema industrial deve ser atacado em

todas as nações simultaneamente na medida em que isto seja possível. Verdadeiramente não há garantias de que o sistema industrial possa ser destruído simultaneamente em todo mundo, e é inclusive concebível que a tentativa de derrocar o sistema pode lançá-lo na mão de ditadores. Esse é o perigo que temos que correr. E vale a pena correr esse risco na medida em que a diferença entre um sistema industrial «democrático» e outro controlado por ditadores é pequena, comparado com a diferença entre um sistema industrial e outro não industrial. A estrutura tecnológico-econômica de uma sociedade é bem mais importante do que sua estrutura política na hora de determinar a maneira como vive o homem comum. (Ver parágrafos 95, 119). Pode-se arguir que um sistema industrial controlado por ditadores seria preferível, porque normalmente se revelam ineficientes, portanto é mais provável que entre em colapso. Vide Cuba.

196. Os revolucionários podem considerar positiva a tendência da economia mundial de convergir para um todo unificado. Acordos de livre comércio como NAFTA e GATT são provavelmente prejudiciais a médio e curto prazo, mas em longo prazo talvez possam ser vantajosos porque fomentam a interdependência econômica entre as nações. Será mais fácil destruir o sistema industrial em uma base mundial se a economia mundial estiver unificada do que derrubá-la em uma nação principal levando ao colapso todas as nações industrializadas.

197. Algumas pessoas acreditam que o homem moderno tem muito poder, muito controle sobre a natureza; eles defendem uma atitude mais passiva por parte da raça humana. Na melhor das hipóteses se expressam pouco claramente, porque não distinguem entre o poder das GRANDES ORGANIZAÇÕES e o poder das PESSOAS e dos PEQUENOS GRUPOS. É um erro pretender impotência e passividade, porque as pessoas PRECISAM de poder. O homem moderno como entidade coletiva – quer dizer, o sistema industrial – tem um imenso poder sobre a natureza, e nós (FC) consideramos isto funesto. Mas as PESSOAS e os GRUPOS PEQUENOS DE PESSOAS atuais têm bem menos poder do que teve o homem primitivo. Em termos gerais, o vasto poder do “homem moderno” sobre a natureza é exercido não por indivíduos o por grupos pequenos, mas por grandes organizações. A extensão com que uma PESSOA comum atualmente pode exercer o poder da tecnologia situa-se dentro de estreitos limites e apenas sob a supervisão e o controle do sistema. (É necessária uma licença para tudo e com ela vêm regras e regulamentos). A pessoa só tem aqueles poderes tecnológicos que o sistema resolve conceder. Seu poder PESSOAL sobre a natureza é pequeno.

198. INDIVÍDUOS e PEQUENOS GRUPOS primitivos na realidade tinham um poder considerável sobre a natureza; ou melhor, DENTRO da natureza. Quando o homem primitivo precisava comida sabia como encontrar e preparar raízes comestíveis, como seguir a pista de uma caça e capturá-la com armas feitas em casa. Sabia como se proteger do calor, do frio, da chuva, dos animais perigosos, etc. Mas provocou relativamente pouco dano à natureza porque o poder COLETIVO da sociedade primitiva era insignificante comparado com o poder COLETIVO da sociedade industrial.



199. Em vez de almejar impotência e passividade, deve-se argumentar que o poder do SISTEMA INDUSTRIAL deve ser destruído, e que isto INCREMENTARÁ amplamente o poder e a liberdade das PESSOAS e dos PEQUENOS GRUPOS.

200. Enquanto o sistema industrial não estiver despedaçado, sua destruição deve ser a ÚNICA meta revolucionária. Outras finalidades distrairiam a atenção e a energia da meta principal. Mais importante, se os revolucionários se dão ao luxo de ter qualquer outra finalidade, se verão tentados a usar a tecnologia como uma ferramenta para atingir essa outra finalidade. Se cederem a essa tentação, cairão diretamente na armadilha tecnológica, porque a tecnologia moderna é um sistema unificado e estreitamente organizado, de forma que a conservação de ALGUMA tecnologia obrigará a conservar A MAIOR PARTE da tecnologia. É tudo ou nada.

201. Suponhamos por exemplo que os revolucionários adotem a “justiça social” como finalidade. Sendo como é a natureza humana, a justiça social não se daria espontaneamente, teria que ser forçada. Com este objeto os revolucionários teriam que manter as organizações e o controle central. Para isso precisariam transporte rápido e comunicação de longa distância, portanto toda a tecnologia necessária para sustentá-los. Para alimentar e vestir os pobres teriam que usar tecnologia agrícola e fabril. E assim sucessivamente. De forma que a tentativa de assegurar justiça social lhes forçaria a reter a maior parte do sistema tecnológico. Não é que tenhamos nada contra a justiça social, mas não dá para permitir que ela interfira no esforço de acabar com o sistema tecnológico.

202. Seria desesperador aos revolucionários tentar atacar o sistema sem usar ALGUMA tecnologia moderna. Na pior das hipóteses têm que usar os meios de comunicação para propagar sua mensagem. Mas devem usar tecnologia moderna para UM só propósito: atacar o sistema tecnológico.

203. Imagine um alcoólico sentado com um tonel de vinho em frente. Suponha que comece a dizer, “o vinho não é mau se usado com moderação, porque pequenas quantidades são boas...”. Bom, você já sabe o que vai acontecer. Não esqueça nunca que a raça humana é como um alcoólico com um tonel de vinho.

204. Os revolucionários devem ter tantos filhos quanto possam. Há uma forte evidência científica de que as atitudes sociais são em grandes números herdadas. Ninguém sugere que uma atitude social seja o resultado direto da constituição genética de uma pessoa, mas parece que os traços da personalidade são em parte herdados e que alguns deles tendem dentro do contexto de nossa sociedade, a tornar uma pessoa mais próxima de sustentar esta ou aquela atitude social. Foram propostas algumas objeções a estas recomendações, mas são débeis e parecem ser motivadas ideologicamente. Em qualquer acontecimento, ninguém nega que as crianças normalmente tendem a sustentar atitudes sociais similares às de seus pais. Em nosso ponto de vista não importa muito se as atitudes passam geneticamente ou através da formação na infância. Em qualquer caso passam.

205. O problema é que muita da gente que está inclinada a rebelar-se contra o sistema industrial está também preocupada com o problema da população, portanto crêem oportuno ter poucos filhos ou nenhum. Desta forma podem estar entregando o mundo a gente que mantém ou ao menos aceita o sistema industrial. Para assegurar a resistência da próxima geração de revolucionários a atual deve reproduzir-se abundantemente. Fazendo isso piorará o problema da população apenas ligeiramente. E o problema importante é acabar com o sistema industrial, porque uma vez tenha passado a população mundial necessariamente decairá (ver parágrafo 167); ao passo que se o sistema industrial sobrevive, continuará desenvolvendo novas técnicas de produção de comida que podem permitir à população mundial incrementar-se quase indefinidamente.

206. Com respeito à estratégia revolucionária, os únicos pontos que insistimos absolutamente são que a única finalidade predominante tem que ser a eliminação da tecnologia moderna e que nenhuma outra finalidade pode se permitir competir com esta. Para o resto, deve-se ter uma abordagem empírica. Se a experiência indica que alguma das recomendações feitas nos parágrafos precedentes não vai dar bons resultados, então se devem descartar.

## **DOIS TIPOS DE TECNOLOGIA**

207. Um argumento que provavelmente surgirá contra nosso modelo de revolução é que certamente fracassará, porque (supostamente) através da história a tecnologia progrediu sempre, nunca regrediu. Assim a regressão tecnológica é impossível. Mas esta pretensão é falsa.

208. Distinguimos dois tipos de tecnologia, que chamamos tecnologia de pequena escala e tecnologia dependente de organizações. A primeira é a que podem usar comunidades de pequena escala sem assistência exterior. A segunda é a que depende de organizações sociais de grande escala. Não sabemos de casos significativos de regressão de tecnologia de pequena escala. A tecnologia dependente de determinada organização social pode sofrer uma regressão quando essa organização entra em colapso. Exemplo: Quando o Império Romano caiu, sua tecnologia de pequena escala sobreviveu porque qualquer artesão inteligente de uma aldeia podia construir, por exemplo, uma roda de água, qualquer ferreiro hábil podia obter aço por métodos romanos... e assim sucessivamente. A tecnologia dependente de organizações romanas sofreu uma regressão. Seus aquedutos se desmoronaram e não se reconstruíram nunca. Perderam-se suas técnicas de construção de calçadas. O sistema romano de saneamento urbano foi esquecido, o mesmo ocorreu nos tempos modernos com o saneamento das cidades europeias semelhantes à antiga Roma.

209. A razão pela qual a tecnologia parece progredir sempre é porque até um século ou dois antes da Revolução Industrial a maioria era de pequena escala. Mas a maior parte desenvolvida posteriormente é tecnologia dependente de organizações. Tomemos como exemplo a geladeira. Sem uma linha de montagem industrial ou sem as facilidades logísticas de uma loja pós-industrial seria virtualmente impossível a um punhado de ferreiros locais construir uma geladeira. Se por algum milagre tivessem a sorte de construí-la, seria inútil sem uma fonte segura de energia elétrica. Pelo que teriam que condensar uma corrente e construir um gerador. Isto requer grandes quantidades de fio de cobre. Imagine tentar fazer tudo isso sem maquinaria moderna. E onde conseguiriam um gás apropriado para a refrigeração? Seria muito mais fácil construir uma casa de gelo, preservar os alimentos desidratando-os ou colhendo-os, como faziam antes da invenção da geladeira.

210. Claramente, se o sistema industrial fosse de uma vez profundamente colapsado, a tecnologia frigorífica seria rapidamente perdida. O mesmo passaria com outras tecnologias dependentes de organizações. E uma vez perdida essa tecnologia para uma geração levaria séculos para reconstruí-la, simplesmente porque levou séculos para construí-la pela primeira vez. Os livros técnicos sobreviventes seriam poucos e dispersos. E a sociedade industrial, se fosse construída desde o princípio sem ajuda externa, só se poderia fazer numa série de etapas: precisas ferramentas para fazer ferramentas para fazer ferramentas para fazer ferramentas... Requer um longo processo de desenvolvimento econômico e de organização social. E, inclusive na ausência de uma ideologia oposta à tecnologia, não há razão para pensar que alguém estaria interessado em reconstruir a sociedade industrial. O entusiasmo pelo “progresso” é um fenômeno particular da forma moderna de sociedade, e parece não ter existido antes do século XVII ou por aí.

211. Na última parte da Idade Média, tinha quatro civilizações importantes que estavam igualmente “avançadas”: Europa, o mundo islâmico, Índia, e o Longínquo Oriente (Chinesa, Japão, Coreia). Três destas civilizações permaneceram mais ou menos estáveis e só Europa se dinamizou. Ninguém sabe porque Europa se dinamizou neste período, os historiadores têm suas teorias, mas só são especulações. De qualquer forma, está claro que o desenvolvimento rápido para uma forma tecnológica da sociedade só ocorre sob condições especiais. Pelo que não há razão para dar por certo que uma regressão tecnológica duradoura não pode ocorrer.

212. Poderia a sociedade EVENTUALMENTE desenvolver-se novamente em direção a uma forma tecnológica industrial? Quiçá, mas não há razão para se preocupar com isto, porque nós não podemos prever ou controlar os acontecimentos na faixa de 500 ou 1000 anos. Esses problemas têm que ser solucionados pelas pessoas que então estiverem vivas.

## O PERIGO DO ESQUERDISMO

213. Devido a sua necessidade pela rebelião e por serem membros de um movimento, os esquerdistas ou as pessoas de tipo psicológico similar são com frequência atraídos por movimentos de rebeldia ou ativismos cujos objetivos e membros não são inicialmente esquerdistas. O resultado da entrada de esquerdistas pode, facilmente, transformar um movimento não esquerdista num esquerdista, de maneira que as finalidades esquerdistas substituem ou mudam os objetivos iniciais do movimento.

214. Para evitar isto, um movimento que exalta a natureza e que se opõe à tecnologia, deve fazer um acordo contra os esquerdistas e deve evitar a colaboração com estes. O esquerdismo está em larga escala em contradição com a natureza selvagem, com a liberdade humana e com a eliminação da tecnologia moderna. O esquerdismo é coletivista; está procurando vincular o mundo inteiro (ambos, a natureza e a raça humana) num todo unificado. Mas isto implica o manejo da natureza e da vida humana por uma sociedade organizada, e requer tecnologia avançada. Não dá para ter o mundo unido sem meios de transportes rápidos e sem comunicações, não dá para fazer com que todo mundo se submeta sem técnicas psicológicas sofisticadas, não dá para construir uma “sociedade planejada” sem uma base tecnológica necessária. Além de tudo, o esquerdismo é conduzido pela necessidade de poder, e o esquerdista requer tal poder em bases coletivas, através da identificação com um movimento de massas ou uma organização. O esquerdismo provavelmente nunca renunciará à tecnologia, porque a tecnologia é uma fonte demasiado valiosa de poder coletivo.

215. O anarquista também procura o poder, mas o procura em bases individuais ou de pequenos grupos; quer que estes sejam capazes de controlar as circunstâncias de suas próprias vidas. Opõe-se à tecnologia porque ela faz que pequenos grupos dependam de grandes organizações. Esta declaração se refere a um determinado tipo de anarquismo. Uma ampla variedade de atitudes sociais foram respostas “anarquistas”, talvez muitos que se consideram anarquistas não aceitem esta declaração. Convém ressaltar, por outra parte, que há um movimento anarquista não-violento cujos membros provavelmente não aceitam a FC como anarquista e seguramente não aprovarão nossos métodos violentos.

216. Alguns esquerdistas se opõem à tecnologia apenas aparentemente, eles se opõem quando não tem acesso nem controlam a tecnologia do sistema. Na medida em que o esquerdismo domina a sociedade, o sistema tecnológico torna-se um instrumento nas mãos dos esquerdistas, eles não apenas o utilizam com entusiasmo como também promovem seu crescimento. Ao fazê-lo eles repetem um padrão visto no passado. Quando os bolcheviques na Rússia ainda estavam sem o poder nas mãos, eles se opunham energicamente à censura e à polícia secreta, eles defendiam a autodeterminação para as minorias étnicas, e assim por diante; mas logo que tomaram o poder, elas impuseram uma censura ainda mais rigorosa e criaram uma polícia secreta ainda mais cruel que a dos tsares, e passaram a oprimir as minorias étnicas da mesma forma que os tsares faziam. Nos Estados Unidos, décadas atrás,

quando os esquerdistas eram minoria nas universidades, os professores esquerdistas eram vigorosos defensores da liberdade acadêmica. Hoje, nas universidades onde os esquerdistas são maioria, já demonstram disposição de tolher a liberdade acadêmica de vertentes que em sua visão se afasta daquilo que julgam ser o “politicamente correto”. O mesmo vai acontecer com os esquerdistas com relação à tecnologia: no momento em que esta cair sob seu controle ela será utilizada para oprimir outras pessoas.

217. Por repetidas vezes nas revoluções recentes, os esquerdistas sequeiros por poder são os primeiros a colaborar tanto com não-esquerdistas revolucionários como com esquerdistas de inclinação mais libertária, para depois traí-los e tomar o poder para si próprios. Robespierre fez isso na Revolução Francesa, os bolcheviques na Revolução Russa, os comunistas na Espanha em 1938, e Castro e seus seguidores em Cuba. Diante desse passado histórico do esquerdismo, seria absolutamente insensato aos não-esquerdistas revolucionários colaborar com esquerdistas hoje.

218. Diversos pensadores salientaram que esquerdismo é uma espécie de religião. Esquerdismo não é uma religião no sentido estrito, porque a doutrina esquerdista não postula a existência de qualquer ser sobrenatural. Mas para a esquerda, o esquerdismo psicológico desempenha um papel muito similar àquele que a religião desempenha para algumas pessoas. O esquerdista tem de acreditar em esquerdismo, fato que exerce um papel essencial em sua psique. Suas crenças não são facilmente modificadas pela lógica ou pelos fatos. Ele tem uma profunda convicção de que é o esquerdismo é moralmente Correto, com um capital histórico Correto, e que ele tem não apenas o direito, mas o dever moral de impor o esquerdismo em todas as pessoas. (No entanto, muitas das pessoas às quais estamos nos referindo como “esquerdistas” não se julgam esquerdistas e não descrevem seu sistema de crenças como esquerdismo. Usamos o termo “esquerdismo” porque desconhecemos outra palavra que melhor designe o espectro de crenças relacionadas a feminismo, direitos gay, politicamente correto, etc, e pelo fato destes movimentos terem uma forte afinidade com a antiga esquerda.). (Ver parágrafos 227-230).

219. O esquerdismo é uma força totalitária. Sempre que o esquerdismo alcança o poder tende a invadir cada canto privado e a moldar cada um na forma esquerdista. Em parte, isso é devido ao caráter quase religioso do esquerdismo; tudo que se contrapõe à crença esquerdista representa o Pecado. Mais importante, o esquerdismo é uma força totalitária porque o esquerdista se move pelo poder. O esquerdista procura satisfazer sua necessidade de poder através da identificação com um movimento social e tenta assumir o controle de todo o processo no intuito de atingir os objetivos do movimento. (Veja parágrafo 83). Não importa o quanto o movimento avançou na realização dos seus objetivos, o esquerdista nunca está satisfeito, porque o seu ativismo é um substituto da atividade (veja parágrafo 41). Ou seja, o que move o esquerdismo não se ater às ostensivas metas do movimento; na realidade ele é motivado pela sensação de poder que ele adquire na luta e por alcançar uma meta social.

Por conseguinte, o esquerdista nunca está satisfeito com as metas que ele já alcançou; sua necessidade de possuir a necessidade de alçar ao poder leva-o sempre a ostentar alguma nova meta. O esquerdista prega a igualdade de oportunidades para as minorias, mas ele tem critérios estatísticos próprios sobre isso. Quando chegam ao poder e a realidade mostra minorias ainda sem oportunidades, e se em algum canto da sua mente surge uma atitude negativa com relação a essas minorias, e isso não se refere apenas às minorias étnicas; ninguém pode ser autorizado a ter uma atitude negativa para com homossexuais, deficientes, obesos, idosos, feios, e assim por diante. Quer dizer, não é suficiente que os cidadãos sejam informados sobre os perigos do tabagismo; uma advertência tem que ser carimbada em cada pacote de cigarros. Depois, a publicidade do cigarro tem de ser limitada, se não for proibida. Os esquerdistas nunca estarão satisfeitos até que o uso de tabaco seja proibido, depois será a vez do álcool e, em seguida da maconha, de certos tipos de alimento, etc. Os ativistas têm lutado contra o abuso infantil, o que é razoável. Mas agora eles querem pôr termo a toda palmadinha. Quando alcançarem isso eles vão querer proibir algo mais que consideram nocivo e, em seguida, outra coisa e depois outra. Eles nunca estarão satisfeitos até que na prática tenham controle total sobre todas as crianças. Então passarão para outra causa.

220. Suponha que você peça para os esquerdistas fazerem uma lista de todas as coisas erradas na sociedade e, em seguida, suponha que você institua CADA mudança social que eles pediram. Seguramente dentro de alguns anos a maioria dos esquerdistas encontrará algo de novo para queixar-se, alguns novos “males” sociais para corrigir, porque mais uma vez o esquerdista é motivado menos pela angústia dos males sociais do que pela necessidade de afirmar-se pessoalmente pela imposição de supostas soluções.

221. Devido às restrições arraigadas em seus pensamentos e comportamento pelo seu elevado nível de socialização, muitos esquerdistas do tipo sobressocializado não podem afirmar-se da forma como outras pessoas fazem. Para eles afirmação pessoal tem apenas uma saída moral aceitável, lutar para impor sua moral a todo mundo. Talvez isso seja uma condição necessária, um ingrediente de qualquer movimento revolucionário. Isto representa um problema com o qual temos de admitir que não sabemos como lidar. Não sabemos como aproveitar as energias do Verdadeiro Fiel para uma revolução contra a tecnologia. Atualmente, todos nós podemos dizer é que não serão os Verdadeiros Fiéis que garantirão o sucesso da revolução a menos que seu compromisso seja exclusivamente com a destruição de tecnologia. Eles podem querer usar a tecnologia como ferramenta ideal para a prossecução alheia.

222. Esquerdistas, especialmente os do tipo sobressocializado, são fiéis, no sentido de Eric Hoffer do livro, “O Verdadeiro Fiel”. Mas nem todos os fiéis são do mesmo tipo psicológico enquanto esquerdistas. Presumivelmente um Verdadeiro Fiel nazi, por exemplo, é psicologicamente muito diferente de um Verdadeiro Fiel esquerdista. Devido a sua capacidade de devoção a uma só causa, os Verdadeiros Fiéis são úteis. Podem ser um ingrediente necessário a todo movimento revolucionário. Mas isto apresenta um problema que

devemos reconhecer não saber como tratar. Não estamos seguros de como aproveitar as energias do Verdadeiro Fiel para uma revolução contra a tecnologia. No presente, tudo o que podemos dizer é que nenhum Verdadeiro Fiel será útil à revolução, a menos que seu comprometimento único seja destruir a tecnologia. Se estiver comprometido também com outra ideia, pode querer usar a tecnologia como ferramenta para perseguir outro ideal (ver parágrafos 220, 221).

223. Alguns leitores podem dizer: “Essas coisas sobre esquerdismo são um monte de asneiras. Sei que João e Joana são típicos esquerdistas e eles não têm todas estas tendências totalitárias”. É bem verdade que muitos esquerdistas, talvez a maioria, são pessoas decentes que acreditam sinceramente na tolerância a outros valores (até certo ponto) e não aprovam a utilização de métodos e instrumentos inadequados para atingir os seus objetivos sociais. Nossas observações sobre esquerdismo não são destinadas a serem aplicadas a cada indivíduo esquerdista, mas para descrever o caráter geral do esquerdismo enquanto movimento. E o caráter de um movimento em geral não é necessariamente determinado pela proporção numérica dos diversos tipos de pessoas envolvidas no movimento.

224. As pessoas que galgam a posições de poder no movimento esquerdista tendem a ser esquerdistas cada vez mais sequiosos por poder, porque as pessoas mais sequiosas por poder são aquelas que lutam duramente para chegar a posições de poder. Depois que os sedentos por poder conquistam o controle do movimento, muitos esquerdistas independentes se sentem angustiados e traídos e passam a desaprovar muitas das ações de seus líderes, mas não chegam ao ponto de opor-se a eles. A fé no movimento é mantida e por não poderem renunciar a esta fé seguem junto com os líderes. Verdadeiramente, alguns raros esquerdistas corajosamente se opõem a uma eventual tendência totalitária, mas geralmente caem no vazio, porque os sedentos por poder estão melhores organizadas, são mais cruéis, maquiavélicos e cuidam de escorar-se em uma forte base.

225. Este fenômeno apareceu claramente na Rússia e em outros países onde os esquerdistas tomaram o poder. Antes do fracasso do comunismo na URSS, os esquerdistas de ocidente raramente criticaram esse país. No máximo admitirão que a URSS fez muitas coisas ruins, mas depois tentarão encontrar desculpas para os comunistas e começarão a falar sobre os erros do ocidente. Sempre se opuseram à resistência militar de ocidente à agressão comunista. Esquerdistas de todo mundo protestaram vigorosamente contra a ação militar dos EUA no Vietnã, mas quando a U.R.S.S. invadiu o Afeganistão não fizeram nada. Não porque aprovassem a ação soviética, mas por sua fé esquerdista, simplesmente não puderam se opor ao comunismo. Hoje nas universidades onde a «correção política» se tornou dominante, provavelmente há esquerdistas que particularmente desaprovam a supressão da liberdade acadêmica, mas a adotam assim mesmo.

226. Assim o fato de que muitos esquerdistas serem pessoalmente moderados e bastante tolerantes não significa que o esquerdismo como e de ser uma tendência totalitária.

227. Nossa discussão do esquerdismo tem uma debilidade séria. Estamos ainda longe de aclarar o que queremos dizer com a palavra «esquerdista». Não parece que possamos avançar muito sobre isto. Hoje o esquerdismo está fragmentado em todo um espectro de ativismo. No entanto, nem todos têm esta tendência e alguns movimentos (por exemplo, os ambientalistas radicais) parecem incluir ambas as personalidades, do tipo esquerdista e inteiramente não esquerdistas, os quais devem discernir melhor antes de colaborar com os primeiros. Variedades de esquerdistas se convertem gradualmente em variedades de não esquerdistas e nós mesmos estaríamos com frequência em dificuldades para decidir se uma determinada pessoa é ou não um esquerdista. Enquanto não for precisamente definida, nossa concepção é explicada pela discussão que apresentamos neste artigo, e só podemos aconselhar ao leitor para que use seu próprio juízo para decidir quem é um esquerdista.

228. Mas será útil catalogar alguns critérios para o diagnóstico. Estes critérios não podem ser aplicados de uma maneira seca. Algumas pessoas podem reunir alguns dos critérios sem ser esquerdistas, alguns esquerdistas podem não reunir nenhum dos critérios. Novamente convém usar o bom senso.

229. O esquerdista está orientado para um colectivismo em grande escala. Enfatizamos a obrigação do indivíduo de servir à sociedade e a obrigação da sociedade de cuidar do indivíduo. O esquerdista tem uma atitude negativa para o individualismo. Com frequência usa um tom moralista. Tende a defender o controle de armas, educação sexual e outros métodos psicológicos de educação “iluminados”. Defende o planejamento, a ação afirmativa, o multiculturalismo. Tende a identificar-se com vítimas. Tende a ser contra a competição e a violência, mas encontra desculpas para aqueles esquerdistas que usam a violência. Agradá-lhe muito usar chavões da esquerda como “racismo”, “sexismo”, “homofobia”, “capitalismo”, “imperialismo”, “neocolonialismo”, “genocídio”, “mudança social”, “responsabilidade social”. Talvez o melhor diagnóstico seja a característica de tender a simpatizar com os seguintes movimentos: feminismo, direitos dos homossexuais, minorias étnicas, incapacitados, direitos dos animais, correção política. Qualquer um que simpatize com força com TODOS estes movimentos é quase com certeza um esquerdista. [36]

230. Os esquerdistas mais perigosos, isto é, aqueles que são mais sedentos por poder, são frequentemente caracterizados pela arrogância ou por uma abordagem dogmática à ideologia. No entanto, os mais perigosos esquerdistas de todos podem ser certos tipos supersocializados que evitam exibições irritantes de agressividade e se abstêm de anunciar seu esquerdismo, mas trabalham silenciosamente e discretamente para promover valores coletivistas, técnicas psicológicas “iluminadas” para socializar crianças, dependência do indivíduo no sistema e assim por diante. Esses cripto esquerdistas (como podemos chamá-los) se aproximam de certos tipos burgueses no que diz respeito à ação prática, mas diferem deles em psicologia,



ideologia e motivação. O burguês comum tenta colocar as pessoas sob controle do sistema para proteger seu modo de vida, ou ele faz isso simplesmente porque suas atitudes são convencionais. O cripto esquerdista tenta colocar as pessoas sob controle do sistema porque ele é um Verdadeiro Crente em uma ideologia coletivista. O cripto esquerdista é diferenciado do esquerdista médio do tipo supersocializado pelo fato de que seu impulso rebelde é mais fraco e ele é mais seguramente socializado. Ele é diferenciado do burguês comum bem socializado pelo fato de que há alguma carência profunda dentro dele que torna necessário que ele se dedique a uma causa e mergulhe em uma coletividade. E talvez seu (bem sublimado) impulso pelo poder seja mais forte do que o do burguês médio.

## **NOTA FINAL**

231. Ao longo deste artigo fizemos declarações imprecisas, outras que deviam ter todo tipo de qualificações somadas a elas e algumas outras podem ser inteiramente falsas. A falta de informação suficiente e a necessidade de brevidade nos impossibilitam formular nossas afirmações mais precisamente ou acrescentar todas as qualificações necessárias. Portanto, uma discussão desta natureza precisa confiar bastante no juízo intuitivo e isso algumas vezes pode não funcionar adequadamente. Assim, não pretendemos que este artigo expresse mais do que uma rude abordagem da verdade.

232. Contudo, estamos razoavelmente seguros de que o esquema geral do quadro que pintamos é mais ou menos correto. Retratamos o esquerdismo em sua forma moderna como um fenômeno peculiar de nosso tempo e como um sintoma do colapso dos processos de afirmação pessoal. Mas talvez estejamos estar equivocados sobre isto. Os tipos sobressocializados que tentam satisfazer seu impulso de afirmação impondo sua moralidade a todo mundo certamente têm estado ativos há muito tempo. Mas ACREDITAMOS que o papel decisivo exercido pelos sentimentos de inferioridade, baixa autoestima, impotência, identificação com vítimas por parte de gente que não é vítima, é uma peculiaridade do esquerdismo moderno. A identificação de não vítimas com vítimas pode ser vista em certa extensão no esquerdismo do século XIX e no cristianismo primitivo, mas até onde o podemos explicar, os sintomas de baixa autoestima, etc., não eram tão evidentes nestes movimentos, ou em nenhum outro, como o são no esquerdismo moderno. Mas não estamos em posição de alegar com segurança que tais coisas não existiam antes do esquerdismo moderno.

## NOTAS

**1 (Parágrafo 19)** Não estamos afirmando que todos, ou mesmo a maioria, dos valentões e competidores implacáveis sofrem de sentimentos de inferioridade.

**2 (Parágrafo 25)** Durante o período vitoriano, muitas pessoas supersocializadas sofriam de sérios problemas psicológicos como resultado de reprimir ou tentar reprimir seus sentimentos sexuais. Freud aparentemente baseou suas teorias em pessoas desse tipo. Hoje, o foco da socialização mudou do sexo para a agressão.

**3 (Parágrafo 27)** Não necessariamente incluindo especialistas em engenharia ou ciências “duras”.

**4 (Parágrafo 28)** Há muitos indivíduos das classes média e alta que resistem a alguns desses valores, mas geralmente sua resistência é mais ou menos encoberta. Essa resistência aparece na mídia de massa apenas em uma extensão muito limitada. O principal impulso da propaganda em nossa sociedade é a favor dos valores declarados. A principal razão pela qual esses valores se tornaram, por assim dizer, os valores oficiais de nossa sociedade é que eles são úteis para o sistema industrial. A violência é desencorajada porque perturba o funcionamento do sistema. O racismo é desencorajado porque os conflitos étnicos também perturbam o sistema, e a discriminação desperdiça os talentos de membros de grupos minoritários que poderiam ser úteis ao sistema. A pobreza deve ser “curada” porque a subclasse causa problemas para o sistema e o contato com a subclasse diminui o moral das outras classes. As mulheres são encorajadas a ter carreiras porque seus talentos são úteis ao sistema e, mais importante, porque ao ter empregos regulares, as mulheres se tornam mais integradas ao sistema e vinculadas diretamente a ele, em vez de às suas famílias. Isso ajuda a enfraquecer a solidariedade familiar. (Os líderes do sistema dizem que querem fortalecer a família, mas o que eles realmente querem dizer é que querem que a família sirva como uma ferramenta eficaz para socializar as crianças de acordo com as necessidades do sistema. Argumentamos nos parágrafos 51, 52 que o sistema não pode se dar ao luxo de deixar a família ou outros grupos sociais de pequena escala serem fortes ou autônomos.)

**5 (Parágrafo 42)** Pode-se argumentar que a maioria das pessoas não quer tomar suas próprias decisões, mas quer que os líderes pensem por elas. Há um elemento de verdade nisso. As pessoas gostam de tomar suas próprias decisões em pequenas questões, mas tomar decisões sobre questões difíceis fundamentais requer enfrentar o conflito psicológico, e a maioria das pessoas odeia conflito psicológico. Portanto, elas tendem a se apoiar em outros para tomar decisões difíceis. Mas isso não significa que elas gostam de ter decisões impostas a elas sem ter qualquer oportunidade de influenciar essas decisões. A maioria das pessoas são seguidores naturais, não líderes, mas gostam de ter acesso pessoal direto aos seus líderes, querem ser capazes de influenciar os líderes e participar até certo ponto na tomada de decisões difíceis. Pelo menos até esse ponto, precisam de autonomia.

**6 (Parágrafo 44)** Alguns dos sintomas listados são semelhantes aos apresentados por animais enjaulados. Para explicar como esses sintomas surgem da privação com relação ao processo de poder: o senso comum entendimento da natureza humana diz que a falta de objetivos cuja obtenção requer esforço leva ao tédio e que o tédio, por muito tempo continuado, muitas vezes leva eventualmente à depressão. O fracasso em atingir objetivos leva à frustração e à redução da autoestima. A frustração leva à raiva, a raiva à agressão, muitas vezes na forma de abuso do cônjuge ou da criança. Foi demonstrado que a frustração por muito tempo continuada geralmente leva à depressão e que a depressão tende a causar culpa, distúrbios do sono, distúrbios alimentares e sentimentos ruins sobre si mesmo. Aqueles que estão tendendo à depressão buscam o prazer como um antídoto; daí o hedonismo insaciável e o sexo excessivo, com perversões como um meio de obter novos chutes. O tédio também tende a causar excessiva busca de prazer, pois, na falta de outros objetivos, as pessoas geralmente usam o prazer como um objetivo.

**7 (Parágrafo 52)** Uma exceção parcial pode ser feita para alguns grupos passivos e introspectivos, como os Amish, que têm pouco efeito na sociedade em geral. Além destes, algumas comunidades genuínas de pequena escala existem na América hoje. Por exemplo, gangues de jovens e “cultos”. Todos os consideram perigosos, e eles são, porque os membros desses grupos são leais principalmente uns aos outros e não ao sistema, portanto o sistema não pode controlá-los. Ou pegue os ciganos. Os ciganos geralmente escapam de roubos e fraudes porque suas lealdades são tais que eles sempre conseguem que outros ciganos deem testemunhos que “provem” sua inocência. Obviamente, o sistema estaria em sérios apuros se muitas pessoas pertencessem a tais grupos. Alguns dos pensadores chineses do início do século XX que estavam preocupados com a modernização da China reconheceram a necessidade de quebrar grupos sociais de pequena escala, como a família: “(De acordo com Sun Yat-sen) o povo chinês precisava de uma nova onda de patriotismo, que levaria a uma transferência de lealdade da família para o estado... (De acordo com Li Huang) os vínculos tradicionais, particularmente com a família, tinham que ser abandonados se o nacionalismo fosse desenvolver-se na China.” (Chester C. Tan, “Pensamento Político Chinês no Século XX”, página 125, página 297.)

**8 (Parágrafo 56)** Sim, sabemos que a América do século XIX tinha seus problemas, e sérios, mas por uma questão de brevidade, temos que nos expressar em termos simplificados.

**9 (Parágrafo 61)** Deixamos de lado a “subclasse”. Estamos falando do mainstream.

**10 (Parágrafo 62)** Alguns cientistas sociais, educadores, profissionais de “saúde mental” e afins estão fazendo o melhor para empurrar os impulsos sociais para o grupo 1, tentando garantir que todos tenham uma vida social satisfatória.

**11 (Parágrafos 63, 82)** O impulso para aquisição material infinita é realmente uma criação artificial da indústria de publicidade e marketing? Certamente não há um impulso humano inato para aquisição material. Houve muitas culturas nas quais as pessoas desejaram pouca riqueza material além do que era necessário para satisfazer suas necessidades físicas básicas (aborígenes australianos, cultura camponesa tradicional mexicana, algumas culturas africanas). Por outro lado, também houve muitas culturas pré-industriais nas quais a aquisição material desempenhou um papel importante. Então não podemos afirmar que a cultura atual orientada para aquisição é exclusivamente uma criação da indústria de publicidade e marketing. Mas está claro que a indústria de publicidade e marketing teve um papel importante na criação dessa cultura. As grandes corporações que gastam milhões em publicidade não gastariam esse tipo de dinheiro sem uma prova sólida de que estavam recebendo de volta em aumento de vendas. Um membro da FC conheceu um gerente de vendas alguns anos atrás que foi franco o suficiente para lhe dizer: “Nosso trabalho é fazer as pessoas comprarem coisas que não querem e não precisam”. Ele então descreveu como um novato não treinado poderia apresentar às pessoas os fatos sobre um produto, e não fazer nenhuma venda, enquanto um vendedor profissional treinado e experiente faria muitas vendas para as mesmas pessoas. Isso mostra que as pessoas são manipuladas para comprar coisas que realmente não querem.

**12 (Parágrafo 64)** O problema da falta de propósito parece ter se tornado menos sério durante os últimos 15 anos ou mais, porque as pessoas agora se sentem menos seguras física e economicamente do que antes, e a necessidade de segurança lhes fornece um objetivo. Mas a falta de propósito foi substituída pela frustração sobre a dificuldade de atingir a segurança. Enfatizamos o problema da falta de propósito porque os liberais e esquerdistas gostariam de resolver nossos problemas sociais fazendo com que a sociedade garantisse a segurança de todos; mas se isso pudesse ser feito, só traria de volta o problema da falta de propósito. A questão real não é se a sociedade fornece bem ou mal para a segurança das pessoas; o problema é que as pessoas dependem do sistema para sua segurança em vez de tê-la em suas próprias mãos. Isso, a propósito, é parte da razão pela qual algumas pessoas ficam preocupadas com o direito de portar armas; a posse de uma arma coloca esse aspecto de sua segurança em suas próprias mãos.

**13 (Parágrafo 66)** Os esforços dos conservadores para diminuir a quantidade de regulamentação governamental são de pouco benefício para o homem comum. Por um lado, apenas uma fração das regulamentações pode ser eliminada porque a maioria das regulamentações é necessária. Por outro lado, a maior parte da desregulamentação afeta os negócios em vez do indivíduo comum, de modo que seu principal efeito é tirar o poder do governo e dá-lo a corporações privadas. O que isso significa para o homem comum é que a interferência do governo em sua vida é substituída pela interferência de grandes corporações, que podem ter permissão, por exemplo, para despejar mais produtos químicos que entram em seu suprimento de água e lhe dão câncer. Os conservadores estão apenas tomando o homem comum por um otário, explorando seu ressentimento do Grande Governo

para promover o poder das Grandes Empresas.

**14 (Parágrafo 73 e 153)** Quando alguém aprova o propósito para o qual a propaganda está sendo usada em um determinado caso, ele geralmente o chama de “educação” ou aplica a ele algum eufemismo semelhante. Mas propaganda é propaganda, independentemente do propósito para o qual é usada.

**15 (Parágrafo 83)** Não estamos expressando aprovação ou desaprovação da invasão do Panamá. Nós apenas a usamos para ilustrar um ponto.

**16 (Parágrafo 95)** Quando as colônias americanas estavam sob o domínio britânico, havia menos e menos efetivas garantias legais de liberdade do que havia depois que a Constituição Americana entrou em vigor, mas havia mais liberdade pessoal na América pré-industrial, tanto antes quanto depois da Guerra da Independência, do que havia depois que a Revolução Industrial se instalou neste país. Citamos “Violência na América: Perspectivas Históricas e Comparativas”, editado por Hugh Davis Graham e Ted Robert Gurr, Capítulo 12 por Roger Lane, páginas 476-478: “A elevação progressiva dos padrões de propriedade e, com ela, a crescente dependência da aplicação da lei oficial (na América do século XIX) ... eram comuns a toda a sociedade.... [A] mudança no comportamento social é tão duradoura e tão disseminada que sugere uma conexão com o mais fundamental dos processos sociais contemporâneos; o da própria urbanização industrial.... Massachusetts em 1835 tinha uma população de cerca de 660.940, 81% rural, esmagadoramente pré-industrial e nativa. Seus cidadãos estavam acostumados a uma considerável liberdade pessoal. Fossem caminhoneiros, fazendeiros ou artesãos, todos estavam acostumados a definir seus próprios horários, e a natureza de seu trabalho os tornava fisicamente independentes uns dos outros.... Problemas individuais, pecados ou mesmo crimes, não eram geralmente causa para uma preocupação social mais ampla...” Mas o impacto dos movimentos gêmeos para a cidade e para a fábrica, ambos apenas ganhando força em 1835, teve um efeito progressivo no comportamento pessoal ao longo do século XIX e no século XX. A fábrica exigia regularidade de comportamento, uma vida governada pela obediência aos ritmos do relógio e do calendário, às exigências do capataz e do supervisor. Na cidade ou vila, as necessidades de viver em bairros muito próximos inibiam muitas ações anteriormente inquestionáveis. Tanto os empregados de colarinho azul quanto os de colarinho branco em estabelecimentos maiores eram mutuamente dependentes de seus semelhantes; assim como o trabalho de um homem se encaixava no de outro, o negócio de um homem não era mais seu. Os resultados da nova organização da vida e do trabalho eram aparentes em 1900, quando cerca de 76% dos 2.805.346 habitantes de Massachusetts foram classificados como urbanos. Muito comportamento violento ou irregular que era tolerável em uma sociedade casual, independente não era mais aceitável na atmosfera mais formalizada e cooperativa do período posterior... A mudança para as cidades tinha, em suma, produzido uma geração mais tratável, mais socializada, mais ‘civilizada’ do que suas predecessoras.”

**17 (Parágrafo 117)** Os apologistas do sistema gostam de citar casos em que as eleições foram decididas por um ou dois votos, mas tais casos são raros.

**18 (Parágrafo 119)** “Hoje, em terras tecnologicamente avançadas, os homens vivem vidas muito semelhantes, apesar das diferenças geográficas, religiosas e políticas. A vida cotidiana de um bancário cristão em Chicago, um bancário budista em Tóquio e um bancário comunista em Moscou é muito mais semelhante do que a vida de qualquer um deles é como a de qualquer homem que viveu mil anos atrás. Essas semelhanças são o resultado de uma tecnologia comum....” L. Sprague de Camp, “The Ancient Engineers,” edição Ballantine, página 17. As vidas dos três bancários não são idênticas. A ideologia tem algum efeito. Mas todas as sociedades tecnológicas, para sobreviver, devem evoluir ao longo aproximadamente da mesma trajetória.

**19 (Parágrafo 123)** Imagine que um engenheiro genético irresponsável pode criar muitos terroristas.

**20 (Parágrafo 124)** Para mais um exemplo de consequências indesejáveis do progresso médico, suponha que uma cura confiável para o câncer seja descoberta. Mesmo que o tratamento seja muito caro para estar disponível para qualquer um, exceto a elite, ele reduzirá muito seu incentivo para impedir a fuga de carcinógenos para o meio ambiente.

**21 (Parágrafo 128)** Como muitas pessoas podem achar paradoxal a noção de que um grande número de coisas boas podem se somar a uma coisa ruim, ilustramos com uma analogia. Suponha que o Sr. A esteja jogando xadrez com o Sr. B. O Sr. C, um Grande Mestre, está olhando por cima do ombro do Sr. A. O Sr. A, é claro quer vencer seu jogo, então se o Sr. C aponta um bom movimento para ele fazer, ele está fazendo um 56 favor ao Sr. A. Mas suponha agora que o Sr. C diga ao Sr. A como fazer todos os seus movimentos. Em cada instância particular, ele faz um favor ao Sr. A ao mostrar-lhe seu melhor movimento, mas ao fazer todos os seus movimentos para ele, ele estraga seu jogo, já que não há sentido em o Sr. A jogar o jogo se outra pessoa faz todos os seus movimentos. A situação do homem moderno é análoga à do Sr. A. O sistema torna a vida de um indivíduo mais fácil para ele de inúmeras maneiras, mas ao fazer isso, ele o priva do controle sobre seu próprio destino.

**22 (Parágrafo 137)** Aqui estamos considerando apenas o conflito de valores dentro do mainstream. Por uma questão de simplicidade, deixamos de fora valores “de fora” como a ideia de que a natureza selvagem é mais importante do que o bem-estar econômico humano.

**23 (Parágrafo 137)** O interesse próprio não é necessariamente interesse próprio material. Pode consistir na realização de alguma necessidade psicológica, por exemplo, promovendo a própria ideologia ou religião.

**24 (Parágrafo 139)** Uma qualificação: É do interesse do sistema permitir um certo grau de liberdade prescrito em algumas áreas. Por exemplo, a liberdade econômica (com limitações e restrições adequadas) provou ser eficaz na promoção do crescimento econômico. Mas apenas a liberdade planejada, circunscrita e limitada é do interesse do sistema. O indivíduo deve sempre ser mantido na coleira, mesmo que a coleira às vezes seja longa (ver parágrafos 94, 97).

**25 (Parágrafo 143)** Não queremos sugerir que a eficiência ou o potencial de sobrevivência de uma sociedade sempre foi inversamente proporcional à quantidade de pressão ou desconforto a que a sociedade submete as pessoas. Esse certamente não é o caso. Há boas razões para acreditar que muitas sociedades primitivas submeteram as pessoas a menos pressão do que a sociedade europeia, mas a sociedade europeia provou ser muito mais eficiente do que qualquer sociedade primitiva e sempre venceu em conflitos com tais sociedades por causa das vantagens conferidas pela tecnologia.

**26 (Parágrafo 147)** Se você acha que uma aplicação mais eficaz da lei é inequivocamente boa porque suprime o crime, então lembre-se de que o crime conforme definido pelo sistema não é necessariamente o que você chamaria de crime. Hoje, fumar maconha é um “crime” e, em alguns lugares nos EUA, também é a posse de uma arma de fogo não registrada. Amanhã, a posse de qualquer arma de fogo, registrada ou não, pode ser considerada crime, e a mesma coisa pode acontecer com métodos desaprovados de criação de filhos, como palmadas. Em alguns países, a expressão de opiniões políticas dissidentes é um crime, e não há certeza de que isso nunca acontecerá nos EUA, já que nenhuma constituição ou sistema político dura para sempre. Se uma sociedade precisa de um grande e poderoso estabelecimento de aplicação da lei, então há algo gravemente errado com essa sociedade; ela deve estar sujeitando as pessoas a pressões severas se tantas se recusam a seguir as regras, ou as seguem apenas porque são forçadas. Muitas sociedades no passado sobreviveram com pouca ou nenhuma aplicação formal da lei.

**27 (Parágrafo 151)** Com certeza, as sociedades do passado tiveram meios de influenciar o comportamento humano, mas eles eram primitivos e de baixa eficácia em comparação com os meios tecnológicos que estão sendo desenvolvidos agora.

**28 (Parágrafo 152)** No entanto, alguns psicólogos expressaram publicamente opiniões indicando seu desprezo pela liberdade humana. E o matemático Claude Shannon foi citado em Omni (agosto de 1987) dizendo: “Eu visualizo um tempo em que seremos para os robôs o que os cães são para os humanos, e estou torcendo pelas máquinas.”

**29 (Parágrafo 154)** Isso não é ficção científica! Depois de escrever o parágrafo 154, nos deparamos com um artigo na Scientific American segundo o qual cientistas estão desenvolvendo ativamente técnicas para identificar possíveis criminosos futuros e tratá-los por uma combinação de meios biológicos e psicológicos. Alguns cientistas defendem a aplicação compulsória do tratamento, que pode estar disponível em um futuro próximo. (Veja "Seeking the Criminal Element", de W. Wayt Gibbs, Scientific American, março de 1995.) Talvez você pense que isso é aceitável porque o tratamento seria aplicado àqueles que podem se tornar criminosos violentos. Mas é claro que não vai parar por aí. Em seguida, um tratamento será aplicado àqueles que podem se tornar motoristas bêbados (eles também colocam em risco a vida humana), depois talvez aos que batem em seus filhos, depois aos ambientalistas que sabotam equipamentos de extração de madeira, eventualmente a qualquer um cujo comportamento seja inconveniente para o sistema.

**30 (Parágrafo 184)** Uma vantagem adicional da natureza como um contra-ideal à tecnologia é que, em muitas pessoas, a natureza inspira o tipo de reverência que é associada à religião, de modo que a natureza poderia talvez ser idealizada em uma base religiosa. É verdade que em muitas sociedades a religião serviu como um suporte e justificativa para a ordem estabelecida, mas também é verdade que a religião frequentemente forneceu uma base para a rebelião. Assim, pode ser útil introduzir um elemento religioso na rebelião contra a tecnologia, ainda mais porque a sociedade ocidental hoje não tem uma forte fundação religiosa. A religião, hoje em dia, ou é usada como suporte barato e transparente para o egoísmo estreito e míope (alguns conservadores a usam dessa forma), ou é até mesmo cinicamente explorada para ganhar dinheiro fácil (por muitos evangelistas), ou degenerou em irracionalismo bruto (seitas protestantes fundamentalistas, "cultos"), ou está simplesmente estagnada (catolicismo, protestantismo de linha principal). A coisa mais próxima de uma religião forte, disseminada e dinâmica que o Ocidente viu nos últimos tempos foi a quase religião do esquerdismo, mas o esquerdismo hoje é fragmentado e não tem um objetivo claro, unificado e inspirador. Portanto, há um vácuo religioso em nossa sociedade que poderia talvez ser preenchido por uma religião focada na natureza em oposição à tecnologia. Mas seria um erro tentar inventar artificialmente uma religião para preencher esse papel. Uma religião inventada como essa provavelmente seria um fracasso. Veja a religião "Gaia" como exemplo. Seus adeptos realmente acreditam nela ou estão apenas encenando? Se estiverem apenas encenando, sua religião será um fracasso no final. Provavelmente é melhor não tentar introduzir a religião no conflito entre natureza e tecnologia, a menos que você realmente acredite nessa religião e descubra que ela desperta uma resposta profunda, forte e genuína em muitas outras pessoas.

**31** Supondo que tal empurrão final ocorra. Concebivelmente, o sistema industrial pode ser eliminado de uma forma um tanto gradual ou fragmentada (ver parágrafos 4, 167 e Nota 32).



**32 (Parágrafo 193)** É até concebível (remotamente) que a revolução possa consistir apenas em uma mudança massiva de atitudes em relação à tecnologia, resultando em uma desintegração relativamente gradual e indolor do sistema industrial. Mas se isso acontecer, teremos muita sorte. É muito mais provável que a transição para uma sociedade não tecnológica seja muito difícil e cheia de conflitos e desastres.

**33 (Parágrafo 195)** A estrutura econômica e tecnológica de uma sociedade é muito mais importante do que sua estrutura política na determinação da maneira como o homem médio vive (ver parágrafos 95, 119 e Notas 16, 18).

**34 (Parágrafo 215)** Esta declaração se refere à nossa marca particular de anarquismo. Uma grande variedade de atitudes sociais foi chamada de “anarquista”, e pode ser que muitos que se consideram anarquistas não aceitariam nossa declaração do parágrafo 215. Deve-se notar, a propósito, que há um movimento anarquista não violento cujos membros provavelmente não aceitariam a FC como anarquista e certamente não aprovariam os métodos violentos da FC.

**35 (Parágrafo 219)** Muitos esquerdistas são motivados também pela hostilidade, mas a hostilidade provavelmente resulta em parte de uma necessidade frustrada de poder.

**36 (Parágrafo 229)** É importante entender que queremos dizer alguém que simpatiza com esses movimentos como eles existem hoje em nossa sociedade. Alguém que acredita que mulheres, homossexuais, etc., devem ter direitos iguais não é necessariamente um esquerdista. Os movimentos feministas, de direitos gays, etc., que existem em nossa sociedade têm o tom ideológico particular que caracteriza o esquerdismo, e se alguém acredita, por exemplo, que as mulheres devem ter direitos iguais, isso não significa necessariamente que deva simpatizar com o movimento feminista como ele existe hoje.

